



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

MARCOS AURÉLIO DOS SANTOS VERTELO

**TERRAS DE SANTO, TERRAS DE HERDEIRO E TERRAS DE PRETO:
territorialidade negra e arqueologia nas comunidades quilombolas de
Araçatiba, Jacarandá e Mucambo (ES)**

SÃO RAIMUNDO NONATO - PI

2023

MARCOS AURÉLIO DOS SANTOS VERTELO

**TERRAS DE SANTO, TERRAS DE HERDEIRO E TERRAS DE PRETO:
territorialidade negra e arqueologia nas comunidades quilombolas de
Araçatiba, Jacarandá e Mucambo (ES)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Campus Serra da Capivara da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, como requisito para a obtenção do título de mestre em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Alencar de Miranda Amaral

Coorientador: Dr. Henrique Antônio Valadares Costa

SÃO RAIMUNDO NONATO - PI

2023

Vertelo, Marcos Aurélio dos Santos

V567t Terras de santo, terras de herdeiro e terras de preto: territorialidade negra e arqueologia nas comunidades quilombolas de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo (ES) / Marcos Aurélio dos Santos Vertelo. – São Raimundo Nonato - PI, 2023.

145 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Alencar de Miranda Amaral.

Coorientador: Prof. Henrique Antônio Valadares Costa.

1. Quilombos – Espirito Santo. 2. Diáspora africana. 3. Arqueologia histórica - Negros. 4. Arqueologia da Paisagem. I. Amaral, Alencar de Miranda. II. Costa, Henrique Antônio Valadares. III. Título. IV. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 930.1

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF

Bibliotecária: Kênia Leandra Ferreira Alves CRB/15: 886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CAMPUS SERRA DA CAPIVARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcos Aurélio dos Santos Vertelo

**TERRAS DE SANTO, TERRAS DE HERDEIRO E TERRAS DE PRETO:
territorialidade negra e arqueologia nas comunidades quilombolas de
Araçatiba, Jacarandá e Mucambo (ES)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Campus Serra da Capivara da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, como requisito para a obtenção do título de mestre em Arqueologia.

Aprovada em: 31 de julho de 2023.

Banca Examinadora

Membros da Banca	Assinaturas
Dr. Alencar de Miranda Amaral - UNIVASF (orientador e presidente da Banca)	Documento assinado digitalmente  ALENCAR DE MIRANDA AMARAL Data: 02/08/2023 11:00:22-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Dr. Marcus Vinícius Santana Lima - UNIVASF	Documento assinado digitalmente  MARCUS VINICIUS SANTANA LIMA ALMEID. Data: 02/08/2023 12:24:45-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Dra. Nívia Paula Dias de Assis - UNIVASF	Documento assinado digitalmente  NIVIA PAULA DIAS DE ASSIS Data: 02/08/2023 15:44:23-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
Dr. Bruno Vitor de Farias Vieira - UNEB	Documento assinado digitalmente  BRUNO VITOR DE FARIAS VIEIRA Data: 02/08/2023 13:11:46-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares e amigos que sempre me apoiaram nos meus sonhos e que participaram direta e indiretamente desta pesquisa.

À minha parceira, Rita Barcelos, pelo apoio e, principalmente, por ter contribuído diretamente na organização deste trabalho.

Ao meu orientador Dr. Alencar de Miranda Amaral que tornou meu percurso no mestrado mais suave e prazeroso.

Minha gratidão especial ao meu amigo e coorientador Dr. Henrique Antônio Valadares Costa.

Aos moradores das comunidades quilombolas de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo.

Às professoras e aos professores do PPArque que contribuíram diretamente na minha formação.

A todos pesquisadores que tive a oportunidade de trabalhar no PET Cultura e no PROext.

Ao articulador cultural Régis que sempre se colocou disponível para a realização das atividades de campo.

À Andrea Correa Lube, diretora da EMEF Araçatiba, que sempre abriu as portas da escola para realizarmos nossas trocas de experiências.

À professora Viviam que me orientou durante boa parte deste mestrado e com quem aprendi muito.

Ao professor Neto, que participou da minha banca de qualificação e muito contribuiu com este trabalho.

Aos membros da banca de defesa, que muito contribuíram na versão final deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa foi o desdobramento de um projeto realizado desde o ano de 2011, junto à comunidade quilombola de Araçatiba, Viana, no Espírito Santo. Ao longo das pesquisas, os documentos levantados e os trabalhos de campo apontaram para uma significativa presença da cultura material oriunda dos séculos XVIII, XIX e início do XX. No século XIX, Araçatiba chegou a ser considerada uma das maiores fazendas do litoral brasileiro. Esta propriedade se destacou como uma das maiores unidades escravistas em terras capixabas. Em seu território, entre o final do século XIX e início do século XX, desenvolveram-se três comunidades quilombolas. Nesse sentido, esta pesquisa pretendeu analisar, por meio dos dados históricos, arqueológicos e etnográficos o processo de formação das comunidades quilombolas de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo. Esta análise foi norteadada pela arqueologia histórica, em especial na temática da arqueologia da diáspora africana. Buscando compreender a relação entre os chamados espaços de autonomia escrava, com a formação de uma territorialidade negra local. Estas comunidades são originárias das chamadas “terras de uso comum”, como as terras de santo, terras de herdeiro e terras de preto. O aporte metodológico teve como base a prosopografia, a arqueologia da paisagem e a etnografia. A primeira fez-se necessária devido à escassez de documentos que apresentem a constituição e o cotidiano da vida das comunidades escravizadas neste território, entre os séculos XVIII e XIX. Já a segunda, teve por finalidade entender se é possível identificar na construção da paisagem social destas comunidades, uma relação com os espaços de autonomia escrava, elaborados entre cativos, libertos, livres e senhores, ainda dentro da rígida estrutura escravista. Por fim, a etnografia ajuda a compreender qual é a relação, na atualidade, dessas três comunidades quilombolas com paisagem e o patrimônio arqueológico constituído neste território, entre os séculos XVIII, XIX e início do século XX.

Palavras-chave: Arqueologia da diáspora africana. Espaços de autonomia escrava. Comunidades quilombolas da antiga fazenda Araçatiba – ES.

ABSTRACT

This research was the result of a project carried out since 2011, with the quilombola community of Araçatiba, Viana, in Espírito Santo. Throughout the research, the documents raised and the field work pointed to a significant presence of material culture from the 18th, 19th and early 20th centuries. In the 19th century, Araçatiba came to be considered one of the largest farms on the Brazilian coast. This property stood out as one of the largest slave units in Espírito Santo lands. In its territory, between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, three quilombola communities developed. In this sense, this research intended to analyze, through historical, archaeological and ethnographic data, the process of formation of the quilombola communities of Araçatiba, Jacarandá and Mucambo. This analysis was guided by historical archaeology, especially in the theme of archaeology of the African diaspora. Seeking to understand the relationship between the so-called spaces of slave autonomy, with the formation of a local black territoriality. These communities originate from the so-called “common use lands”, such as terra de santo, terra de heir and terra de preto. The methodological contribution was based on prosopography, landscape archaeology and ethnography. The first was necessary due to the scarcity of documents that present the constitution and daily life of enslaved communities in this territory, between the 18th and 19th centuries. The second aimed to understand whether it is possible to identify in the construction of the social landscape of these communities, a relationship with spaces of slave autonomy, elaborated between captives, freedmen, free and masters, still within the rigid structure of slavery. Finally, the ethnography helps to understand what is the current relationship between these three quilombola communities with the landscape and the archaeological heritage constituted in this territory, between the 18th, 19th and early 20th centuries.

Keywords: Archeology of the African Diaspora. Slave autonomy spaces. Quilombola communities of the former Araçatiba farm – ES.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do território cultural da fazenda Araçatiba.....	17
Figura 2 - Mapa do território quilombola estudado - Comunidade quilombola de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo.....	18
Figura 3 - Localização do bairro Araçatiba.....	19
Figura 4 - Entrada da comunidade de Araçatiba. Ao fundo o morro de Araçatiba.....	20
Figura 5 - Localização do bairro Jacarandá.....	21
Figura 6 - Visão panorâmica de parte da comunidade de Jacarandá.....	22
Figura 7 - Localização do bairro Mucambo.....	22
Figura 8 - Entrada da comunidade de Mucambo.....	23
Figura 9 - Os jesuítas na capitania do Espírito Santo (1551-1760). Mapa do Espírito Santo mostrando os pontos de fixação dos jesuítas na capitania em meados do século XVIII.....	28
Figura 10 - Tabela e mapa representativo do desenvolvimento da rede dos jesuítas no Espírito Santo.....	29
Figura 11 - Antiga rota de escoamento da produção jesuítica (Araçatiba x Vitória).....	30
Figura 12 - Delimitação da fazenda Jesuítica, segundo os referenciais descritos por Daemon (2010, p. 238-240), que teve como base o inventário da fazenda Araçatiba.....	31
Figura 13 – Mapa do território físico da antiga fazenda Araçatiba.....	35
Figura 14 - Imagem realizada por georreferenciamento de satélite. Com poligonais em amarelo está definida a área do empreendimento.....	36
Figura 15 – Localização do sítio Araçatiba I. Sentido centro de distribuição de gás até a comunidade.....	37
Figura 16 - Vista geral do perfil estratigráfico exposto na estrada ao fundo do morro de Araçatiba.....	38
Figura 17 - Detalhe do perfil estratigráfico exposto.....	38
Figura 18 - Vista geral de um dos alagados abastecidos por fontes de nascentes oriundas do morro de Araçatiba.....	40
Figura 19 - Vista geral das estruturas de embasamento com remanescentes de reboco e alguma pintura na base das antigas paredes	41

Figura 20 – Detalhe da estrutura da antiga escadaria que levava possivelmente ao primeiro pavimento que era suspenso.....	42
Figura 21 – Antigo porto da fazenda Araçatiba - O sobrado nas margens do rio Araçatiba, trata-se do entreposto comercial de Araçatiba, Viana, Espírito Santo. 1907/1908.....	43
Figura 22 - Vista geral das prospecções de parede realizadas na parede lateral da nave da igreja e sacristia sendo realizadas sete prospecções para identificação de alvenaria.....	44
Figura 23 - Estrutura de possível acesso em ruína ao fundo da área atualmente sem construção a poucos centímetros da superfície contrapiso com distribuição regular no quadrante.....	45
Figura 24 – A Mulemba é o ponto de característica do término do sítio arqueológico.....	47
Figura 25 - Fragmentos de cerâmicas encontrados no corte da vala.....	48
Figura 26 - Fragmentos de cerâmica de maior concentração no local.....	48
Figura 27 - Fragmento de faiança fina.....	49
Figura 28 - Triângulo rochoso com marcas de extração de rocha.....	49
Figura 29 - Abrigo 1.....	50
Figura 30 - Abrigo 2.....	50
Figura 31 - Abrigo 3.....	51
Figura 32 - Faiança portuguesa e cerâmica encontradas na gruta.....	51
Figura 33 - Corte na pedreira recente na descida do Morro de Araçatiba.....	52
Figura 34 - Uma das jazidas encontradas na descida no Morro de Araçatiba.....	52
Figura 35 - Área que se encontra a ruína da senzala.....	53
Figura 36 - Coleira de escravos encontrada pelo proprietário atual da fazenda.....	53
Figura 37 - Ruína do muro da senzala.....	54
Figura 38 - Detalhamento da construção do muro.....	54
Figura 39 - Cerâmica aflorando na área de dispersão.....	55
Figura 40 - Área de dispersão onde se encontram fragmentos de cerâmicas.....	55
Figura 41 - Rio Jacarandá que era utilizado para escoamentos da produção agrícola da região.....	56
Figura 42 - Local onde era o Porto da Ilha na planície de inundação.....	57

Figura 43 - Ruína de uma base sólida de pedras, argila e óleo de baleia da casa sede.....	58
Figura 44 - Ruína de uma base sólida de pedras, argila e óleo de baleia da casa dos empregados.....	58
Figura 45 - Área onde foi encontrada uma das ruínas das casas dos empregados.....	59
Figura 46 - Fotografia aérea do Solar do Colégio em 1980, com indicação das áreas escavadas; o tracejado branco diz respeito ao traçado da senzala.....	67
Figura 47 – Cabos de frigideira em forma de figa.....	72
Figura 48 – Representações fálicas em cabos de painéis cerâmicos.....	73
Figura 49 – Pedra polida e duas chaves encontradas no canto da casa senhorial, em sua fundação.....	74
Figura 50 - Detalhe de artefatos líticos polidos e seixos no Altar de Santa Bárbara.....	77
Figura 51 – Imagem do atual Bairro Araçatiba. É possível ver algumas residências, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda e ao fundo o Morro Araçatiba.....	84
Figura 52 - Planta da fazenda Araçatiba – (maio de 1894). Nesta planta a propriedade já aparece dividida entre os herdeiros do Coronel Sebastião Vieira Machado.....	85
Figura 53 - Foto da Igreja Nossa Senhora da Ajuda, em Araçatiba, sem autor (início do século XX). É possível notar a presença do casarão ainda erguido, ao lado da torre da igreja.....	87
Figura 54 – Frente da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda no alto do morro da capela. Foto provavelmente de meados do século XX.....	88
Figura 55 - Destaque para queda do anexo e presença de choça.....	89
Figura 56 – Imagem aérea da comunidade quilombola de Araçatiba – 2019.....	92
Figura 57 - Visão da comunidade de Araçatiba (Morro de Araçatiba ao fundo e Igreja de Nossa Senhora da Ajuda).....	93
Figura 58 - Visão panorâmica da comunidade quilombola de Jacarandá. É possível avistar ao fundo o Morro de Araçatiba, que servia de referência geográfica a época. E no canto inferior direito (Na beira da estrada) uma pequena construção – Trata-se de um bar. Na horizontal e no centro da imagem, é possível ver o traçado do rio Jacarandá.....	94

Figura 59 – Ponte sobre o rio Jacarandá. É possível avistar no alto e a direita o Morro de Araçatiba.....	95
Figura 60 – Na imagem alguns moradores da comunidade reclamam da queda da ponte, cabe ressaltar que nesta imagem a ponte já tinha passado por uma intervenção paliativa.....	97
Figura 61 – Foto da coluna do antigo engenho - comunidade de Jacarandá. Próximo a coluna está o arqueólogo Henrique Valadares e ao lado o pesquisador Rubens Teixeira (em memória).....	98
Figura 62 – Localização do antigo engenho da fazenda Jacarandá e a possível localização do antigo pelourinho.....	99
Figura 63 - Linha de ônibus que liga a comunidade quilombola de Jacarandá ao centro de Guarapari.....	100
Figura 64 – Principal rua do bairro Jacarandá. Localização do núcleo habitacional da comunidade.....	100
Figura 65 – Uma residência da comunidade quilombola de Jacarandá e sua pequena propriedade rural.....	101
Figura 66 - Entrada da comunidade de Mucambo.....	102
Figura 67 – Antiga estrada travessia.....	103
Figura 68 – Escritura das terras adquiridas por sua bisavó.....	104
Figura 69 – A única estrada da comunidade.....	105
Figura 70 – Algumas residências da comunidade.....	105
Figura 71 - Apresentação da banda de congo.....	106
Figura 72 - Mestre Duca, o articulador cultural Regis e o mestre Domingos - Banda de Congo de Mucambo.....	107
Figura 73 - Material de cestaria, na mão do articulador cultural Regis e mestre Duca.....	108
Figura 74 - Material de cestaria, na mão do mestre Domingos.....	109
Figura 75 – Aula de campo à comunidade quilombola de Araçatiba – Um dos pontos visitados as ruínas da antiga residência dos jesuítas.....	111
Figura 76 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Visita as margens do rio Jucu, antiga rota de escoamento da produção da fazenda Araçatiba.....	112
Figura 77 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Visita ao antigo entreposto comercial da fazenda Araçatiba.....	113

Figura 78 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Visita as margens do rio Jucu, antiga rota de escoamento da produção da fazenda Araçatiba.....	114
Figura 79 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Momento de formação que preparou os pesquisadores para o circuito.....	115
Figura 80 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Apresentação do entreposto comercial de Araçatiba.....	115
Figura 81 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Apresentação da antiga residência da família Vieira Machado.....	116
Figura 82 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Os pesquisadores são recepcionados pela banda de congo local “Mãe Petronilha”.....	116
Figura 83 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – O mestre Alício apresenta um dos instrumentos da banda de congo, a casaca, para um dos pesquisadores.....	117
Figura 84 – Matéria falando da visita do grupo de professores estrangeiros à comunidade quilombola de Araçatiba.....	118
Figura 85 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Apresentação do circuito cultural quilombola para as professoras e os professores da EMEF Araçatiba.....	119
Figura 86 – Matéria falando da formação de condutores mirins para atuar no circuito cultural quilombola Araçatiba.....	119
Figura 87 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Apresentação do sítio arqueológico Araçatiba IV aos alunos da EMEF Araçatiba.....	120
Figura 88 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Apresentação da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda.....	120
Figura 89 – Projeto de guias mirins – Apresentação do sítio arqueológico Araçatiba IV.....	122
Figura 90 – Projeto de guias mirins – Apresentação da lenda da criança que chora próxima ao mulemba.....	122

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO.....	26
2.1	UMA BREVE APRESENTAÇÃO HISTÓRICA DA FAZENDA ARAÇATIBA...	26
2.1.1	Toponímia	27
2.1.2	Contexto histórico dos jesuítas na capitania do Espírito Santo e na fazenda Araçatiba: breves apontamentos sobre a ocupação, espacialidade e o cotidiano das pessoas escravizadas da região.....	27
2.2	AS PRIMEIRAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA REGIÃO DA FAZENDA ARAÇATIBA	34
3	REFLEXÕES TEÓRICAS E APORTES CONCEITUAIS DA PESQUISA.....	61
3.1	A CONTRIBUIÇÃO DO CONCEITO DE ESPAÇOS DE AUTONOMIA ESCRAVA NA FORMAÇÃO DA TERRITORIALIDADE NEGRA NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ARAÇATIBA, JACARANDÁ E MUCAMBO	61
3.2	EXEMPLOS DOS ESPAÇOS DE AUTONOMIA ESCRAVA NA ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA.....	64
4	PAISAGEM E ETNOGRAFIA NAS TERRAS DE SANTO, TERRAS DE HERDEIRO E TERRAS DE PRETO – ESPAÇOS DE AUTONOMIA ESCRAVA E A FORMAÇÃO DA PAISAGEM NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ARAÇATIBA, JACARANDÁ E MUCAMBO	79
4.1	A PAISAGEM NA SUA DIMENSÃO FÍSICA, SOCIAL E SIMBÓLICA.....	81
4.2	LUGARES DE MEMÓRIAS AFRODIASPÓRICAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ARAÇATIBA, JACARANDÁ E MUCAMBO – UMA PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM CIRCUITO CULTURAL QUILOMBOLA.....	110
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
	REFERÊNCIAS.....	128
	ANEXO A - MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DO CIRCUITO ARAÇATIBA.....	135
	ANEXO B - MATÉRIA SOBRE O INÍCIO DO PROCESSO FORMATIVO DOS CONDUTORES MIRINS	136
	ANEXO C – MATERIAL DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO GUIAS MIRINS – PRODUZIDO PELA EMEF ARAÇATIBA.	137

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf, Campus Serra da Capivara, é o desdobramento de uma pesquisa que teve início durante a graduação e se estendeu até o mestrado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, entre os anos de 2011 até 2017. De 2011 até o início de 2015, participando como bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET Cultura, no qual foram desenvolvidas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão na comunidade quilombola de Araçatiba.

No PET Cultura, durante o início do 4º período do curso de História, as pesquisas de graduação foram direcionadas a esta comunidade, inclusive foi elaborada uma monografia de graduação, com o título: “Araçatiba: apropriação, transmissão e transição do poder simbólico num matriarcado”, entregue no ano de 2013, conforme Vertelo (2013). Entre 2014 e 2015 participei do Programa de Extensão Universitária – PROext, atuando como pesquisador bolsista, em atividades de mapeamento cultural na comunidade quilombola de Araçatiba. A equipe do PROext era composta por estudantes de diferentes cursos; da mesma forma era a composição do PET cultura. Ambos estavam inseridos dentro do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes – LEENA, Ufes. O PROext tinha na sua dinâmica a participação de pesquisadores de diferentes áreas, além dos estudantes bolsistas. Neste contexto tive contato pela primeira vez com a arqueologia no ano de 2014, em uma atividade de campo na comunidade quilombola de Araçatiba.

Em 2015, já no mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas - Ufes, a ênfase da pesquisa passou a ser às relações escravistas do século XIX, e principalmente, a formação da comunidade afro-brasileira de Araçatiba, que se constituiu entre o contexto de escravidão e o imediato pós-abolição.

Os dados levantados durante todos esses anos de pesquisa realçaram uma significativa presença da cultura material que envolvia o universo dos escravizados, na fazenda Araçatiba, entre os séculos XVIII e XIX. Destacamos também a existência de vários vestígios materiais desse período, que foram apropriados e ressignificados pelas atuais comunidades quilombolas que se desenvolveram nesse território (Vertelo, 2013/2017). Nesse contexto, entendemos a necessidade de dar continuidade

aos trabalhos, porém com maior ênfase à cultura material, o que justifica ter entrado no mestrado em Arqueologia da Univasf, no ano de 2020. Com a mudança do foco das pesquisas para a cultura material, percebemos a necessidade de se estender as pesquisas para outras duas comunidades quilombolas que fazem parte desse território, a saber: Jacarandá e Mucambo. A justificativa para a ampliação do campo de análise da pesquisa se dá pelo fato de que o conceito de espaço de autonomia, que é utilizado nesta pesquisa, já tenha sido empregado na análise da comunidade de Araçatiba, durante a pesquisa de mestrado em História. Portanto, pretendemos empregá-lo, também, na análise das outras duas comunidades.

O conceito de espaço de autonomia escrava que foi utilizado neste trabalho segue as reflexões realizadas por diferentes autores brasileiros, que pesquisam contextos distintos, como João José Reis e Eduardo Silva (1988), Maria Helena P. T. Machado (1988) e Alex Andrade Costa (2009). Estes autores apontam que mesmo na rígida estrutura da escravidão, as pessoas escravizadas atuavam nas brechas, buscando formas de acomodações e sobrevivência. De acordo com Machado:

Baseados numa visão integracionista da sociedade escravista, alguns estudiosos têm sugerido que grupos escravos, na busca de forjar espaços de autonomia econômica, social e cultural, interagiam com o regime de trabalho a que estavam submetidos, respondendo às diferentes conjunturas com acomodação e resistência, moldando, em última análise, o sistema escravista que procurava reduzi-los a meros instrumentos de produção das riquezas colônias (Machado, 1988, p. 146).

Cabe ressaltar que de forma alguma este debate tenta amenizar a crueldade da escravidão. O que se pretende é dar ênfase à atuação ativa das pessoas escravizadas que buscavam nas entrelinhas do sistema escravista forjar seus próprios espaços de sociabilidades, mobilidades, afetividades, religiosidades, criando laços que se configuravam como ações de resistência, que construíram relações que perpassaram a própria estrutura da escravidão e alcançaram o pós-abolição, como veremos no desenvolvimento deste trabalho.

Na tentativa de identificar estes espaços de autonomia escrava em terras capixabas, o debate historiográfico sobre a diáspora africana no Espírito Santo nas duas últimas décadas tem seguido a mesma tendência nacional na produção de trabalhos que perpassam pela compreensão do cotidiano dos escravizados, com ênfase nos enlaces familiares, relações de apadrinhamento, ações judiciais, formação de campesinato negro e o pós-abolição, destacando-se as pesquisas de Campos

(2003-2011), Conde (2011), Dutra (2016), Merlo (2004-2008), Ribeiro (2012-2021), Lago (2013-2019), entre outras.

Uma das características deste debate tem sido o uso de uma gama de fontes, como: inventários *post mortem*, registros eclesiásticos, jornais, relatos de viajantes, dentre outros. Todavia, a cultura material que envolvia o universo afrodiaspórico, ainda, carece de uma maior atenção nos trabalhos acadêmicos do Espírito Santo, e algumas temáticas são pouco exploradas, como: a constituição das paisagens nas comunidades quilombolas, os lugares de memórias, os espaços de sociabilidade, as senzalas, os espaços de trabalho e suas ferramentas, os ambientes ritualísticos e religiosos, os espaços de revoltas, objetos e lugares de tortura, agrupamentos de pessoas escravizadas aquilombadas e suas localizações, a casa-grande, a mobília, os utensílios domésticos e as áreas de escoamento das produções. Temas que ganham cada vez mais relevância no cenário acadêmico brasileiro, com autores como: Agostini (2008, 2009, 2010, 2013), Lima (1993), Symanski (2007, 2010, 2012, 2014, 2015, 2019), Novaes (2017, 2019), Charle (2005), Guimarães (1980, 1990), Souza (2009, 2011), dentre outros.

Esta pesquisa buscou manter um diálogo com a produção nacional, e, sobretudo, com o que tem sido pensado sobre a diáspora africana na Região Sudeste do Brasil, em especial nas pesquisas com antigas fazendas jesuíticas, nas fazendas do Vale do Paraíba, e nas comunidades quilombolas que se desenvolveram nessa região.

A fazenda Araçatiba, fundada durante o século XVIII, logo passou para a administração dos jesuítas. Neste período esta tinha como missão a manutenção do colégio de São Tiago, localizado na capital da capitania do Espírito Santo, em Vitória, e que funcionava como sede administrativa da Companhia de Jesus, em terras capixabas. Sua produção era de suma importância para a manutenção da casa dos padres. Entre suas produções se destacavam: açúcar, cereais e a criação de gado, parte dessa produção era exportada (Vertelo, 2017).

Esta propriedade teve extrema relevância no período jesuítico, com a expulsão dos jesuítas em 1759, os bens inicianos da capitania do Espírito Santo foram confiscados pela Coroa portuguesa, e posteriormente, arrematados por Francisco Antônio de Carvalho, e passou para o condestável Torquato Martins de Araújo. Segundo relatos, Torquato passou a fazenda Araçatiba para o Coronel Bernardino Falcão de Gouveia Machado, no final do século XVIII (Balestrero, 2012).

Essa propriedade foi descrita como a maior fazenda do litoral brasileiro, contando com 400 pessoas escravizadas, segundo relato do Príncipe viajante Maximiliano Wied-Neuwied, que passou por esta região no início do século XIX. É bem provável que o Coronel Bernardino tenha passado a fazenda para seu filho, Sebastião Vieira Machado, no início do século XIX, pois na década de 1820, Sebastião já aparece como proprietário da fazenda. Em 20 de janeiro de 1856 o fazendeiro Sebastião Vieira Machado veio a óbito, foi sepultado dentro da igreja de Nossa Senhora da Ajuda, que foi construída dentro da fazenda Araçatiba no período jesuítico. Seu inventário *post mortem* revelou a existência de 346 escravizados, um número próximo ao relatado pelo príncipe no início do século XIX. Após sua morte, seus herdeiros partilharam os bens e fragmentaram a fazenda Araçatiba (Vertelo, 2011).

No território da fazenda Araçatiba se desenvolveram várias comunidades (Figura 1) no pós-abolição. Entre 2014 e 2015, através do mapeamento cultural realizado pelos pesquisadores do PROext, foi feito um levantamento das comunidades que estão dentro do território físico da antiga fazenda jesuítica de Araçatiba. Além disso, foram levantadas as comunidades que estão geograficamente fora dos limites da fazenda Araçatiba, porém que mantêm alguma ligação cultural com os grupos sociais que se desenvolveram no território desta fazenda. O mapa abaixo auxilia na compreensão dos resultados deste levantamento.

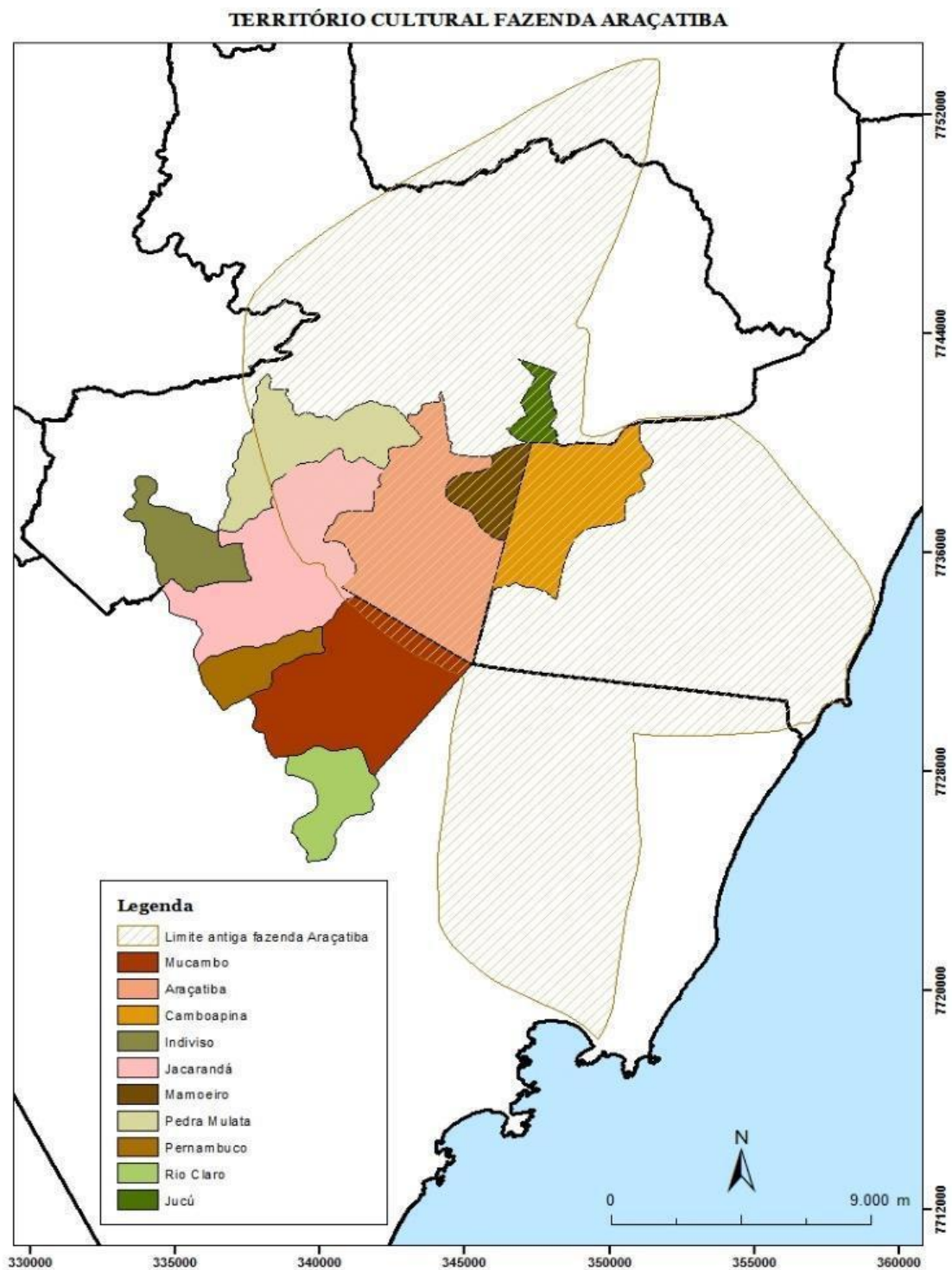


Figura 1 - Mapa do território cultural da fazenda Araçatiba. **Fonte:** Elaboração: Helena Faller e Juliana Subtil. Banco de dados do LEENA-PET Cultura/UFES, acervo Araçatiba (2014).

Cabe ressaltar que o levantamento apresentou um total de dez comunidades. Não obstante, esta pesquisa optou por pesquisar apenas três, estabelecendo como critério o autorreconhecimento enquanto comunidade quilombola.

Entre as últimas décadas da escravidão no Brasil e o pós-abolição se desenvolveram três comunidades que se autorreconhecem como quilombolas dentro desse território como caracterizado na (Figura 2), as quais se pretende analisar neste estudo, sendo elas: as comunidades de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo. Todas estão localizadas na Região Metropolitana da Grande Vitória, estado do Espírito Santo. A primeira fica localizada no município de Viana, e as outras duas na cidade de Guarapari, conforme representado no mapa abaixo.

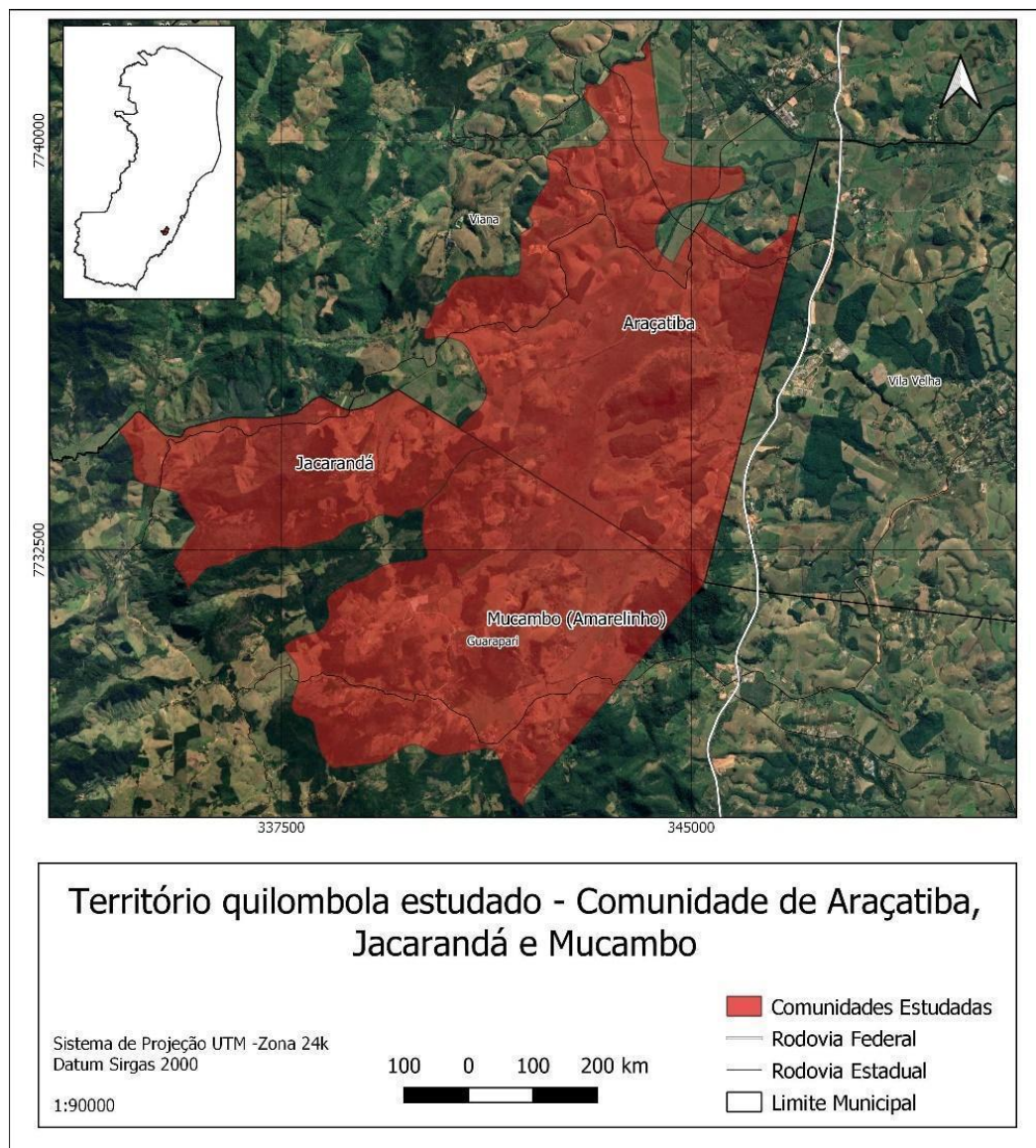


Figura 2 - Mapa do território quilombola estudado - Comunidade quilombola de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo. **Fonte:** Elaboração: Guilherme Corteletti Erler. Acervo pessoal (2022).

A comunidade quilombola de Araçatiba como evidenciado na (Figura 3) é a mais populosa, com aproximadamente 200 famílias segundo o último censo, das três comunidades é a mais urbanizada, conforme (Figura 4), o local foi a sede da fazenda homônima nos séculos XVIII e XIX, no início do século XX, foi distrito do município de Viana. Nessa comunidade está localizada a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, uma construção jesuítica do início do século XVIII, juntamente à ruína da antiga residência dos padres, e a provável localização da antiga casa-grande. Além da ruína do antigo entreposto comercial e a localização dos dois portos que existiam na sede da fazenda. A comunidade fica próxima ao morro de Araçatiba.

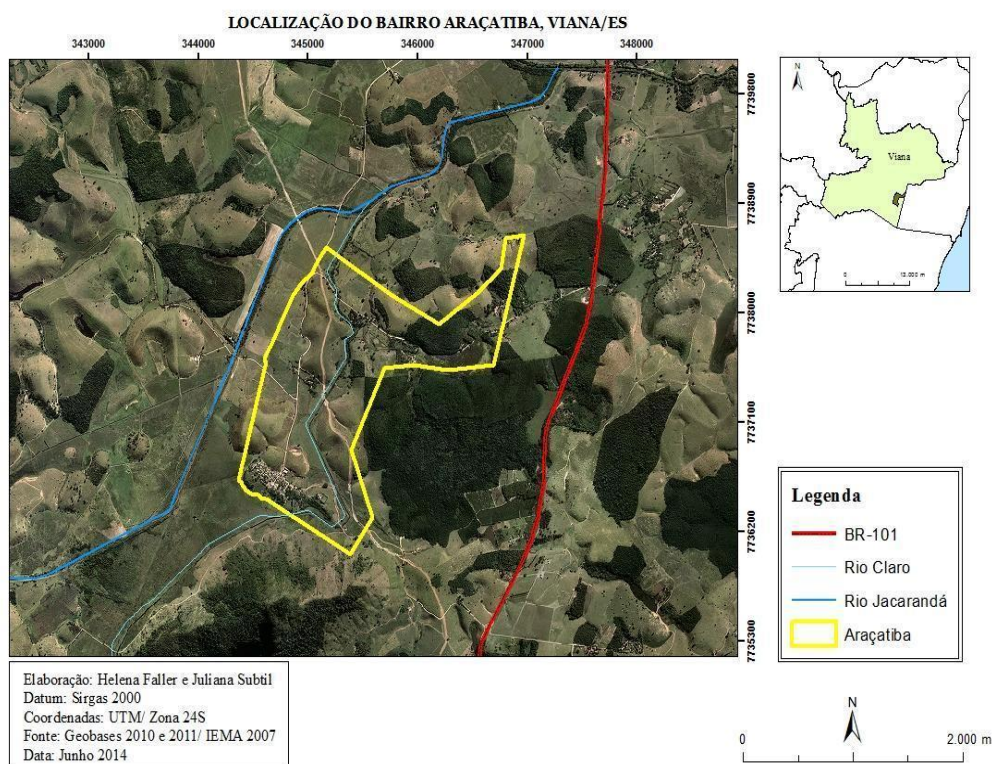


Figura 3 - Localização do bairro Araçatiba. Fonte: Elaboração: Helena Faller e Juliana Subtil. Banco de dados do LEENA-PET Cultura/UFES, acervo Araçatiba (2014).

A comunidade atualmente conta com a presença de comércio local, time de futebol, posto de saúde, unidade escolar, associação de moradores, banda de congo e transporte coletivo. Apesar de os moradores dessa comunidade se identificarem como quilombolas, cabe ressaltar que das três comunidades aqui estudadas, Araçatiba é a única que ainda não deu entrada no registro junto à Fundação Palmares, Jacarandá está em processo de registro, e a comunidade de Mucambo foi certificada no ano de 2022.



Figura 4 - Entrada da comunidade de Araçatiba. Ao fundo o morro de Araçatiba. **Fonte:** Acervo pessoal (2021).

Passamos agora à região de Jacarandá (Figura 5), propriedade que fazia parte da antiga fazenda de Araçatiba, também se desenvolveu uma comunidade afro-brasileira, que hodiernamente pertence ao município de Guarapari, cidade vizinha à Viana.

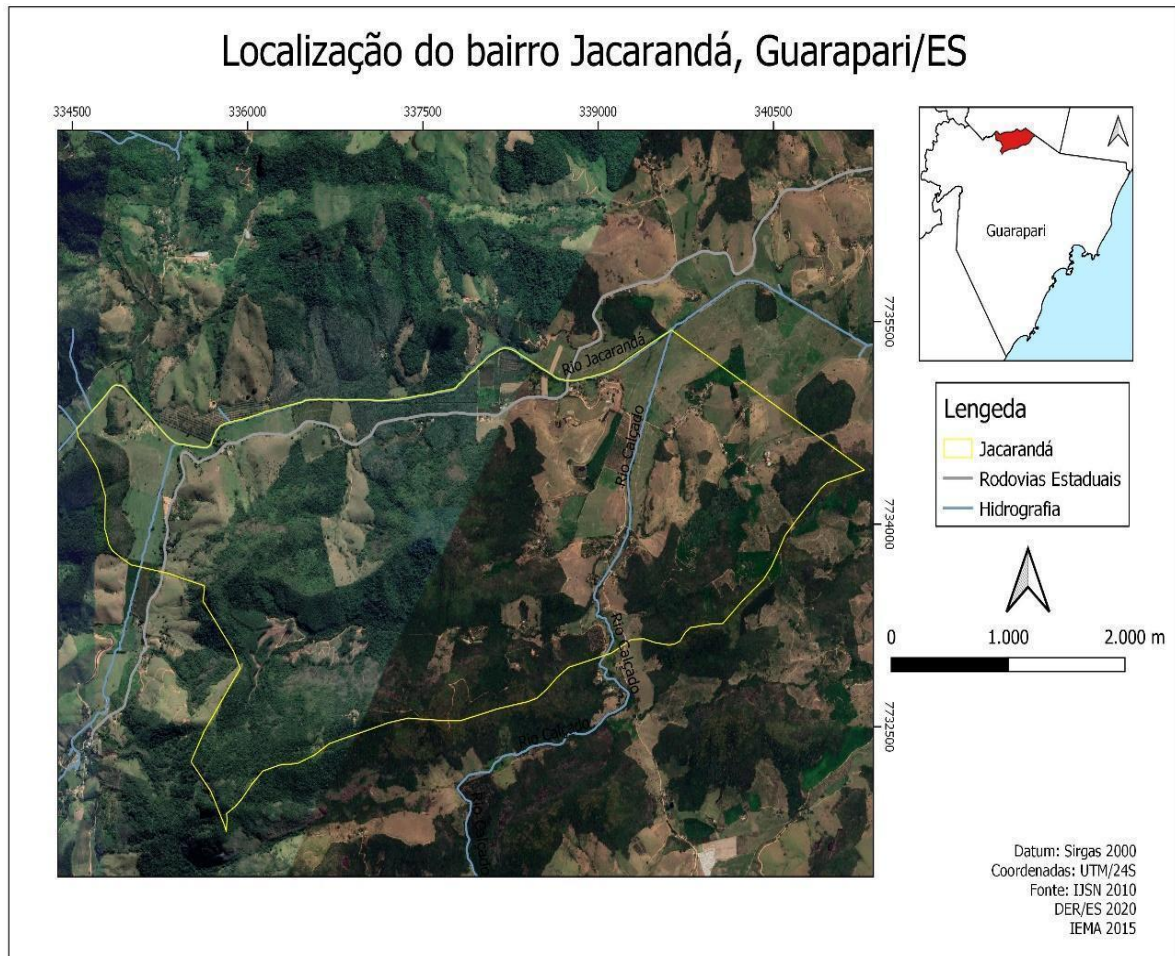


Figura 5 - Localização do bairro Jacarandá. Elaboração: Guilherme Corteletti Erler. **Fonte:** Acervo pessoal (2022).

A comunidade quilombola de Jacarandá, por sua vez, é caracteristicamente rural e seus moradores são pequenos proprietários de terras, conforme (Figura 6). Segundo a tradição oral, o território da comunidade foi doado aos afrodescendentes no pós-abolição. Nesta comunidade, existe, ainda, uma ruína do antigo engenho da fazenda, provavelmente, do século XIX, além de relatos dos moradores da existência, até alguns anos atrás, de um pelourinho.



Figura 6 - Visão panorâmica de parte da comunidade de Jacarandá. **Fonte:** Acervo pessoal (2021).

Por fim, a terceira comunidade analisada é a de Mucambo¹ como apresentado na (Figura 7), também pertencente ao município de Guarapari, que fica localizada entre as comunidades de Araçatiba e Jacarandá.

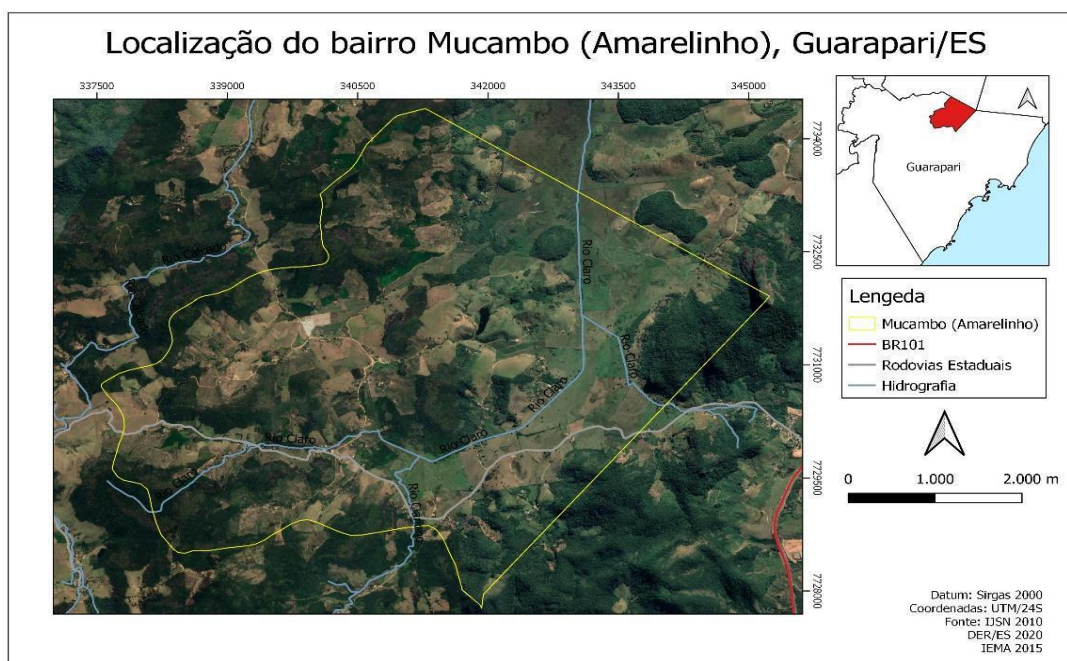


Figura 7 - Localização do bairro Mucambo. Elaboração: Guilherme Corteletti Erler. **Fonte:** Acervo pessoal (2022).

¹ Cabe ressaltar que em alguns documentos o nome da comunidade aparece escrito Mocambo, porém a comunidade se autoidentifica como Mucambo. E para fins desta pesquisa adotaremos o nome definido pela comunidade.

Mucambo é uma comunidade rural, conforme (Figura 8), conta com aproximadamente 30 famílias, que em sua maioria vive da agricultura familiar. Segundo documento escrito e relatos dos moradores locais, parte das terras de Mucambo foram compradas por uma negra forra no final do século XIX, a qual pertencia a escravidão de Araçatiba. Cabe ressaltar que nas imediações desta comunidade, existe uma estrada, chamada de Travessia, que era utilizada para ligar a região de Mucambo até a sede da Fazenda Araçatiba. Há indícios que esta estrada servia de passagem de pessoas escravizadas aquilombadas oriundas da região sul do Espírito Santo. É possível que no pós-abolição parte deste grupo tenha sido inserido dentro da comunidade de Mucambo. Hipótese esta que será desenvolvida em outra oportunidade.



Figura 8 - Entrada da comunidade de Mucambo. **Fonte:** Acervo pessoal (2021).

Nesse sentido, esta pesquisa pretendeu analisar, por meio dos dados históricos, arqueológicos e etnográficos, o processo de formação das comunidades quilombolas de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo, que se desenvolveram dentro do território da antiga fazenda de Araçatiba. Buscando entender como os chamados espaços de autonomia escrava contribuíram no processo de formação dessas comunidades. Para tanto, dialogamos com os conceitos de espaços de autonomia

escrava, territorialidade negra e paisagem social. Estas comunidades são originárias das chamadas terras de uso comum, como as terras de santo, terras de herdeiro e terras de preto (Wagner, 2008, p. 134). Que se constituíram, nesse território, no final do século XIX e início do XX.

Para tanto, no percurso de nossa pesquisa adotamos os aportes teóricos-metodológicos da prosopografia, da arqueologia da paisagem e da etnografia. A primeira se faz necessária devido à escassez de documentos que apresentem a constituição e o cotidiano da vida das pessoas escravizadas desse território, entre os séculos XVIII e XIX. Já a segunda, tem por finalidade ajudar no entendimento de como a paisagem foi socialmente construída dentro desse território. E por fim, lançamos mão da etnografia para compreender qual a relação dessas comunidades com a paisagem desse território quilombola, e como tem sido ressignificado nas narrativas sobre os lugares de memória que caracterizam o patrimônio arqueológico local.

Assim, o trabalho foi estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo apresentamos o contexto histórico e arqueológico das três comunidades estudadas. Para alcançar os objetivos propostos para este capítulo, algumas etapas foram seguidas, sendo estas etapas: a realização de um levantamento da literatura sobre o tema, a análise de fontes documentais (jornais do século XIX, registros eclesiásticos, inventário *post mortem*, entre outros). Nesta etapa da investigação histórica, utilizamos a prosopografia, enquanto um método capaz de auxiliar na construção da história das comunidades afro-brasileiras que se desenvolveram neste território quilombola. Além da análise dos dados obtidos nos relatórios arqueológicos dos bens registrados nas referidas comunidades quilombolas, o mapeamento dos bens culturais do território quilombola das comunidades de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo (materiais e imateriais).

No segundo capítulo, discutimos sobre a arqueologia da diáspora africana, refletindo sobre a relação entre os chamados espaços de autonomia escrava, a territorialidade negra e a constituição dessas comunidades, que tem sido um dos grandes dilemas que se colocam no presente, nos estudos da diáspora africana no Brasil. Pois, a historiografia tem apontado que algumas comunidades quilombolas brasileiras são originárias de escravarias, nas quais as pessoas escravizadas conseguiram conquistar, por meio de diferentes estratégias de resistência, uma “certa autonomia” para transitar na rígida estrutura da escravidão. Neste capítulo foi realizado a análise de alguns estudos de casos de projetos coordenados pelo

arqueólogo Luís Cláudio Pereira Symanski, que abordam a temática da arqueologia da diáspora africana, na região Sudeste, em contexto de fazenda jesuítica e fazendas cafeeiras do Vale do Paraíba. Além da análise de um estudo de caso realizado pela arqueóloga Camilla Agostini. Por fim, foi realizada também a análise de um relatório produzido em contexto capixaba.

O terceiro capítulo objetivou identificar, por meio da análise da paisagem social a relação entre esses espaços de autonomia escrava e a formação dessas comunidades quilombolas. Realizamos um trabalho etnográfico nas três comunidades, buscando compreender os mecanismos de proteção e ressignificação dos bens culturais locais elaborados por estes moradores, sobretudo analisando as diferentes memórias produzidas pelos grupos que compõem essa territorialidade. Nesse capítulo foi possível perceber a relação entre a paisagem e as memórias construídas por estes grupos e os diferentes processos de ocupações dessas terras de uso comum. Nessa etapa apontamos o potencial da área para os estudos arqueológicos afrodiaspóricos, mostrando como os espaços e as memórias das comunidades quilombolas estão em permanentes disputas. Nesse sentido, memória e lugares estão sendo negociados também no presente, no intuito de apresentarmos as estratégias de apropriação dos lugares e das memórias, terminamos o capítulo três apresentando uma experiência de educação patrimonial, que é realizada na comunidade quilombola de Araçatiba, há aproximadamente seis anos, e foi batizada de “Circuito Cultural Quilombola de Araçatiba”. Este circuito quilombola se coloca enquanto uma alternativa a tentativa de silenciamento direcionada aos lugares de memória afrodiaspóricos do Brasil.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO

O presente capítulo tem por objetivo discutir o contexto histórico e arqueológico da área estudada. Para tal, recorreremos ao método de revisão bibliográfica tendo como principais fontes de busca desse levantamento, a dissertação em história que desenvolvi durante os anos de 2015 e 2017 na UFES, intitulada: Comunidade de Araçatiba, Viana, ES – herança e devoção de afrodescendentes no pós-abolição. Além de outras bibliografias e algumas fontes primárias. Na construção do contexto arqueológico foi utilizado alguns relatórios de pesquisas arqueológicas desenvolvidas nas comunidades de Araçatiba e Jacarandá. Cabe ressaltar que os estudos são parcos abordando esta região.

2.1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO HISTÓRICA DA FAZENDA ARAÇATIBA

Como a documentação que trata da fazenda Araçatiba e do cotidiano das pessoas escravizadas é fragmentada e escassa há certa dificuldade na compreensão da dinâmica de desenvolvimento dessa unidade escravista e, principalmente, na elaboração de uma visão sobre o cotidiano das pessoas escravizadas que viviam neste território, por isso utilizaremos na análise documental a metodologia prosopográfica, segundo Stone:

A prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas. O método empregado constitui-se em estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes – a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos e assim por diante. Os vários tipos de informações sobre os indivíduos no universo são então justapostos, combinados e examinados em busca de variáveis significativas. Eles são testados com o objetivo de encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação (Stone, 2011, p. 115).

O método prosopográfico foi escolhido com a finalidade de reunir os dados coletados durante a pesquisa em diferentes fontes, e analisá-los minuciosamente, buscando construir uma narrativa histórica que possibilite a compreensão do desenvolvimento das comunidades aqui pesquisadas, desde o período escravista até o pós-abolição.

2.1.1 Toponímia

Quanto ao nome, há pelo menos duas explicações diferentes, uma elaborada pelo imaginário coletivo e a outra de cunho linguístico. Ambas têm em comum a relação com os povos originários do Brasil. A primeira de cunho oral diz que o nome Araçatiba é indígena, segundo relatos, Tiba era a filha de um cacique de um grupo indígena da região. A menina morreu e seu pai ficou muito abatido, os indígenas para homenageá-la, associaram o nome da menina ao de uma fruta típica da região, o araçá, e então deram ao lugar o nome de Araçatiba (Brandão, 2007).

A segunda definição é dada por Theodoro Sampaio no livro *O Tupi na Geographia Nacional – Araçá-Tyba* – que significa: “onde abundam Araçás; diz-se outras vezes Araçatuba” (Sampaio, 1901, p. 111).

2.1.2 Contexto histórico dos jesuítas na capitania do Espírito Santo e na fazenda Araçatiba: breves apontamentos sobre a ocupação, espacialidade e o cotidiano das pessoas escravizadas da região

Vale ressaltar que os jesuítas atuaram ativamente no processo de colonização do Brasil, assim como no Espírito Santo. Estes construíram muitos bens em terras capixabas, entre os quais, destaca-se o colégio São Tiago, na capital Vitória, atual Palácio Anchieta (Sede do Governo do Espírito Santo). Com a fundação deste, precisaram organizar fazendas com a finalidade de abastecê-lo, para tanto, montaram-se quatro estabelecimentos, a saber: Muribeca, Itapoca, Araçatiba e Carapina. A fazenda Araçatiba era destinada à produção de açúcar, cereais e à criação de gado (Vertelo, 2017). Os mapas apresentados abaixo (Figura 9 e Figura 10), situa-nos frente a organização espacial e temporal da Companhia de Jesus, na capitania do Espírito Santo.

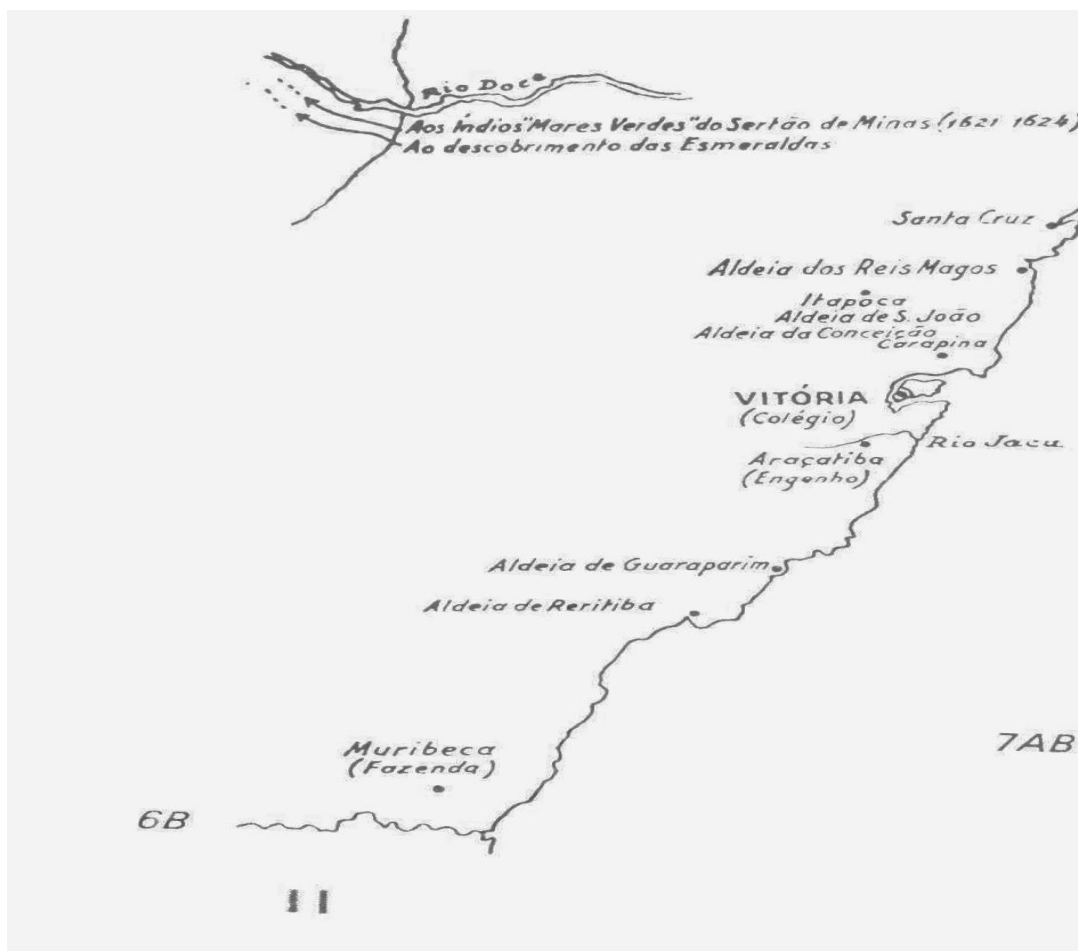


Figura 9 - Os jesuítas na capitania do Espírito Santo (1551-1760). Mapa do Espírito Santo mostrando os pontos de fixação dos jesuítas na capitania em meados do século XVIII. **Fonte:** Ilustração de Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, (Lisboa - Rio de Janeiro, 1938-1950), vol. VI, entre as págs. 152 e 153, (Carvalho, 1982, p. 162).

O mapa acima (Figura 9) ilustrado pelo padre Serafim Leite, aponta-nos a distribuição geográfica dos jesuítas na capitania do Espírito Santo em meados do século XVIII. Cabe ressaltar o destaque dado ao engenho Araçatiba e sua proximidade com o colégio dos padres que ficava na capital Vitória. Já o mapa abaixo (Figura 10) tem o foco maior na dinâmica de ocupação indígena² e jesuítica, no século XVII.

² Mesmo não sendo o foco desta dissertação, cabe ressaltar que a região de Araçatiba era povoada por Tupis e Puris.

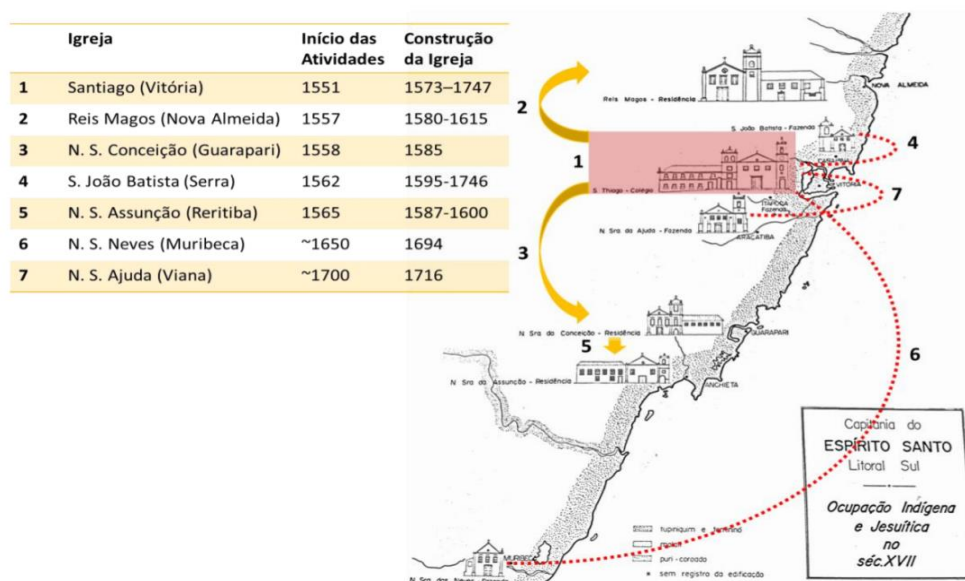


Figura 10 - Tabela e mapa representativo do desenvolvimento da rede dos jesuítas no Espírito Santo.
Fonte: Arquivo do IPHAN.

Os dois mapas retratados nos auxiliam na compreensão do processo de ocupação desta ordem religiosa, na capitania do Espírito Santo. Esta ocupação se deu basicamente no litoral, e se estendeu de Norte a Sul. O deslocamento era feito por mar e também por rios. O rio Jucu era utilizado pelos jesuítas para escoar a produção da fazenda Araçatiba até a capital da capitania, em Vitória. Com o intuito de otimizar o tempo de percurso e evitar o desperdício, causado pela viagem marítima, os jesuítas construíram um canal, em 1740, chamado de Camboapina, atual Rio Marinho, que ligava o rio Jucu a baía de Vitória, fugindo assim, da necessidade de margear o litoral do município de Vila Velha (Vertelo, 2017). Conforme pode ser observado abaixo, na (Figura 11).

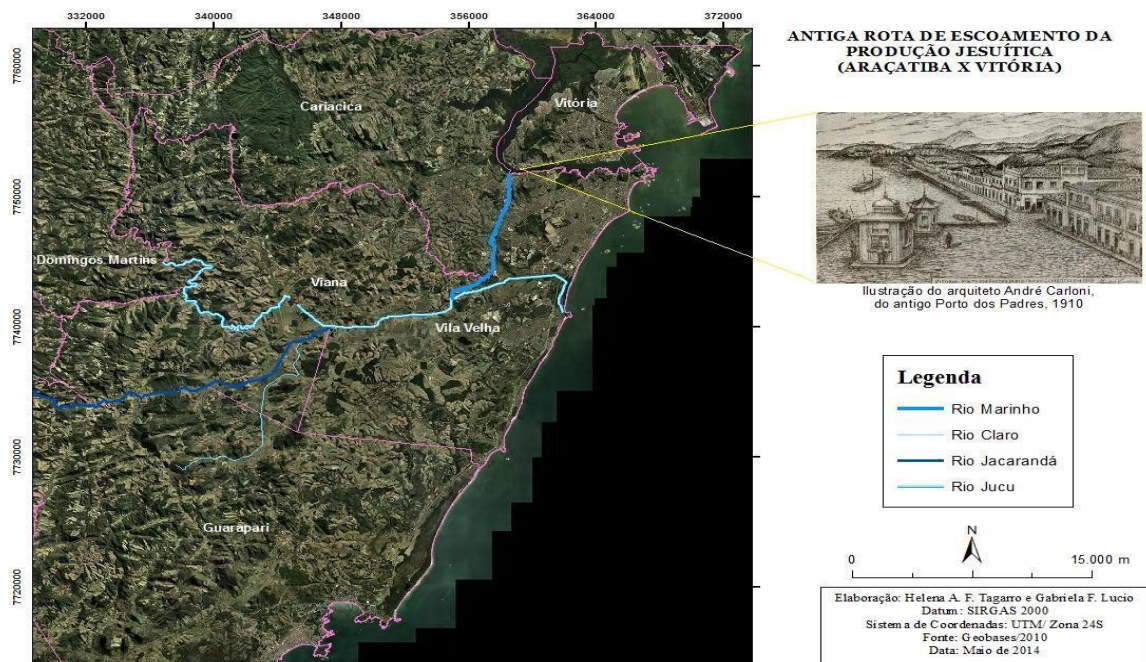


Figura 11 - Antiga rota de escoamento da produção jesuítica (Araçatiba x Vitória). **Fonte:** Elaborado por Helena A. F. Tagarro. Banco de Dados do LEENA/UFES, acervo PET cultura (2014).

A extensão da fazenda Araçatiba abrangia parte dos atuais municípios de Guarapari, Domingos Martins, Vila Velha, Viana e Cariacica, conforme mapa abaixo (Figura 12). A produção da fazenda era escoada pelo rio Jacarandá até o rio Jucu, a partir daí seguia em direção ao canal de Camboapina, atual rio Marinho, que desemboca na baía de Vitória, conforme mostra a imagem acima (Figura 11). E, por fim, chegava ao Porto dos Padres, na capital da capitania (Vertelo, 2017). Parte das mercadorias ficava no colégio dos jesuítas, que estava localizado próximo ao porto, e outra parte era exportada para Portugal (Cunha, 2014).

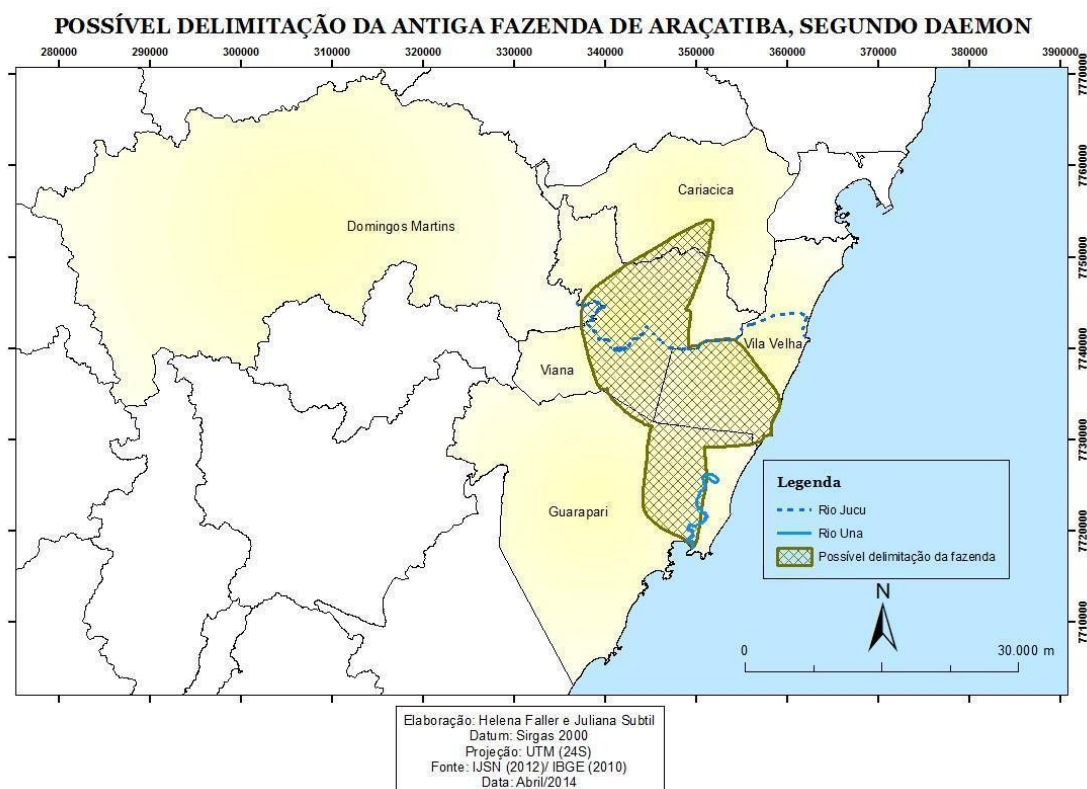


Figura 12 - Delimitação da fazenda Jesuítica, segundo os referenciais descritos por Daemon (2010, p. 238-240), que teve como base o inventário da fazenda Araçatiba. **Fonte:** Elaborado por Helena A. F. Tagarro. Banco de Dados do LEENA/UFES, acervo PET cultura (2014).

Os jesuítas foram expulsos do Brasil no ano de 1759, e após esse fato as propriedades inacianas ficaram relativamente abandonadas (Conde, 2011). Aproximadamente 21 anos depois, ficou definido em carta régia o inventário dos bens inacianos da respectiva fazenda Araçatiba. Entre os bens inventariados, existia a presença de elementos litúrgicos (imagens sacras, peças de ouro e prata), mobília da residência dos padres, engenho, senzalas, oficinas e 852 escravizados, sendo alguns com ofícios e artes (Daemon, 2010).

No primeiro quartel do século XIX, a fazenda Araçatiba já pertencia ao Coronel Bernardino Falcão de Gouveia Machado, conforme descreveu o príncipe viajante, Maximiliano Wied-Neuwied, que esteve nessa propriedade, no ano de 1815, e ficou deslumbrado com a “alvura da pequena igreja encravada ao pé do altaneiro morro de Araçatiba” e a grandiosidade da escravaria, que contava com pelo menos 400 escravizados, e ainda descreve que “a choça de negros, juntamente ao engenho de açúcar e as casas de trabalho ficam ao pé da colina, perto da residência” (Wied, 1989, p. 145-146).

A fazenda Araçatiba, em meados dos anos de 1820, tornou-se propriedade do coronel Sebastião Vieira Machado, filho de Bernardino. Após a morte de Sebastião, em 1856, seus herdeiros fragmentaram o território dessa propriedade (Vertelo, 2017).

No que tange à Araçatiba, esta região tinha como característica uma escravaria antiga e numerosa. É possível identificar a presença de pessoas escravizadas nesta fazenda desde o início do século XVIII, quando a referida unidade produtiva ainda pertencia aos jesuítas. Em meados do século XIX, foi tida como uma das fazendas com o maior quantitativo de pessoas escravizadas na província do Espírito Santo, contabilizando 346 escravizados (Merlo, 2008).

O inventário *Post Mortem* de Sebastião Vieira Machado nos possibilita uma aproximação com o universo econômico da fazenda Araçatiba, dando-nos indícios de como viviam as pessoas escravizadas nesta propriedade:

Tal estrutura contava com 44 senzalas, sendo que uma dessas era nobre e nova; um armazém no porto da fazenda Araçatiba, onde muito provavelmente se escoava a produção até a capital Vitória; duas casas-grandes, que ficavam em locais distintos, uma na sede da fazenda e outra em um lugar chamado Jacarandá, também pertencente a fazenda Araçatiba; dois engenhos que estavam distribuídos da mesma forma, um na sede e outro em Jacarandá; uma casa e tenda de ferreiro; uma casa e trem de farinha; uma casa e moinho de pilar café; uma casa de olaria e seu forno. Além das construções a fazenda contava com animais como vacas, bois, cavalos, éguas, carneiros, cabritos e porcos. Esses animais equivaliam a 4,4% do montante total dos bens inventariados. Havia, também, uma plantação de mandioca, no lugar chamado Itaunas, que também pertencia a fazenda Araçatiba; e cerca de 49.416 mil pés de cafés. Nessa perspectiva, fica evidente que a produtividade da fazenda Araçatiba era muito diversificada. Para escoar essa produção a propriedade contava com dez carros de boi, e tinha cerca de setenta e dois bois para puxá-los, mais dois cavalos e uma mula de carga. O transporte dessas mercadorias e também dos habitantes desta propriedade eram feitos por terra como descrito, muito provavelmente por esses carros de boi; mas é possível inferir que também se utilizassem o transporte fluvial, pois o inventário trouxe a lume a existência de sete canoas, sendo três grandes, duas médias e duas pequenas, além das canoas havia uma tolda (Vertelo, 2017, p. 32).

Cabe ressaltar que Jacarandá era uma propriedade rural que pertencia a fazenda Araçatiba. Dito isso, façamos agora um exercício de compreensão da dinâmica econômica e social que permeava o universo desta unidade produtiva, na segunda metade do século XIX. Tomando como referência o inventário e nossa experiência de campo por esta região. É possível inferirmos que havia dois núcleos produtivos distintos. Um na sede da fazenda Araçatiba e o outro na região de

Jacarandá. Cada núcleo com uma sede administrativa, seu próprio engenho, seu porto e sua produção.

É provável que o foco da produção de Araçatiba tenha sido o açúcar, por sua vez, a propriedade de Jacarandá, além do açúcar, pode ter focado na produção de móveis. Inclusive a região leva o nome de uma árvore nobre, que servia de matéria-prima desde o período colonial. Em uma atividade de campo, no ano de 2014, um morador de uma comunidade vizinha chegou afirmar que em sua residência havia um móvel feito de Jacarandá, e que foi produzido pelas pessoas escravizadas da fazenda Araçatiba.

Chama-nos a atenção a quantidade de móveis de Jacarandá presente no inventário:

[...] A mobília era composta por camas de jacarandá, araribá e dicto; escrivaninhas de jacarandá; cadeiras de jacarandá, que chama a atenção a quantidade cerca de sessenta e cinco unidades; sofás e mesas de jacarandá [...] (Vertelo, 2017, p. 33).

É provável que a mobília da fazenda Araçatiba tenha sido produzido na própria região, porém esta é uma hipótese que carece de estudos mais aprofundados. Entre os utensílios da cozinha há uma divisão entre os importados, e os que podem ter sido produzidos na própria olaria da fazenda:

[...] sendo noventa pratos de Macau (China); uma bacia e uma jarra azul; 33 pratos azuis ingleses; um aparelho de mesa e um aparelho de chá indiano. Dentre os utensílios existe os feitos de barro que podem ter sido produzidos na própria olaria da fazenda, destacando-se quatro moringas pintadas de branco [...] (Vertelo, 2017, p. 33).

Outro elemento que nos chama a atenção refere-se à moradia das pessoas escravizadas, pois é significativo o número de senzalas descrito no documento. O quantitativo de 44 senzalas nos possibilita levantar a hipótese de que as pessoas escravizadas viviam em senzalas menores, possivelmente organizados em grupos familiares. Neste sentido, corrobora com este argumento a análise das relações de compadrio e dos enlaces matrimoniais entre pessoas escravizadas da fazenda Araçatiba, que foram estudados por Merlo (2008) e Vertelo (2017). Todavia, a defesa de que as pessoas escravizadas viviam em unidades de moradia familiares carece de um estudo mais aprofundado.

Desta feita, compreender o cotidiano dessas pessoas escravizadas e as relações sociais que se estabeleceram dentro do universo destes é desafiador, dada

a escassez documental. A historiografia da escravidão tem feito um trabalho minucioso cruzando diferentes fontes documentais nos últimos anos, como: inventários *Post Mortem*, registros cartoriais, jornais, relatórios de presidentes de província e documentos judiciais, com o intuito de ter uma melhor compreensão das relações sociais estabelecidas no universo das pessoas escravizadas. Tais documentações têm evidenciado uma ação mais ativa por parte dos escravizados, dentro da estrutura rígida da escravidão (Soares, 2000).

Essas documentações têm levantado discussões sobre temas do cotidiano dos cativos, como: enlaces matrimoniais, laços de apadrinhamento, ações judiciais impetradas por escravizados, mobilidade escrava e a formação de um campesinato negro dentro da estrutura escravista. Essas pesquisas no campo da História têm contribuído de forma significativa para os estudos da diáspora africana no Brasil e em específico no Espírito Santo. Todavia, há um campo amplo que tem se destacado nas últimas décadas, que é o estudo da arqueologia da diáspora africana, que é o foco deste trabalho.

2.2 AS PRIMEIRAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NA REGIÃO DA FAZENDA ARAÇATIBA

Apresentamos nesta segunda parte do capítulo um levantamento das principais fontes arqueológicas, tendo como base os relatórios de pesquisas arqueológicas produzidos a partir do registro de contextos materiais históricos na área estudada.

Uma das principais formas de apresentação imagética da distribuição de sítios e contextos arqueológicos são os mapas. Assim, utilizamos um mapa (Figura 13) produzido a partir da identificação de sítios arqueológicos sobrepostos em divisões geopolíticas das comunidades investigadas no território que compreende a antiga Fazenda Araçatiba.

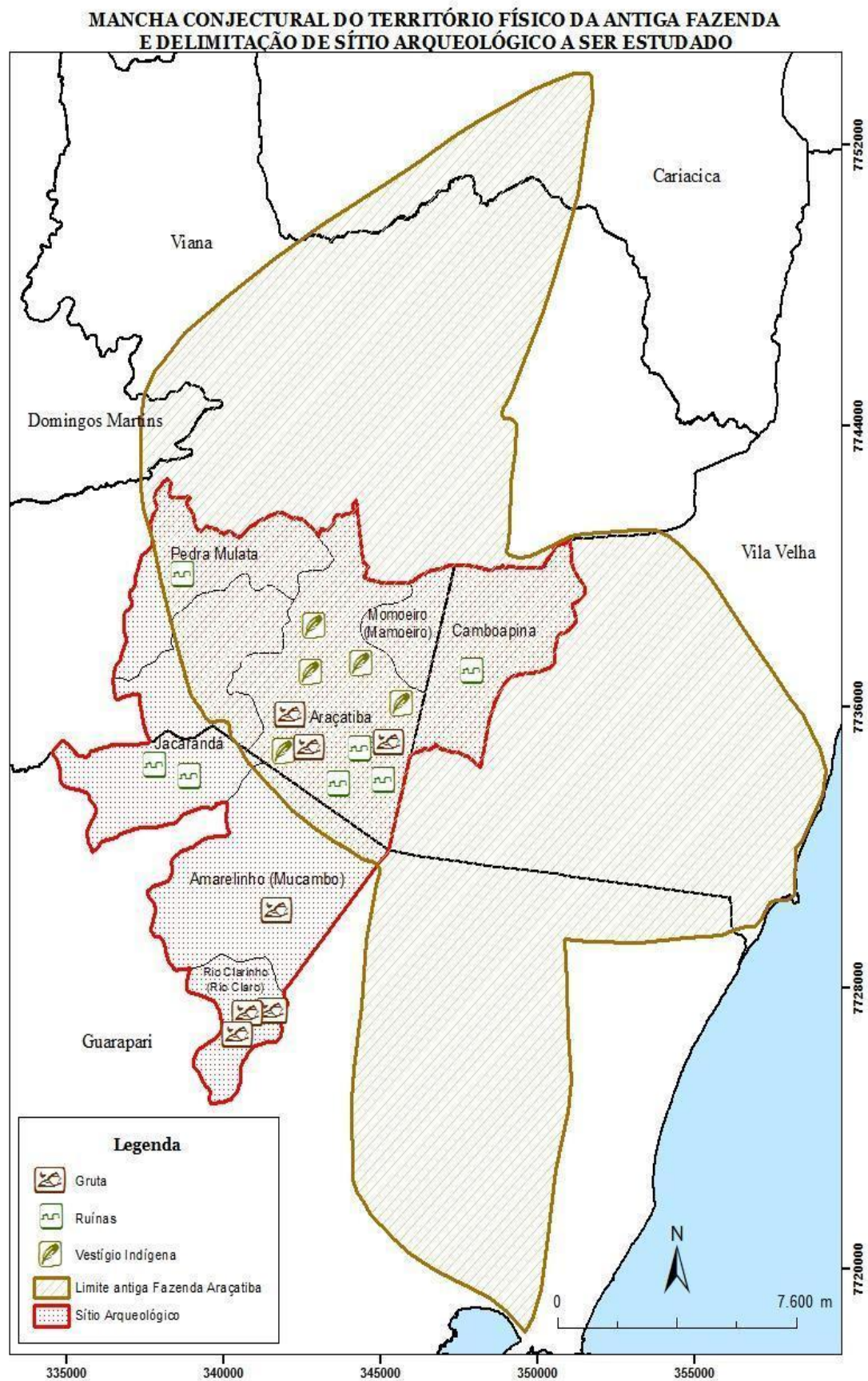


Figura 13 – Mapa do território físico da antiga fazenda Araçatiba. **Fonte:** Elaboração de Helena Faller. Banco de dados do LEENA-PET Cultura/UFES, acervo Araçatiba (2014).

É importante evidenciar duas informações relacionadas ao mapa caracterizado acima: a primeira é que o respectivo documento partiu de uma demanda específica que era o mapeamento dos sítios arqueológicos da antiga fazenda, no ano de 2014. A segunda informação é que apesar de o mapa apresentar os bairros, Jacarandá e Mucambo, em grande parte, fora dos limites da antiga fazenda Araçatiba, destacamos que o núcleo habitacional se desenvolveu dentro de seu território. Estes dados arqueológicos foram levantados em três campanhas arqueológicas distintas, entre os anos de 2010, 2013 e 2014, coordenadas pelo arqueólogo Henrique Antônio Valadares Costa.

No ano de 2010 foi realizada a primeira campanha, partindo da solicitação de uma termoeletrônica instalada na região. A área do empreendimento está destacada na (Figura 14). Durante esta campanha foi realizado um levantamento do potencial arqueológico nas imediações da comunidade quilombola de Araçatiba (Costa, 2010).

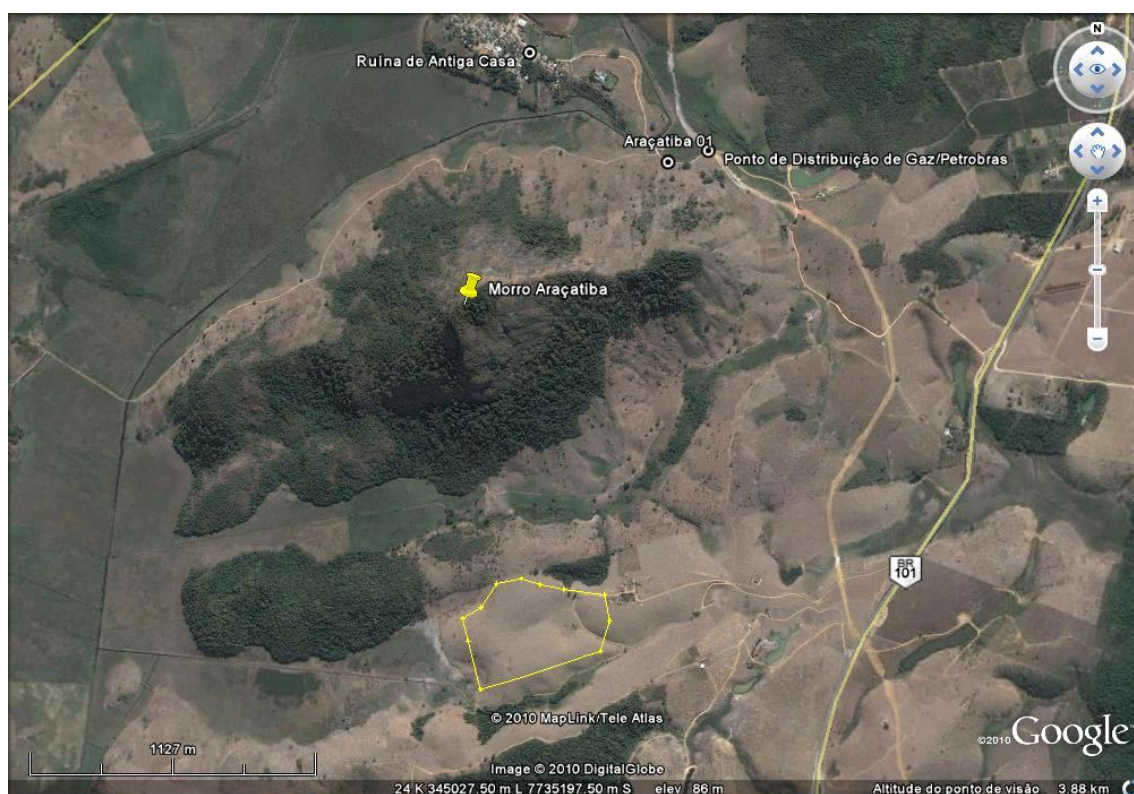


Figura 14 - Imagem realizada por georreferenciamento de satélite. Com poligonais em amarelo está definida a área do empreendimento. **Fonte:** Costa (2010).

Cabe ressaltar a proximidade do empreendimento com o morro Araçatiba e a comunidade quilombola homônima. De acordo com o relatório arqueológico:

Não foram identificados na área diretamente afetada (ADA) nenhum vestígio de sítio arqueológico ou ocorrência de material arqueológico aflorando na superfície. Entretanto fora da área diretamente afetada, nas proximidades da comunidade de Araçatiba e dentro da mesma comunidade, foram identificados dois sítios arqueológicos [...] (Costa, 2010, p. 27).

Os sítios arqueológicos foram cadastrados como (Araçatiba I e Araçatiba II) (COSTA, 2010). O primeiro (Figuras 15, 16 e 17) trata-se de um sítio cerâmico com indicativos da população Una e o antigo aldeamento jesuítico local, com a presença de cerâmicas históricas e Pré-coloniais. Já no segundo sítio (Figuras 19 e 20) foi registrada a presença de ruínas de uma antiga edificação doméstica, do século XIX. Os dois sítios serão analisados a seguir.

Em relação a localização do sítio arqueológico Araçatiba I, Costa (2010, p. 27) faz a seguinte descrição:

O sítio aqui registrado como Araçatiba 01 encontra-se entre o acesso existente da comunidade de Araçatiba até ponto de distribuição de gás [...], via que recorta no meio do sítio arqueológico no sentido de Araçatiba pela ponte do rio Jacarandá alguns metros após a margem se encontra o sítio com perfil estratigráfico exposto em ambos os lados [...] Sua dimensão em comprimento apresenta-se em entorno de 80 metros e a largura que pode apenas ser estimada entre 40 a 50 metros, devido ao fato de não pode ser observado por parte de sua exposição em superfície estar recoberta com vegetação de pastagem e em propriedade particular com proprietário ainda desconhecido. O sítio foi estabelecido em uma pequena elevação de solo argiloarenoso amarronzado de compactação media em área próxima a pastagem e afloramento litológico.

A seguir segue a imagem (Figura 15) do sítio Araçatiba I



Figura 15 – Localização do sítio Araçatiba I. Sentido centro de distribuição de gás até a comunidade.
Fonte: Costa (2010).

O sítio arqueológico de Araçatiba I foi classificado como um contexto constituído de artefatos cerâmicos dispostos em superfície e em profundidade (Figuras 16 e 17), como podemos observar nas imagens das estratigrafias expostas por cortes produzidos por processos pós deposicionais de formação do registro arqueológico.



Figura 16 - Vista geral do perfil estratigráfico exposto na estrada ao fundo do morro de Araçatiba. **Fonte:** Costa (2010).



Figura 17 - Detalhe do perfil estratigráfico exposto. **Fonte:** Costa (2010).

É interessante destacar que a estrada (Figura 15) onde foi identificado o sítio cerâmico fica nas margens do antigo rio Araçatiba, que tinha uma importância significativa para as relações econômicas e sociais locais (Vertelo, 2017), como descrito abaixo:

Segundo a matriarca da comunidade de Araçatiba, Emiliana Coutinho da Silva, moradora da comunidade e nascida em 1932, o canal, na época de sua infância, funcionava como o único meio de transporte que ligava Araçatiba à capital Vitória (Vertelo, 2017, p. 98).

Corroborando com a discussão acima, Vertelo (2017, p. 98) destaca sobre a importância do rio Araçatiba que:

Através do canal, os moradores de Araçatiba e do seu entorno, como os da fazenda Jacarandá, transportavam seus produtos em canoas feitas de tronco de árvores até as margens da baía de Vitória, na Vila Rubim. Trazendo de lá produtos diversos que abasteciam o comércio local.

Assim, podemos observar que tanto os relatos orais quanto os dados arqueológicos indicam que as margens do antigo rio Araçatiba eram um importante espaço de ocupação e trânsito de pessoas no período pré e pós-colonial. Sendo uma área que abrigou tanto as populações indígenas que viveram nessa região do Espírito Santo, como indicam os vestígios cerâmicos, quanto às pessoas escravizadas e seus descendentes.

Outro destaque que se faz necessário é a proximidade que o sítio arqueológico Araçatiba I tem com o morro de Araçatiba, conforme imagem abaixo:



Figura 18 - Vista geral de um dos alagados abastecidos por fontes de nascentes oriundas do morro de Araçatiba. **Fonte:** Costa (2010).

Na construção do contexto arqueológico do sítio Araçatiba I, o relatório apontou que:

A região apresentou uma grande riqueza hidrográfica com pequenos arroios, rios de médio e pequeno porte, além de inúmeras nascentes nos morros de Araçatiba. Esse ambiente com hidrografia exuberante, e possivelmente mais enriquecida no passado, oferecem além de maior variedade ecológica de fauna e flora, também maior possibilidade de áreas de extração de argila dos leitos de rios para produção cerâmica (Costa, 2010, p. 33-34).

Cabe ressaltar que nas proximidades do sítio Araçatiba I, existe uma jazida de extração de argila, que segundo os moradores da comunidade quilombola de Araçatiba, funcionou até a segunda metade do século XX. E o material retirado nesta jazida era para a produção de painéis de barro.

É possível que as pessoas escravizadas da fazenda Araçatiba também produzissem materiais cerâmicos. A análise do inventário do antigo proprietário da fazenda, Sebastião Vieira Machado, dá uma dimensão dos espaços de trabalho desta unidade produtiva na segunda metade do século XIX, conforme Vertelo (2017, p. 32 grifos nossos):

Ao analisar os bens inventariados é possível presumir a dimensão do cotidiano e da produção econômica estabelecida na fazenda Araçatiba, pois toda a estrutura produtiva arrolada no inventário estava dentro dos limites desta propriedade[...], [...] também pertencente a fazenda Araçatiba; dois engenhos que estavam distribuídos da mesma forma, um na sede e outro em Jacarandá; uma casa e tenda de ferreiro; uma casa e trem de farinha; uma casa e moinho de pilar café; **uma casa de olaria e seu forno** [...].

Para estabelecer uma relação entre as pessoas escravizadas e a produção cerâmica na região da Antiga fazenda Araçatiba, as pesquisas arqueológicas na região demandam de um maior aprofundamento. Porém, a presença desta casa de olaria pode sugerir que havia uma produção cerâmica realizada pelas pessoas escravizadas desta fazenda.

O segundo sítio identificado na campanha de 2010 foi nomeado de Araçatiba II e é descrito no relatório como uma unidade doméstica, possivelmente com dois pavimentos, o primeiro estava suspenso a meio metro da superfície (Figura 20) e, provavelmente, foi ocupado/construído durante o século XIX.

De acordo com Costa (2010, p. 3) o sítio Araçatiba II foi descrito da seguinte forma como: “ruínas de antiga edificação elaborada em alvenaria mista de pedras (pouco trabalhadas) e tijolos maciços em argamassa, apresenta ainda estruturas de embasamento”.



Figura 19 - Vista geral das estruturas de embasamento com remanescentes de reboco e alguma pintura na base das antigas paredes. **Fonte:** Costa (2010).



Figura 20 – Detalhe da estrutura da antiga escadaria que levava possivelmente ao primeiro pavimento que era suspenso. **Fonte:** Costa (2010).

Além das informações contidas no relatório vale salientar que esta edificação aparece nas fontes históricas como sendo o antigo entreposto comercial da fazenda Araçatiba. Conforme a imagem abaixo:



Figura 21 – Antigo porto da fazenda Araçatiba - O sobrado nas margens do rio Araçatiba, trata-se do entreposto comercial de Araçatiba, Viana, Espírito Santo. 1907/1908. **Fonte:** Fotografia de Eutychio d'Oliver. Fundo documental do IPHAN-ES, coleção Eutychio d'Oliver – Um olhar sobre o Espírito Santo do início do século XX. (A foto tem uma marcação escrita, datando o ano de 1910, porém foi uma intervenção que o documento sofreu, mas não é essa a data da fotografia), conforme Vertelo (2017, p. 93-94).

Conforme o fragmento caracterizado abaixo é possível perceber a importância desse entreposto para a região como verificado a seguir:

Havia nas margens do porto de Araçatiba um entreposto comercial, que, no início do século XX, servia como distribuidor de produtos vindos da capital e comercialização da produção regional (Vertelo, 2017, p. 94).

A região do antigo entreposto comercial servia como um espaço de articulação econômica, além de ser também um espaço de circulação das pessoas escravizadas e também um espaço de liberdade, conforme descrito abaixo:

Em outubro de 1880, verificou-se em Araçatiba uma sequência de processos de indisciplinas e a circulação de ideias de liberdade, que razoavelmente pode-se relacionar com os fatos narrados anteriormente. Sendo que, dois destes episódios ocorreram entre os dias 16, 17 e 18 de outubro de 1880. O periódico *O Espírito Santense* descreveu o primeiro como tendo por cenário principal o porto da fazenda de Araçatiba. Tratava-se da denúncia da tentativa de indivíduos chegados da Capital para erguer uma casa nas imediações desse porto. O autor da denúncia no jornal foi o coronel Marciano Antônio Isidro, segundo quem, os herdeiros da fazenda Araçatiba, de cujo espólio era também herdeiro, estavam enfrentando dificuldades em combater o intento.

Queixava-se Isidro que, além de tentarem construir uma casa em terras que não lhes pertenciam, os denunciados estavam atrapalhando o pequeno negócio local. Mas, no segundo episódio o maior problema para o denunciante estava no fato de os invasores induzirem os escravos dos herdeiros a se libertarem, gerando ali uma onda de insubordinação. Sob a influência dos forasteiros, muitos escravos, segundo o denunciante, não respeitavam mais seus senhores. Reuniam-se, em uma quitanda próxima ao porto de Araçatiba, escravos, crianças e libertos. Estes libertos, segundo Isidro, não tinham ocupação lícita e, juntos com os escravos, ficavam na quitanda dando tiro de espingarda e soltando foguetes fora de hora. Marciano Isidro, o denunciante, afirmava que no mesmo dia foi à Araçatiba acompanhado de uma autoridade policial. Os forasteiros, ao avistá-los, pegaram uma canoa e partiram, antes, porém, avisaram que no outro dia alguém voltaria com força armada e continuaria a construção (Vertelo, 2017, p. 47- 48).

É possível perceber a circulação de pessoas escravizadas, crianças e libertos pela região do porto de Araçatiba, local que estava localizado o entreposto comercial. Além de ser um espaço de trabalho era também um espaço de circulação de ideias, inclusive ideias de liberdade, e também um espaço de sociabilidade.

Em 2013 foi realizada a segunda campanha arqueológica na comunidade quilombola de Araçatiba, que identificou o sítio Araçatiba III, que é formado pelo conjunto arquitetônico da antiga igreja jesuítica e das residências que existiam em seu entorno, sendo que as atividades arqueológicas desenvolvidas em 2013 apontaram que a residência da família Vieira Machado ficava, provavelmente, na lateral direita da igreja, conforme as duas imagens reproduzidas abaixo: A primeira (Figura 22) apresenta a área onde sugere ter sido a casa senhorial, já a segunda (Figura 23) trata-se de uma estrutura de pedra, que está localizada no fundo desta residência.



Figura 22 - Vista geral das prospecções de parede realizadas na parede lateral da nave da igreja e sacristia sendo realizadas sete prospecções para identificação de alvenaria. **Fonte:** Costa (2013).



Figura 23 - Estrutura de possível acesso em ruína ao fundo da área atualmente sem construção a poucos centímetros da superfície contrapiso com distribuição regular no quadrante. **Fonte:** Costa (2013).

Um objeto encontrado neste terreno ao lado da igreja (Figura 22) cerca de seis anos depois desta pesquisa, levantou um questionamento, trata-se de uma coleira, objeto de tortura utilizado para o castigo e o controle da população escravizada. O objeto foi encontrado por moradores da região.

Se dialogarmos com as fontes históricas e arqueológicas, em especial o objeto de tortura encontrado por este morador, é possível inferirmos que havia neste espaço um lugar de tortura de escravizados. Tendo em vista que, a própria documentação histórica já aponta para existência deste local na fazenda. Conforme trecho abaixo:

O coronel Machado também figurava nos jornais, após sua morte, como o homem que conduzia seus escravos por meio de duros castigos. Conforme noticiário veiculado no dia 5 de janeiro de 1900, no jornal Comércio do Espírito Santo, informava-se a existência de um calabouço em que o coronel Sebastião mantinha presos seus escravos na fazenda Araçatiba (Vertelo, 2017, p. 35).

Certamente esta região da casa senhorial merece uma maior atenção, no momento esta pesquisa se limita em levantar esses questionamentos e apontar o potencial arqueológico deste sítio. Provavelmente, as próximas pesquisas que serão realizadas na região trarão novas respostas e novos questionamentos. Principalmente, para termos uma maior compreensão da dinâmica social que envolveu as relações entre senhores e as pessoas escravizadas da fazenda Araçatiba.³

As pesquisas arqueológicas na região da fazenda Araçatiba avançaram no ano de 2014, haja vista que o arqueólogo Henrique Antônio Valadares Costa foi convidado a fazer parte de um projeto de extensão universitária – PROext - da UFES, com a proposta de mapear e cadastrar os sítios arqueológicos da antiga fazenda Araçatiba. Dando início a terceira campanha arqueológica na região. Durante este mapeamento que acompanhamos de perto, os trabalhos arqueológicos na região, tendo em vista que fazia parte da equipe do projeto, atuando como pesquisador na área de História.

Os resultados deste mapeamento estão descritos no relatório final do PROext - Espaço Cultural Quilombola: Mapeamento físico e cultural do território da Fazenda de Araçatiba, novas dimensões da comunidade, 2014-2016. E estão sendo utilizados neste trabalho, e também foi produzido o mapa (Figura 13) que está na abertura deste subcapítulo.

Este mapeamento levou em consideração os sítios que já haviam sido registrados em anos anteriores, e que foram apresentados acima. Porém, outros sítios também foram identificados, todos em comunidades que se desenvolveram dentro dos limites da fazenda Araçatiba, como apresentaremos abaixo:

Os sítios agora apresentados estão também localizados na comunidade quilombola de Araçatiba. O primeiro foi registrado como sítio arqueológico Araçatiba IV, e trata-se de um sítio com material cerâmico, material construtivo e cerâmicas utilitárias. Conforme descrito a seguir:

O sítio arqueológico localiza-se à beira da estrada que leva a Xuri próximo à estação de gás na margem esquerda no sentido sul/norte. No sítio foram encontrados fragmentos de cerâmicos aflorados ao longo do corte da Formação Barreiras, materiais construtivos e cerâmicas utilitárias. As peças de cerâmica são de cor rosa, cinza e brancas (Costa, 2014, p. 13).

³ Cabe ressaltar que a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda está passando por um processo de restauração. Durante o andamento das obras está sendo realizado o acompanhamento arqueológico. Como a obra ainda está em execução e o relatório arqueológico está sendo elaborado, optamos por analisar seus dados em pesquisas futuras.



Figura 24 - A Mulemba é o ponto de característica do término do sítio arqueológico. **Fonte:** Costa (2014).

O sítio Araçatiba IV (Figura 24) está na mesma estrada e nas proximidades de outro já apresentado nesta pesquisa, que é o sítio Araçatiba I. Nesta imagem é possível visualizar o trajeto do antigo rio Araçatiba, como dito anteriormente, era um ponto de conexão entre diferentes áreas da fazenda, e posteriormente, permaneceu conectando as diferentes comunidades que se desenvolveram na região. Cabe ressaltar que a mulemba, ou figueira africana, árvore presente nesta imagem carrega um simbolismo muito forte na cultura africana e afrodescendente.

A mulemba, ou figueira africana, é também uma árvore frondosa que chega a medir até trinta metros de altura e apresenta copa volumosa e muito ramificada. É principalmente apreciada pela sombra que produz. Embaixo de sua sombra, os conselhos tribais se reuniam para deliberar sobre questões importantes da aldeia. Era também debaixo dessas árvores, próximas às residências, que os africanos adivinhavam presságios, estabeleciam contato com o mundo sobrenatural e se reuniam para ouvir histórias contadas pelos mais velhos (Miranda, 2009, p. 2).

Até o momento não é possível estabelecer uma conexão entre os materiais encontrados e a população afro-brasileira local. Mas, a mulemba presente neste sítio é carregada de simbolismo para os africanos e seus descendentes, também exerce uma agência sobre os moradores da comunidade quilombola de Araçatiba. Existe uma relação da árvore com o universo dos encantados. Os mais velhos contam uma lenda,

que todos os dias à meia-noite é possível ouvir um choro de criança que sai da árvore. Ainda, segundo relatos, alguns moradores preferem não passar pelo local à noite.

Nas proximidades dos sítios Araçatiba I e IV foram encontrados diversos materiais arqueológicos (Figuras 25, 26 e 27), como fragmentos cerâmicos e de faiança fina (Costa, 2014). Conforme as imagens abaixo:



Figura 25 - Fragmentos de cerâmicas encontrados no corte da vala. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 26 - Fragmentos de cerâmica de maior concentração no local. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 27 - Fragmento de faiança fina. **Fonte:** Costa (2014).

Na margem superior do sítio Araçatiba I, foram encontradas uma área de extração de rocha (Figura 28) e três abrigos (Figuras 29, 30 e 31). Conforme imagens a seguir:



Figura 28 - Triângulo rochoso com marcas de extração de rocha. **Fonte:** Costa (2014).

Na área dos abrigos foram encontrados faianças portuguesas e material cerâmico (Figura 32). O primeiro abrigo (Figura 29) é de 14 x 6 m, já o segundo (Figura 30) tem cerca de 18 m de comprimento e o terceiro (Figura 31) é de 5 x 2,5 m. Na descida foram encontrados um corte na pedreira recente (Figura 33) e duas jazidas (Costa, 2014).



Figura 29 - Abrigo 1. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 30 - Abrigo 2. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 31 - Abrigo 3. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 32 - Faiança portuguesa e cerâmica encontradas na gruta. **Fonte:** Costa (2014).

A presença desses materiais que foram encontrados nas áreas das grutas reforça a tese de que estes espaços serviam de abrigos para indígenas e escravizados negros.



Figura 33 - Corte na pedreira recente na descida do Morro de Araçatiba. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 34 - Uma das jazidas encontradas na descida no Morro de Araçatiba. **Fonte:** Costa (2014).

Esses afloramentos ou matacões de granito apresentam marcas de talha, indicando que partes das rochas foram retiradas sem o uso de ferramentas elétricas ou pólvora. Também é preciso destacar que este mesmo tipo de matéria prima serviu de base para a construção das estruturas que compõe os sítios Araçatiba II e Araçatiba III, podendo tratar-se da fonte de extração das rochas utilizadas nas edificações e muros descritos anteriormente.

O sítio que analisaremos neste momento diz respeito a uma senzala, cujas ruínas foram encontradas dentro de uma propriedade rural na comunidade de Pedra Mulata. A comunidade de Pedra Mulata não é foco desta pesquisa, porém ela é uma das comunidades que se desenvolveram dentro do contexto geográfico da fazenda Araçatiba. O grupo de pesquisadores do PROext foi recebido por um casal de moradores que tem uma propriedade na região de Pedra Mulata. O proprietário fez

questão de apresentar ao grupo uma coleira (Figura 36) usada como forma de castigo nos escravizados, que foi encontrada na mesma área onde os proprietários encontraram crivos. As dimensões da senzala são: 30 x 27 (Costa, 2014).



Figura 35 - Área que se encontra a ruína da senzala. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 36 - Coleira de escravos encontrada pelo proprietário atual da fazenda. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 37 - Ruína do muro da senzala. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 38 - Detalhamento da construção do muro. **Fonte:** Costa (2014).

Em relação à estrutura da antiga senzala:

Observa-se na construção [Figura 38] argila, óleo de baleia e diversos tamanhos de pedras, sendo a maior de 37 cm e a menor de 3 cm. A caracterização da granulometria da maior e da menor é média, contendo em sua composição quartzo, feldspato e mica biotita, podendo com essa composição concluir-se que é um granito. Dimensões do muro: 1,5 m de altura e aproximadamente 40 cm de largura (Costa, 2014, p. 4).

Na área de dispersão foram encontrados:

[...] materiais cerâmicos em estado de afloramento, conforme imagem abaixo: fragmentos de cerâmica em estado de afloramento [Figura 39]. Essa área de dispersão hoje é utilizada para plantio, aterro e ação da patrula. Essas ações são conhecidas como grau de perturbação do solo (Costa, 2014, p. 5).



Figura 39 - Cerâmica aflorando na área de dispersão. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 40 - Área de dispersão onde se encontram fragmentos de cerâmicas. **Fonte:** Costa (2014).

Por fim, os últimos sítios foram localizados na comunidade quilombola de Jacarandá, que é uma das três comunidades pesquisadas neste trabalho. Trata-se de um porto, chamado de Porto da Ilha ou Porto dos Coutinhos, além de um complexo

de residências composto pela casa da família Coutinho, e duas casas mais simples para a moradia de seus trabalhadores. Vale ressaltar que segundo a tradição oral local, a família Coutinho foi uma das primeiras famílias afrodescentes a terem terras na região, por meio de uma doação do antigo senhor da fazenda Jacarandá.

Segue abaixo um trecho do relatório arqueológico:

O Porto da Ilha foi um porto utilizado, através de canoas de madeiras, para escoamentos da produção agrícola da região [Figura 41]. Seu nome foi atribuído segundo Sr. Dercí Falcão, pelo fato do campo de visão na época o elevado se destacar em meio a planície de inundação, principalmente em épocas chuvosas, por esse motivo o nome de ilha [Figura 31]. Nesse porto ficavam apenas quatro canoas por vez atracadas em camará. Os remos eram feitos da árvore de pindaíba (*Duguetia lanceolata* St. Hil). O porto da ilha atualmente é uma planície de inundação devido a um aterro feito por proprietários antigos, contendo também uma vala que liga ao Rio Jacarandá. Nesse local não se encontraram presença de material arqueológico, somente material construtivo, sendo ele, um tijolo maciço (telha e rocha) tendo como paisagem cobertura vegetal gramínea (Costa, 2014, p. 6).



Figura 41 - Rio Jacarandá que era utilizado para escoamentos da produção agrícola da região. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 42 - Local onde era o Porto da Ilha na planície de inundação. **Fonte:** Costa (2014).

Na Figura 41 avistamos ao fundo o morro Araçatiba, que servia como orientação geográfica. Na documentação consultada é possível perceber a ligação econômica que existia entre Jacarandá e Araçatiba. Próximo ao porto ficava o Morro dos Coutinho, também conhecido como Morro da Ilha ou Morro das Estrela.

O morro era utilizado pelos Coutinho para residir a casa sede da família e dois casebres para a moradia dos empregados da fazenda. A casa sede da família se localizava no corte do barranco, onde só restavam as ruínas de uma base sólida de pedras, argila e óleo de baleia [Figura. 43]. A residência dos empregados se localizava mais acima e tinham a mesma ruína de base sólida [Figura 44]. A dimensão da casa da família era de 10 x 30 m. Uma das casas dos empregados tinha 26 m de comprimento, já a outra tinha 4 x 6 m [Figura 45]. Relato de Seu Derci Falcão: “No topo do morro tinha covas de enterramento de bejiguentos (morte de bexiga – varíola)” (Costa, 2014, p. 7 grifos do autor).



Figura 43 - Ruína de uma base sólida de pedras, argila e óleo de baleia da casa sede. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 44 - Ruína de uma base sólida de pedras, argila e óleo de baleia da casa dos empregados. **Fonte:** Costa (2014).



Figura 45 - Área onde foi encontrada uma das ruínas das casas dos empregados. **Fonte:** Costa (2014).

Cabe ressaltar que a análise dos relatórios arqueológicos nos possibilita compreender um pouco mais sobre a dinâmica de ocupação da região estudada. Sem contar que a diversidade destes contextos arqueológicos está significativamente ligada ao universo afrodiaspórico da fazenda Araçatiba. A análise das fontes históricas e arqueológicas que foi feita neste capítulo possibilita algumas reflexões. Em primeiro lugar, não se pode falar de escravidão negra, sem apontarmos o quanto ela foi um processo violento. O percurso analítico que foi feito neste capítulo mostrou isso. Haja vista que os elementos de opressão estão presentes nos instrumentos e espaços de tortura, no caso do calabouço construído pelo proprietário da fazenda Araçatiba, além das duas coleiras encontradas na região. Há violência na forma como as pessoas escravizadas e os libertos são tratados na denúncia realizada pelo proprietário da fazenda Araçatiba, numa suposta atitude indisciplinar. Existe também as pessoas escravizadas que viviam aquilombadas nas matas, vivendo supostamente em grutas.

Outra reflexão que se faz necessária, está diretamente ligada aos chamados espaços de autonomia escrava. Se por um lado as pessoas escravizadas resistiam à violência da escravidão por meio do enfrentamento direto ao sistema. Por outro, ao falarmos de espaços de autonomia escrava, o que se pretende é dar agência as pessoas que foram submetidas a este violento processo. Esta atuação mais ativa das pessoas escravizadas que foi apresentada neste capítulo, tem por objetivo mostrar o outro lado do processo escravista. Tendo em vista que nas entrelinhas da rígida

estrutura da escravidão, as pessoas escravizadas buscavam a manutenção das suas subjetividades. Nos enlaces matrimoniais, nos laços de apadrinhamento, na ocupação de diferentes espaços dentro da fazenda Araçatiba e na apropriação de parte das terras, na própria unidade produtiva.

Desta feita, o próximo capítulo será dedicado à discussão em torno da arqueologia da diáspora africana, discutindo os conceitos e métodos desta temática que tem se expandido nas últimas décadas no campo arqueológico. Aprofundaremos o conceito de autonomia escrava, com o intuito de evidenciar como a relação entre senhores e as pessoas escravizadas da antiga fazenda Araçatiba pode ter contribuído para a formação de uma territorialidade negra na região, mais especificamente, podemos sugerir que houve uma relação entre os espaços de autonomia que as pessoas escravizadas conquistaram durante a escravidão, com a formação destas três comunidades.

3 REFLEXÕES TEÓRICAS E APORTES CONCEITUAIS DA PESQUISA

O presente capítulo busca refletir como a incorporação do conceito de espaços de autonomia escrava pode contribuir nos estudos arqueológicos afrodiáspóricos. Além disso, buscamos apresentar de forma sucinta alguns estudos de caso, em que os autores não utilizam diretamente o conceito de espaços de autonomia escrava, porém apresentam a agência que as pessoas escravizadas impunham sobre o sistema escravista, principalmente, na realização de seus próprios projetos, negociando espaços e criando alternativas diante à rígida estrutura da escravidão.

3.1 A CONTRIBUIÇÃO DO CONCEITO DE ESPAÇOS DE AUTONOMIA ESCRAVA NA FORMAÇÃO DA TERRITORIALIDADE NEGRA NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ARAÇATIBA, JACARANDÁ E MUCAMBO

Neste tópico buscamos refletir sobre o processo de formação das comunidades quilombolas de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo a partir dos dois conceitos: espaços de autonomia escrava e territorialidade negra.

Uma vez que as fontes documentais e arqueológicas analisadas no primeiro capítulo apontaram para a existência de relações escravistas que ultrapassaram o mundo do trabalho, e alcançavam o cenário do cotidiano, por meio das relações matrimoniais, pelos laços de apadrinhamento, pelo vínculo com a terra e as relações sociais entre cativos, livres e libertos. Utilizarei o conceito de espaços de autonomia escrava, cuja definição foi feita na introdução desta dissertação, por entender que a vida dessas pessoas escravizadas não se limitava às normas estabelecidas pela sociedade escravista. Havia espaços que eram negociados pelos cativos, nos quais estes estabeleciam suas próprias regras de sociabilidades.

Esses espaços de autonomia escrava, em alguns casos, vinculavam essas pessoas escravizadas a terra, produzindo uma relação afetiva não somente entre os membros da comunidade escravizada, mas também entre estes e a terra em que viviam. Fazendo com que, muitas vezes, essas comunidades criassem uma relação de pertencimento com esses territórios.

Nas últimas décadas da escravidão e no pós-abolição vários foram os casos no Brasil, de comunidades afro-brasileiras que se originaram dentro das antigas

propriedades que seus ancestrais viveram, produziram e criaram laços de ancestralidade. Essa apropriação se dava por meio de revoltas, compras, heranças, entre outros. Na maior parte das vezes ocorria de forma coletiva. Constituindo assim, a chamada “territorialidade negra”, de acordo com Bandeira:

A territorialidade, como entidade geográfica historicamente associada por negros e brancos à identidade de grupos negros no Brasil, é uma novidade e uma especificidade das comunidades rurais de negros. A territorialidade negra, inequívoca aos negros e aos brancos, configura uma situação específica de alteridade, de cujo prisma refratam alguns aspectos encobertos das relações raciais [...]. A posse da terra, independente das suas origens patrimoniais, se efetiva pelas comunidades enquanto sujeito coletivo, configurando um grupo étnico. A apropriação coletiva é feita por negros organizados etnicamente, como sujeito social. Não se trata, portanto, de posse de negros enquanto pessoas físicas (1988, p. 22).

Por mais que as estruturas da escravidão fossem rígidas, as pessoas escravizadas buscavam estratégia para moverem-se dentro dessa sociedade escravista. As estratégias dos afro-brasileiros, durante o período da escravidão e no pós-abolição, perpassavam também pela apropriação coletiva de terras, que são denominadas de “terras de uso comum”. De acordo com Wagner (2008, p. 28), “Tal controle se dá através de normas específicas instituídas para além do código legal vigente e acatadas, de maneira consensual, nos meandros das relações sociais estabelecidas entre vários grupos familiares, que compõem uma unidade social”. Ainda conforme o autor, a atualização destas normas se efetua em:

Territórios próprios, cujas delimitações são socialmente reconhecidas, inclusive pelos circundantes. A territorialidade funciona como fator de identificação, defesa e força. Laços solidários e ajuda mútua informam um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum, essencial e inalienável, não obstante disposições sucessórias, porventura existentes. De maneira genérica estas extensões são representadas por seus ocupantes e por aqueles de áreas lindeiras sob a acepção corrente de “terra comum” (Wagner, 2008, p.133-134).

As atividades produtivas nestas terras de uso comum se efetuam por meio das estruturas familiares, pelas relações de vizinhança e um controle social sobre os moradores recém-chegados nestas terras. Cabe ressaltar, que, existem categorias “coirmãs”, que tentam dar conta da variedade de contextos existentes nos mais diversos grupos sociais oriundos de terras de uso comum. Tais como: terras de santo, terras de herdeiro e terras de preto, (Wagner, 2008, p.134). Categorias cuja definição será exemplificada a seguir através da formação das comunidades quilombolas aqui

estudadas. Cabe ressaltar que o título desta dissertação: terras de santo, terras de herdeiro e terras de preto, é uma referência direta a estas categorias usadas por Wagner (2008).

As comunidades analisadas neste trabalho são oriundas deste modelo de ocupação agrária, as terras de uso comum. A comunidade quilombola de Araçatiba, enquadra-se na categoria de terras de santo, pois no ano de 1894, os herdeiros da fazenda Araçatiba realizaram a doação de parte da propriedade, mais especificamente a região da sede da fazenda, em nome da Santa Nossa Senhora da Ajuda - padroeira local (Vertelo, 2017). Estabelecendo assim, um vínculo legal entre a terra e os afrodescendentes no pós-abolição. Nessas propriedades: “As formas de uso comum coexistem, ao nível da imaginação dos moradores, com uma legitimação jurídica de fato destes domínios, onde o santo aparece representado como proprietário legítimo [...]” (Wagner, 2008, p. 149).

Por sua vez, a comunidade quilombola de Jacarandá é oriunda de uma herança deixada aos afrodescendentes no pós-abolição. Segundo os relatos orais desta comunidade, o fazendeiro Manoel Vieira Machado, teve alguns filhos com suas escravizadas, que herdaram, de maneira não formal, parte das terras. As chamadas terras de herdeiro são: “terras sem formal de partilha que são mantidas sob uso comum” (Wagner, 2008, p. 52).

Já a comunidade quilombola de Mucambo, formou-se dentro dos limites da propriedade adquirida pela forra, Verônica da Victória, que havia sido cativa da fazenda Araçatiba, segundo relato dos próprios familiares, que ainda vivem na comunidade. Essa configuração é chamada de terras de preto: “Tal denominação compreende aqueles domínios doados, entregues ou adquiridos, com ou sem formalização jurídica, por famílias de ex-escravos” (Wagner, 2008, p. 146-147). Cabe ressaltar que a região da comunidade de Mucambo foi durante o último quartel do século XIX, um espaço de intensa movimentação de pessoas escravizadas aquilombadas. Não se pode afirmar, até o momento, se esses grupos se integraram a esta comunidade no pós-abolição.

A dimensão coletiva da luta por terras está presente no território da antiga fazenda de Araçatiba, escravizados, forros e os livres no pós-abolição, criavam redes de apoio, que muitas vezes, ultrapassam os limites geográficos da fazenda.

O conceito de espaços de autonomia escrava e territorialidade negra nos ajudam a pensar na constituição das comunidades quilombolas em estudo, nas

relações sociais das pessoas que foram escravizadas nessa propriedade, na dinâmica de mobilidade desses escravizados, e principalmente, na apropriação das terras, auxiliando-nos nos estudos arqueológicos afrodiáspóricos. Com o intuito de melhor compreender esta dinâmica, no terceiro capítulo, lançarei mão da arqueologia da paisagem e da etnografia, enquanto metodologias que nos auxiliam na análise das transformações que ocorreram na paisagem destas comunidades e na relação que estes grupos têm com a paisagem local e o patrimônio arqueológico presente em suas comunidades. Todavia, antes de nos aprofundarmos nessa discussão é preciso ressaltar que as estratégias de autonomia escrava apesar de sua intrínseca relação com a formação dos espaços e categorização da territorialidade, como apresentado acima, não se limitam a esse aspecto, podendo ser observada em outros cenários da vida dos escravizados. Assim sendo, a arqueologia pode, e tem contribuído, para desvelar contextos nos quais a autonomia escrava se materializa de diferentes formas, e ainda que os autores não façam uso direto do conceito aqui apresentado podemos observar sua adequação para as análises arqueológicas, como veremos a seguir.

3.2 EXEMPLOS DOS ESPAÇOS DE AUTONOMIA ESCRAVA NA ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA

A arqueologia histórica pode nos fornecer interpretações alternativas àquelas propostas pela História, pois cria modelos de análise que dialogam com as “formas escritas, orais, materiais e expressivas, e continua interligando a história e a antropologia” (Little, 2014, p. 124-125). Dentro da arqueologia histórica tem surgido algumas categorias que buscam nortear pesquisas de interesses temáticos e regionais. Tais trabalhos têm ajudado no crescimento e amadurecimento da disciplina, pois pesquisas inseridas no:

[...] contexto de colonização e da expansão capitalista incluem o contato entre povos europeus, africanos, asiáticos e indígenas; o desenvolvimento de culturas subordinadas e insubordinadas, incluindo o estabelecimento de economias de plantation, cidades e indústria; conflitos e cooperações interétnicos e inter-raciais; a mudança de papéis de gênero e de relações e ideologias; e temas múltiplos relacionados (Little, 2014, p. 126).

Nesse contexto, surgem as pesquisas da arqueologia da diáspora africana. O tema diáspórico beneficiou-se grandemente pela historiografia da escravidão a partir

do debate travado entre africanistas e americanistas, além da produção brasileira de excelente qualidade acadêmica como Alencastro (2000), Azevedo (1987) e Moura (1981). Esse conhecimento histórico tem alcançado um público cada vez mais amplo graças à internet. A interação do conhecimento histórico na era digital trouxe novas possibilidades de acesso à informação (Chartier, 2009). Com o intuito de ampliar o acesso à informação sobre o processo de escravidão, foi criado um portal intitulado “*Transatlantic Slave Trade Voyages*”, que reúne mais de 35 mil viagens de negreiros entre os séculos XVI e XIX. Um desdobramento do projeto, o “*African Origins*” lista 91 mil africanos e africanas emancipados durante a repressão aos navios negreiros. Outro acervo disponível graças aos avanços da era digital é o “*Ecclesiastical and Secular Sources for Slave Societies*”, sediado na Universidade de Vanderbilt, que agrega imagens, sobretudo, cubanas, de livros de batismo, casamento e óbito.

No Brasil, a experiência tem se estendido às universidades como Campinas, UFF e UFES, que mantiveram até pouco tempo um acervo eclesiástico com registros de escravizados. Todos os projetos preocupam-se com a difusão de documentos que possam sustentar uma rede de informações confiáveis sobre a trajetória da população de africanos e afrodescendentes em diáspora pela América.

Além do público acadêmico, tornou-se comum nesta última década projetos e programas que envolvam as universidades numa política extensionista, a exemplo do PET Cultura – UFES e do PROext - Mapeamento cultural na comunidade quilombola de Araçatiba, de modo a garantir um amplo acesso à trajetória dos povos africanos e afrodescendentes nas Américas. Em várias cidades foram criados circuitos históricos com o objetivo de percorrer espaços de sociabilidades dos homens e mulheres escravizados, de modo a romper com os silêncios impostos a esses grupos, a título de exemplo, o projeto “Santa Afro Catarina”, em Florianópolis e o “Circuito Herança Africana”, na cidade do Rio de Janeiro. Tais projetos constituem alternativa às políticas de preservação de patrimônio, vigente atualmente no Brasil, que não dá a devida atenção aos *lugares de memória*⁴ que ensejam a reflexão sobre a presença de

⁴ São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivo, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio que parece um exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre (Nora, 2012, p. 21- 22).

africanos e afrodescendentes nas cidades. Cabe destacar o projeto “Inventário dos Lugares de Memória do tráfico atlântico de escravos e da história dos africanos escravizados no Brasil”, que foi coordenado pelo Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense, e teve como parceiro o Comitê Científico Internacional do Projeto da UNESCO “Rota do Escravo: Resistência, Herança e Liberdade” (Mattos, Abreu, Guran, 2014, p. 11).

No campo arqueológico, o tema da diáspora africana tem seus primeiros estudos nos Estados Unidos nos anos de 1940, entretanto um trabalho mais sistematizado em sítios afro-americanos ocorreu na década de 1970. No território brasileiro, os estudos da arqueologia da diáspora ainda são bem recentes, com estudos que perpassam pela análise da produção material em senzalas, nas comunidades quilombolas e em antigas áreas de produção escravistas (Symanski, 2014).

Na última década, foram criados alguns projetos no campo da arqueologia da escravidão com o intuito de pesquisar a vida material das pessoas escravizadas nas *plantations* do Sudeste brasileiro. Um desses projetos focou sua análise na região Sudeste, em uma fazenda jesuítica de Campos dos Goytacazes e na região do Vale do Paraíba. A primeira foi escolhida devido à grande presença de engenhos de açúcar entre os séculos XVIII e XIX, e a segunda devido à presença de grandiosas fazendas cafeeiras, que tornaram essa região uma das que mais importou pessoas escravizadas no século XIX (Symansk; Gomes, 2012). Como o objeto desta pesquisa está num contexto de fazenda jesuítica, focaremos na análise dos resultados encontrados na fazenda de Campo dos Goytacazes (Figura 46).

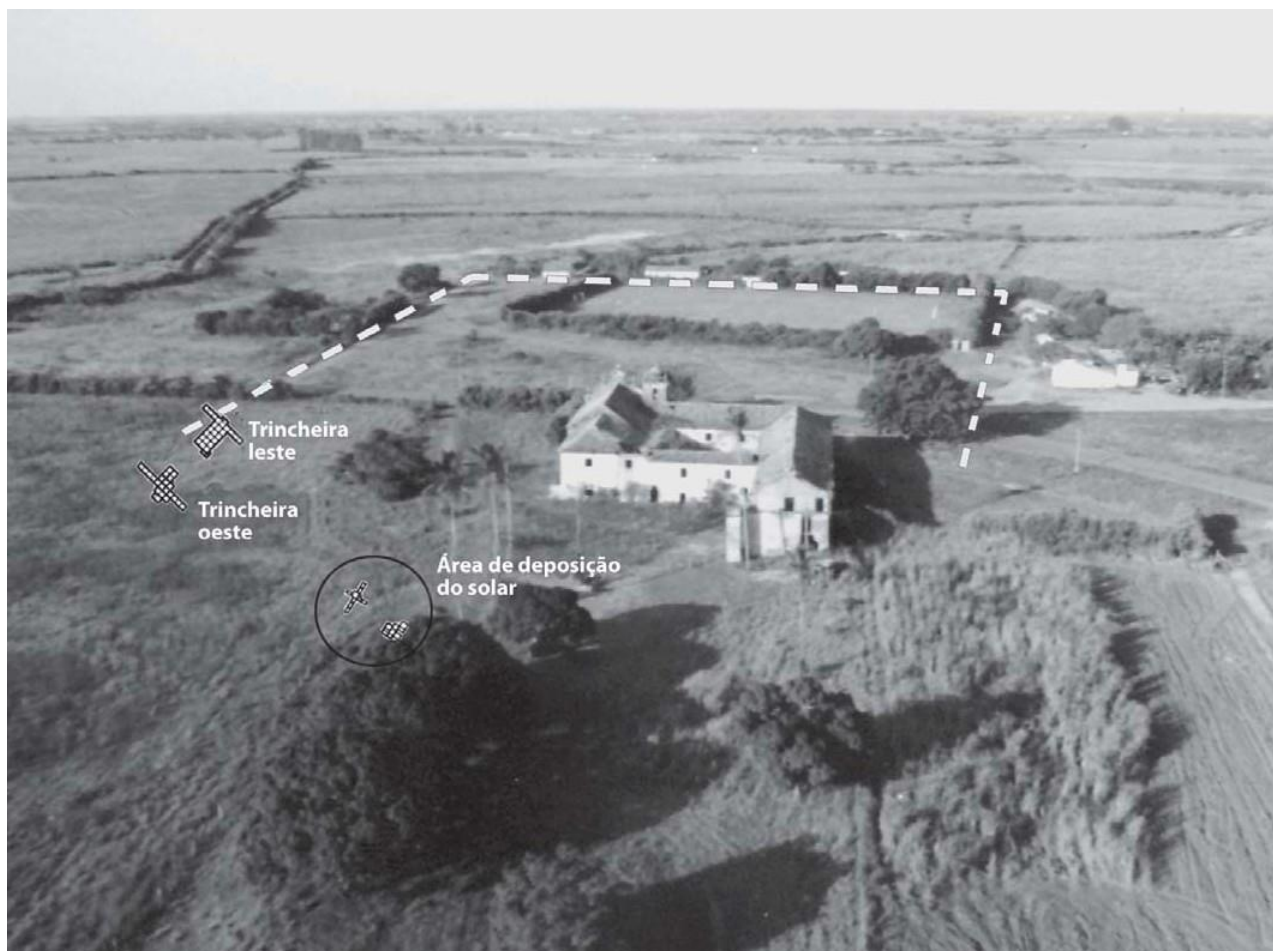


Figura 46: Fotografia aérea do Solar do Colégio em 1980, com indicação das áreas escavadas; o tracejado branco diz respeito ao traçado da senzala. **Fonte:** Arquivo Público de Campos dos Goytacazes, (Symanski; Gomes, 2012, p. 314).

Assim, o projeto tinha como finalidade focar:

Nas estratégias de dominação empregadas pelos senhores nesses estabelecimentos e, por outro, nos mecanismos desenvolvidos pelos escravos para lidar com elas, bem como sobre as possibilidades buscadas pelos escravos para a realização de seus próprios projetos nessas estruturas de limitação, que dizem respeito à capacidade de agência desses grupos (Symanski; Gomes, 2012, p. 312).

As pesquisas arqueológicas na fazenda jesuítica de Campos dos Goytacazes foram realizadas em três campanhas diferentes: 2012, 2014 e 2016. Na área da fazenda jesuítica, foram estabelecidos dois setores de escavação, o primeiro numa concentração de refugos associados aos habitantes da sede, onde foram encontrados materiais como porcelanas europeias, louças inglesas e restos alimentares. O segundo setor escavado foi descrito como uma grande senzala, com a presença de materiais diversos como telhas, tijolos, fogueira, mariscos, cerâmicas artesanais, cerâmicas torneadas, faianças portuguesas, louças inglesas, pulseiras, pingentes,

contas de colares de vidro, cachimbos de cerâmica, material ósseo de animais domésticos - boi, porcos e galinhas – e de animais selvagens como capivaras e porcos-do-mato, e também peixes. O material encontrado foi caracterizado como tendo sido depositado entre 1800 e 1850 (Symanski; Gomes, 2012).

Concentremo-nos na análise da escavação realizada na senzala. A área escavada apresenta “uma significativa amostra arqueológica, composta por 48.392 fragmentos de ossos de animais, e 27.648 fragmentos de artefatos cerâmicos”, e ao analisar o material são realizadas algumas inferências, como:

O material arqueológico presente nos contextos da senzala é, portanto, produto de ambos os processos: o recebimento via redistribuição centralizada pelo proprietário e a aquisição própria. A análise do material permite inferir como algumas categorias materiais entraram na senzala. Os restos faunísticos, por exemplo, caracterizam-se pelo grande predomínio das patas de bois e de porcos em todos os contextos. Tratavam-se, muito provavelmente, de cortes provenientes da produção pecuária da própria fazenda, que mantinha grandes rebanhos bovinos e suínos e que foram destinados como ração para as famílias da senzala. Por outro lado, as práticas da caça e da pesca estão indicadas pela onipresença, nesses contextos de senzala, de ossos de animais silvestres, como jacarés e gambás, e de peixes, demonstrando atividades autônomas realizadas pelos escravizados para a complementação da ração de proteína animal em sua dieta (Morais; Symanski, 2019, p. 33-55).

A partir dos materiais encontrados nestas escavações e de suas interpretações é possível compreender em parte que as relações sociais que se estabeleceram nas fazendas escravistas, foram permeadas por atividades autônomas protagonizadas pelos escravizados, que buscavam alternativas diante das tentativas de limitações impostas pelos senhores.

Além disso, as relações sociais que envolviam o universo das pessoas escravizadas ultrapassavam os limites dessa “infraestrutura” doméstica, e do trabalho se desenrolando também nas áreas de mata e de lavoura destas propriedades (como indicam principalmente os restos faunísticos), sendo, portanto, importante considerar esses espaços na análise das paisagens das fazendas escravistas, todavia, no Brasil ainda pouco se sabe sobre as paisagens e os territórios que estavam no entorno das referidas unidades escravistas.

Construir, ocupar, dominar, inventar e definir tais espaços e geografias tinham sentidos dialógicos no cotidiano. Espaços de poder, de barganha, de dominação, de invisibilidade, de autonomia, de família, de economia própria etc. eram intercambiáveis e movediços, articulando poderes senhoriais, lógicas de controle e igualdade, culturas escravas de comunidades geracionais diferentes, em contextos de alianças, tensões, disputas e competições. Significavam espaços e também tempos permanentemente

reconstruídos por experiências, expectativas e percepções, envolvendo trabalho, cultura, parentesco, família e religião (Gomes, 2013, p. 88-89).

O historiador Flávio Gomes nos faz refletir sobre a relação dialógica que se estabelecia na ocupação geográfica das fazendas escravistas. Desta feita, não se pode pensar o escravizado enquanto um sujeito passivo nesse processo. Há uma constante busca do estabelecimento de espaços de autonomia, ou seja, uma agência das pessoas escravizadas que pode ser vislumbrada nos enlaces matrimoniais, nas relações de apadrinhamento, na formação de campesinatos negros, na religiosidade e na mobilidade, dentro e algumas vezes fora das unidades produtivas.

Portanto, acreditamos que a ampliação das pesquisas arqueológicas nestes contextos podem nos auxiliar a entender o processo de circulação das pessoas escravizadas nessas unidades produtivas e sua ocupação possibilitando uma melhor compreensão do cotidiano escravista, das relações entre cativos, libertos e livres, das moradias, das relações de trabalho, relações de parentescos, além de subsidiar uma análise mais apurada da formação de comunidades afro-brasileiras oriundas dessas fazendas no pós-abolição. Para isso, parte-se sempre do diálogo entre diferentes temporalidades, que possibilitam compreender a formação da territorialidade, da paisagem, da memória e da cultura material destes grupos.

A reflexão sobre este outro estudo de caso que faremos agora, auxilia-nos no entendimento de como o diálogo interdisciplinar entre história e arqueologia pode contribuir na construção das narrativas afrodiaspóricas, na compreensão do cotidiano dos escravizados, no entendimento da composição da paisagem nessas unidades escravistas e na percepção dos chamados espaços de autonomia, que também podem ser percebidos nas práticas religiosas, como veremos a seguir.

No texto “À sombra da clandestinidade: práticas religiosas e encontro cultural no tempo do tráfico ilegal de escravos”, a arqueóloga e historiadora Camilla Agostini (2013) faz um exercício de construção narrativa, dialogando com a arqueologia e história, utilizando fontes arqueológicas, em especial o acervo do pesquisador Wagner Bernal, e fontes históricas de natureza diversa. O contexto da sua pesquisa é o litoral norte de São Paulo, na região de São Sebastião. Por meio da análise documental e da cultura material, a autora pretende investigar uma possível relação entre práticas religiosas que se estabeleceram no universo da relação entre pessoas escravizadas e senhores, no contexto em que foi promulgada a lei que proibia o tráfico de escravos para o Brasil.

A autora inicia o texto realizando um exercício de construção narrativa da trajetória de Joaquim José Pedro de Souza e Ana da Cunha, que se casaram exatamente no ano de 1831, mesmo ano em que o tráfico de escravos se tornou ilegal no Brasil. Os dois eram pequenos comerciantes da região de São Sebastião, segundo narrativas orais, Joaquim Pedro foi proprietário de uma fazenda na região, a propriedade passou por um período de abandono, e segundo narrativas orais, os moradores tinham medo de se aproximar da fazenda, pois diziam que ele havia feito um pacto com o capeta e que no dia da sua morte, o diabo o carregou (Agostini, 2013).

As ruínas da fazenda estão sendo estudadas pelo arqueólogo Wagner Bernal, que registrou junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como sítio arqueológico São Francisco. O sítio está localizado no alto de um morro, no bairro São Francisco, na cidade de São Sebastião, em São Paulo. A casa senhorial e as senzalas estão distantes, se comparado ao padrão arquitetônico das fazendas do Sudeste no século XIX, que eram construídas em terrenos planos. Estas duas informações são extremamente relevantes, pois reforçam a hipótese de a região ter sido usada para receber clandestinamente os africanos escravizados. Por isso, a necessidade de ser no alto do morro, em um lugar escondido e de difícil acesso (Agostini, 2013).

A autora supracitada realizou uma análise da paisagem e das ruínas da fazenda, o que a possibilitou inferir sobre o funcionamento da propriedade, que contava com engenho, fornalha e moinho. Indicando a possibilidade de Joaquim Pedro comercializar os produtos da fazenda na sua casa de negócio. No núcleo principal da fazenda estariam a casa senhorial, o engenho, uma capela e um pátio de pedras. Em um local mais afastado, os fragmentos arqueológicos apontam a possibilidade da existência de três ocupações, que provavelmente seriam as moradias das pessoas escravizadas (Agostini, 2013).

Em 1844, o número de pessoas escravizadas de Joaquim Pedro, aumentou de dez para doze, sendo seis mulheres e seis homens, quase todos africanos. Um número pequeno de pessoas escravizadas para um senhor de engenho. De acordo com Bernal, o sítio São Francisco primeiro foi um engenho de cana e, posteriormente, passou a produzir café. A partir desta afirmativa a autora levanta um questionamento: Não seria esta região periférica da fazenda um local de recepção de escravizados, em um contexto de clandestinidade? (Agostini, 2013).

Outro elemento que corrobora com a hipótese da autora, tem relação com o percentual de pessoas escravizadas africanas presentes na escravaria de Joaquim Pedro. Se por um lado a população escravizada de São Sebastião, em 1844, era composta por maioria de crioulos, por outro, a escravaria deste senhor apontava para um alto índice de africanidade entre seus escravizados (Agostini, 2013).

Foi realizada uma datação de louças decoradas encontrada na região, e conclui-se que a data média de produção destas peças seria 1839, exatamente no contexto do tráfico ilegal de escravos. Outro elemento relevante é que em 1856 às terras de Joaquim Pedro não estavam legalizadas. A partir da análise destas fontes, a autora chega a dizer que Joaquim Pedro possuía um quantitativo de pessoas escravizadas muito parecido com quem “viviam de vender escravizados”. E ainda levanta alguns questionamentos: Por que não legalizar suas terras? Por que construir a sede de uma fazenda em um local de difícil acesso? No alto de um morro e próximo ao litoral. Elementos como: a posição geográfica da sede da fazenda, o alto índice de africanidade, a distância entre as senzalas e a casa senhorial, apontam para uma atuação de clandestinidade, por parte de Joaquim Pedro (Agostini, 2013).

Autores como Boccia e Malerbi (1977), defendem que mesmo após 1850, com a lei Eusébio de Queirós, o tráfico de pessoas escravizadas permaneceu, só que de forma clandestina. No Brasil, neste contexto, os africanos escravizados após o desembarque eram escondidos nas matas e iniciados na língua portuguesa (Agostini, 2013).

A segunda parte do texto é voltada para a análise das práticas religiosas e encontros culturais. É realizada uma análise e uma construção narrativa com base no material arqueológico encontrado na região do sítio São Francisco, que conforme a autora defende em todo artigo, foi provavelmente um local de entrada ilegal de pessoas escravizadas (Agostini, 2013).

A autora inicia apresentando os aspectos cerimoniais e de forte sociabilidade, principalmente, na primeira área analisada, que é o complexo principal da fazenda. Nas ruínas da capela, com a presença de uma fonte com oratório ou pia batismal. No grande pátio de pedras, as cavidades entre as pedras no chão, sugere não ser um lugar ideal para a secagem de café. Já o muro da lateral é todo decorado com diferentes símbolos, como a imagem de uma rã, da letra “E”, de uma capela e de uma rosácea. Apresentando-se enquanto um espaço de sociabilidade (Agostini, 2013).

A quantidade de cachimbos encontrados também simboliza o grau de sociabilidade existente nesta área. Encontrados em meio aos materiais coletados na cozinha da casa senhorial. A presença dos cachimbos pode ter ligação com a prática do repouso, além da possibilidade do uso ritual ou religioso. Ainda, no lixo da casa principal, foram encontrados três cabos de frigideiras, todas representando a mão direita, sendo uma em forma de figa (Figura 47), símbolo da fertilidade, sorte ou insulto (Agostini, 2013).



Figura 47 – Cabos de frigideira em forma de figa. **Fonte:** (Agostini, 2013, p. 87).

Outro material encontrado, em sua maioria no complexo principal, foram os cabos de panelas em formato fálico (Figura 48). Com uma significativa presença nas proximidades do que pode ter sido uma capela. De acordo com a autora, a representação fálica dos cabos encontrados pode ter ligação com o culto tradicional do catolicismo popular português devoto a São Gonçalo. A relação da festa de São Gonçalo com figuras representativas em formas fálicas, também foi descrita por Luís Câmara Cascudo (2002: 264). Por outro lado, Brandão (1953) associa as representações fálicas ao culto dos orixás. Mais importante do que apresentar a origem do culto fálico, seria ter a noção que tanto africanos, quanto portugueses tinham alguma forma de conhecimento sobre estes cultos (Agostini, 2013).



Figura 48 – Representações fálicas em cabos de placas cerâmicas. **Fonte:** (Agostini, 2013, p. 89).

Alguns autores destacam a fertilidade e a “exaltação sexual” ligada ao culto a São Gonçalo, entre eles se destacam: Bomfim (2006: 49) e Freyre (1995: 247). Para Souza (1995: 94), as pessoas escravizadas não teriam interesse no culto a fertilidade e da fartura na lavoura, uma vez que geravam bebês escravizados, e a terra produzia para os brancos (Agostini, 2013).

Os cabos fálicos encontrados em contextos vizinhos sugerem que mesmo estando em um local mais escondido na mata, o sítio São Francisco estava interligado a uma rede de saberes e práticas. Havia uma ligação dos habitantes da região ao catolicismo popular ligado ao culto da fertilidade. Em São Sebastião havia uma capela devota a São Gonçalo, e no início do século XIX seus devotos eram: pardos, libertos e cativos.

Além disso, a autora destaca que após uma escavação realizada no piso da casa no complexo principal, foram encontrados artefatos que sugerem a ligação de africanos e seus descendentes ligados a cultos “oficiosos”, na região do sítio São Francisco. Trata-se de uma pedra polida e duas chaves (Figura 49). Symanski (2007) identificou em uma casa senhorial, no Brasil Central um prato com uma moeda no meio. E tomando como referência outras pesquisas, sugeriu tratar-se, possivelmente de elementos ritualísticos elaborados por escravizados. Este caráter mágico de alguns

materiais arqueológicos encontrados em contextos de fazendas escravistas, também é ressaltado por Wilkie (1997: 83), os diferentes objetos eram enterrados nos ambientes domésticos (Agostini, 2013).

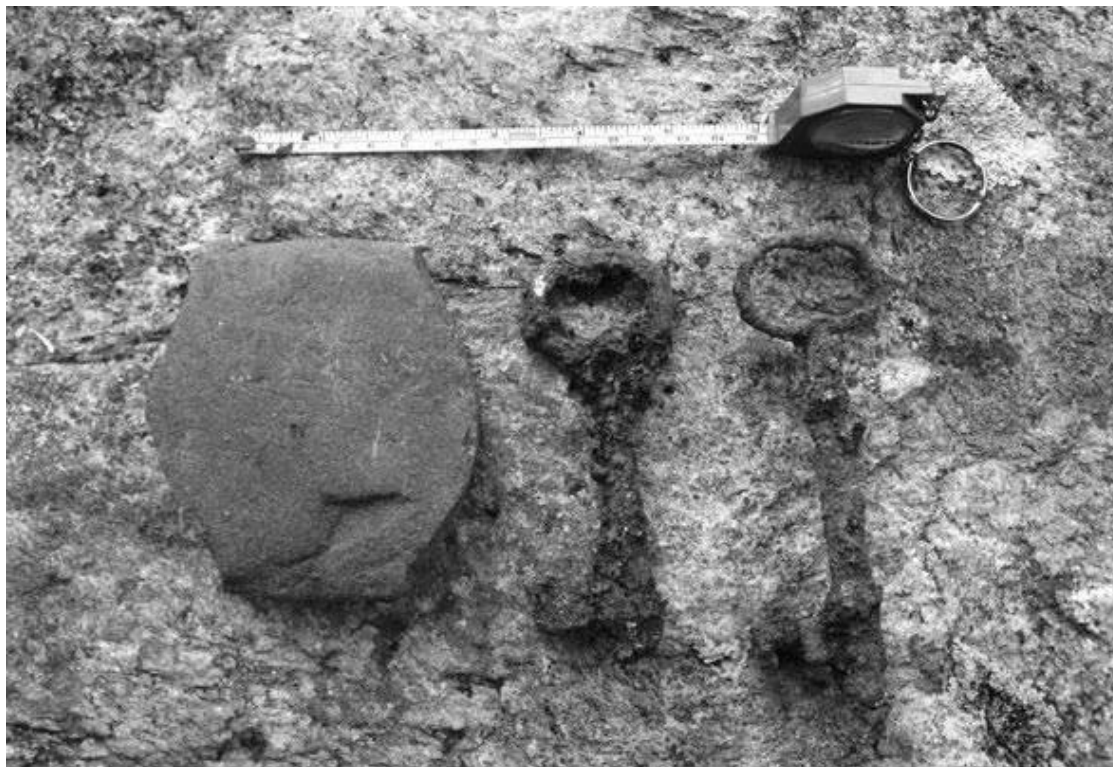


Figura 49 – Pedra polida e duas chaves encontradas no canto da casa senhorial, em sua fundação.
Fonte: (Agostini, 2013, p. 95).

Alguns pesquisadores de religiões afro-brasileiras apresentam outra perspectiva interpretativa para estes materiais arqueológicos. Como a antropóloga Luciana Duccini (2009), quando fala do “axé de fundamento”, que são vasilhas de barro com moedas antigas dentro, entre outros objetos, que são enterrados no momento da fundação de um terreiro de candomblé. Guimarães (2009) fala que na fundação dos centros de umbanda também são enterrados diversos objetos. As chaves encontradas em forma de cruz poderiam sugerir uma referência à cosmologia centro-africana, que representa o encontro do mundo dos vivos com o mundo dos mortos (Agostini, 2013).

Por fim, as pesquisas realizadas no sítio São Francisco, mostram que mesmo em um contexto de escravidão clandestina, e da rígida estrutura do sistema escravista, as pessoas escravizadas criavam mecanismos de manutenção de suas práticas culturais, reforçando assim a hipótese de uma ação mais ativa dos

escravizados, mesmo diante de tanta crueldade, podemos então falar de uma agência das pessoas escravizadas sobre os espaços das unidades escravistas e até mesmo sobre o sistema da escravidão, que em última instância tentava os controlar.

O pós-abolição, também, tem se tornado um campo de interesse de diferentes arqueólogos que pesquisam a diáspora africana. No Brasil uma significativa produção tem tentado contextualizar a vida dos afro-brasileiros, após o fim da escravidão. Temáticas que perpassam pela constituição das comunidades negras, rurais e urbanas, entre o final do século XIX e início do XX. Assim como, estudos que tentam abordar diretamente a atuação destas comunidades quilombolas no presente.

As pesquisas sobre arqueologia da diáspora africana em comunidades quilombolas têm produzido reflexões sólidas. No Brasil, destacam-se os estudos arqueológicos realizados nos quilombos históricos: Palmares (AL), Ambrósio (MG), Cabaça (MG) e nas comunidades quilombolas contemporâneas: Quilombo do Jaó, que fica no município de Itapeva, sudoeste do estado de São Paulo (MARQUES, 2014). Os estudos dos povos do Aroá, comunidades quilombolas na região da Amazônia Paraense (MORAES, 2020). E na comunidade quilombola de Itamatatua, Alcântara – Maranhão (Bandeira, 2018).

No Espírito Santo, a arqueologia da diáspora africana carece de trabalhos mais sistemáticos, principalmente, os acadêmicos. O que há em relação à temática diaspórica, está vinculado à arqueologia preventiva. Tem sido produzido alguns relatórios arqueológicos realizados em contextos de fazendas escravistas e em comunidades quilombolas, como os relatórios utilizados no primeiro capítulo deste trabalho, na região da fazenda Araçatiba (Costa, 2010; 2013; 2014), também na região da fazenda Araçatiba, mais especificamente, na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda e em seu entorno está sendo realizado um trabalho de monitoramento, prospecção e salvaguarda, devido a obra de restauração da igreja. Cabe ressaltar que o processo de monitoramento ainda está em andamento, no momento da escrita desta dissertação.

Além deste outro relatório produzido na comunidade quilombola de Linharinho no município de Conceição da Barra, litoral norte do estado do Espírito Santo. Cabe ressaltar que são dois contextos distintos, pois a área estudada nesta pesquisa está situada na região metropolitana de Vitória, região central do Espírito Santo, e é preciso levar em consideração que se trata de uma fazenda jesuítica. Feita as devidas

observações, passamos a analisar o relatório sobre a comunidade quilombola de Linharinho.

O diagnóstico arqueológico foi realizado em Linharinho, no ano de 2008, numa área de aproximadamente 70.000m². O trabalho de campo seguiu as indicações feitas por moradores locais, de possíveis áreas de atividades econômicas e religiosas do tempo do cativeiro. Como: curtume, casa de farinha e cemitério (Machado, 2008, p. 5).

Na área indicada pela comunidade como sendo o curtume, foram identificadas duas estruturas: uma em formato de “L” e outra em formato retangular. A primeira tem aproximadamente 1 metro de altura, e tem como material construtivo tijolo maciço e cimento. Já a segunda estrutura, tem aproximadamente 4,5 metros de comprimento por 2,5 de largura, e está dividida em três compartimentos, tendo 1,20 m de altura. Construído com blocos de cimentos e reboco de cimento. Na trilha entre o curtume e a casa de farinha foi observado na superfície materiais cerâmicos, telha e lajota (Machado, 2008, p. 50).

Na casa de farinha, também chamada de engenho pelos moradores locais, foram encontrados restos construtivos, porém o material encontrado na área era pouco e esparso. Existe na comunidade um tacho de ferro que segundo relato dos moradores foi encontrado na área do engenho (Machado, 2008, p. 52-53).

Já a prospecção realizada na área indicada como sendo o cemitério, apresentou um material mais diversificado:

Dentre os vestígios observados na área prospectada, destacam-se um fragmento de cerâmica fina preta, grande quantidade de fragmentos de telha (incluindo industrializada, com pintura vermelha), vidro, louça branca e decorada. Dentre essas, destacam-se padronagens relacionadas ao século XIX, como quatro fragmentos de faiança inglesa com técnica decorativa *transfer printing* (borrão), e dois pequenos fragmentos com a técnica decorativa banhada, padrão policrômico, com faixa simples (Machado, 2008, p. 54 grifos do autor).

Cabe ressaltar que o objetivo deste diagnóstico era tentar localizar algumas áreas, dentro dessa comunidade, que remetiam ao quilombo histórico que, segundo relato dos moradores, estabeleceu-se ali, durante o período da escravidão. O curtume foi identificado como sendo, possivelmente de meados do século XX. As casas de farinha, século XIX, e a área do cemitério, foi interpretada pela arqueóloga, como sendo uma possível habitação, diante do material encontrado.

Mesmo o resultado desse diagnóstico arqueológico não apontando para a existência de um quilombo histórico na região, como afirma as narrativas orais dos moradores. Cabe destacar a importância da pesquisa realizada numa comunidade quilombola, visto que mostra como estes moradores constroem uma memória sobre a materialidade local. Além de apontar para um processo de reapropriação destes espaços e a construção da paisagem social local.

Outro elemento que chama atenção neste relatório, foi o altar de Santa Bárbara, que fica na residência de uma das moradoras da comunidade. O altar é composto por um conjunto artefactual lítico, que segundo a proprietária, foi trazido da África pelos escravizados, para rituais de culto. Segundo relato dessa moradora:

Em época de trovoadas, ela queima e tem que tratar com dendê e cachaça. Cada pedra tem um nome, mas já não sabem o nome de todas. Dentre as que são ainda identificadas, o machado isolado em um prato é São Sebastião, e o grande seixo preto chama-se Aurora. Os pais não ensinaram tudo, eram muito fechados, então repetem o que viam. Como não sabem direito, têm medo de mexer com o que não tem conhecimento [...]. [...] Foram observados diversos seixos, e onze ou doze lâminas de machado em pedra polida, além de uma possível mão de pilão. Não foi permitido ao pesquisador tocar nas pedras. Em diversos tamanhos, as formas são compatíveis com os artefatos dessa natureza encontrados na região (Machado, 2008, p. 21-22).



Figura 50 - Detalhe de artefatos líticos polidos e seixos no Altar de Santa Bárbara. **Fonte:** (Machado, 2008, p. 22).

Um contexto semelhante foi observado pela arqueóloga responsável por este projeto, no extremo sul da Bahia, no município de Nova Viçosa. Numa atividade de busca por vestígios arqueológicos na região, uma das entrevistadas, afirmou que sua bisavó era nagô, e que havia encontrado e guardado duas machadinhas de “Santa Bárbara”. Os machados estavam na família há gerações, e eram guardados em um pote com dendê, que segundo a entrevistada servia para que as peças não “fugissem”, em tempos de tempestades. Destaca-se a incorporação de materiais líticos pré-históricos nos cultos afro-brasileiros. Os materiais encontrados no solo são

compreendidos como sendo enviados por Iansã (ou Santa Bárbara). Estes materiais seriam enviados através dos relâmpagos (Machado, 2008, p. 22).

Essa breve abordagem da diáspora africana, no campo histórico e arqueológico, serve de arcabouço teórico para começarmos a pensar na constituição das comunidades quilombolas de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo, compreendendo como os chamados espaços de autonomia, forjados no cotidiano dos escravizados, contribuiu para a construção de relações sociais que perpassaram o sistema escravista e alcançam o pós-abolição, corroborando com a formação de algumas comunidades quilombolas. Digo algumas, pois certamente várias outras comunidades quilombolas são oriundas de outros processos sociais, como, por exemplo, as comunidades quilombolas provenientes de quilombos históricos.

4 PAISAGEM E ETNOGRAFIA NAS TERRAS DE SANTO, TERRAS DE HERDEIRO E TERRAS DE PRETO – ESPAÇOS DE AUTONOMIA ESCRAVA E A FORMAÇÃO DA PAISAGEM NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ARAÇATIBA, JACARANDÁ E MUCAMBO

Neste capítulo analisaremos o processo de construção da paisagem das comunidades quilombolas, tendo como base as narrativas compartilhadas por nossos colaboradores, fontes imagéticas e as materialidades que remetem às histórias e afetividades locais. Para tanto, será realizado um mapeamento dos principais marcos dessa paisagem, tendo como base: um levantamento documental e um estudo etnográfico⁵. Este mapeamento levou em consideração os lugares de memória afrodiaspóricos das comunidades quilombolas de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo. Cabe ressaltar que o mecanismo de acesso às terras nos três casos em estudo, deram-se num contexto próximo, no imediato pós-abolição. E foi possível perceber que existe uma relação entre os chamados espaços de autonomia escrava com a formação destas comunidades. Sendo assim, inferimos que a paisagem, a materialidade e as memórias destas três comunidades revelam-nos, ainda no presente, marcas dos espaços de autonomia escravas construídos pelas pessoas escravizadas da antiga fazenda Araçatiba.

Uma vez evidenciado estes lugares de memórias afrodiaspóricos, terminamos o presente capítulo apresentando uma alternativa ao silenciamento imposto historicamente a memória e a história das comunidades quilombolas do Brasil. Apresentaremos um circuito cultural quilombola, que é realizado na comunidade quilombola de Araçatiba, desde o ano de 2016. O circuito nasceu em diálogo entre pesquisadores e esta comunidade, e tem como objetivo apresentar a história destes

⁵ Também conhecida como: observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa hermenêutica, dentre outras. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos, por exemplo: uma escola toda ou um grupo de estudo em uma determinada sala de aula. A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis das percepções e comportamento manifestos em sua rotina diária dos sujeitos estudados. Estuda ainda os fatos e eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos. Em etnografia, holisticamente, observa-se os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação (Mattos, 2011, p. 51).

quilombolas, em especial os lugares de memórias, que se constituíram em uma permanente relação de negociação e conflitos, que permeava o universo das pessoas escravizadas.

O estudo etnográfico realizado nesta pesquisa foi utilizado com o objetivo de compreender a relação das comunidades quilombolas do estudo em questão, com a paisagem dessa territorialidade negra. Paisagens que são construídas, conceitualizadas e ideacionais. Conforme descrição a seguir:

As paisagens construídas são muito mais verificáveis no espaço pesquisado, pois se referem diretamente àquelas evidências materiais registradas por boa parte dos arqueólogos, formadas por estruturas diversas que geralmente levam o nome de “sítio arqueológico”. Em muitos estudos, inclusive, é o único “tipo” registrado e considerado na interpretação, possuindo correlação com a definição da UNESCO para a paisagem classificada como “claramente definida”, isto é, nitidamente transformada por ação antrópica. Já as paisagens conceitualizadas possuem como características básicas as ações de cunho religioso, artístico e cultural investidas na paisagem, mas não necessariamente transformadas por atividades humanas. Por fim, as paisagens ideacionais são construídas das percepções imaginativas e emocionais daqueles grupos ou indivíduos que a conceberam e ali viveram e que podem parcialmente serem acessadas pela arqueologia em contribuição com outras áreas, como antropologia com foco nos mitos e na história oral [...] (Lino, 2012, p. 63 grifos do autor).

A fim de pensar as paisagens dentro dessa “territorialidade negra” nas comunidades de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo, lançarei mão do conceito de “paisagem social”, buscando compreender essa paisagem a partir de alguns tipos:

[...] **paisagem como identidade:** os povos marcam a paisagem com seus signos de identidade, e em contrapartida, o meio social cria seus sinais de identificação com seus ocupantes, criando-se em certos espaços, portanto, elementos que forneçam a substância identitária, a identificação do eu com o mundo; **paisagem como ordem social:** as paisagens oferecem pistas para a interpretação das diferentes sociedades, ela mesmo agindo como meio onde os indivíduos negociam e estruturam a organização social e as relações culturais; **paisagem como transformação:** mudam-se as paisagens de modo lento ou abruptamente, mas as razões devem ser investigadas considerando-se múltiplos fatores, como os momentos históricos envolvendo tensão, contestação, conquistas externas e até catástrofes naturais. Além disso, aqui cabe referenciar que os antigos sítios podem, com o passar do tempo, receber novos usos e significados, ou ainda feições geológicas naturais serem interpretadas no presente como monumento de povos do passado (Lino, 2012, p. 63-64 grifos do autor).

Ao analisar a paisagem social dessas comunidades quilombolas pretendemos entender sua dinâmica de formação, tendo como foco, a paisagem na sua dimensão física, social e simbólica, conforme Boado (1999) evidencia essas três dimensões que são indissociáveis. Assim, concordamos que

A compreensão dessas inter-relações entre sociedades *versus* paisagem é um vetor central para elegermos nosso corpo de indagações acerca das possibilidades e restrições de como grupos humanos (com diferentes estratégias/escolhas de sobrevivência e subsistência, adaptabilidades e universo simbólico-cultural), estavam se movendo, apropriando-se e definindo seu espaço (Fagundes; Piuzana, 2010, p. 212 grifos do autor).

Para pensar a dinâmica da paisagem no território da fazenda Araçatiba, desde sua constituição enquanto engenho jesuítico, até o pós-abolição, este trabalho foi subsidiado pelo arcabouço metodológico da arqueologia da paisagem, ultrapassando sua dimensão física e entendendo-a, também, como resultado de dinâmicas socioculturais. Buscando-se dialogar como a ideia de territorialidades, indo além dos espaços demarcados como assentamentos.

4.1 A PAISAGEM NA SUA DIMENSÃO FÍSICA, SOCIAL E SIMBÓLICA

Iniciaremos nossa análise sobre a paisagem do território quilombola estudado tendo como ponto de partida uma publicação da revista Vida Capichaba, de 1931. Trata-se de uma produção textual intitulada “Rio acima”.⁶ A simbiose entre os aspectos físicos, sociais e simbólicos das paisagens de nossa área de estudo ficam evidentes na narrativa realizada por Arnunpho Neves e apresenta-nos parte do trajeto que era feito de canoa entre a capital do Espírito Santo, Vitória, até chegar à Araçatiba, como veremos a seguir.

[...] De repente, apresentou-se á prôa a embocadura de um pequeno afluente do jucú.

Os homens da tripulação arriaram o traquete e empunharam as varas outra vez.

– O snr. É destas bandas? Perguntei ao mestre.

– Sou, menino; eu sou d’Araçatiba, respondeu num dialecto cantado e moroso.

Agora, o rio que percorríamos era muito estreito e raso.

A canôa estava sempre a arrastar o fundo no leito arenoso.

Nas margens, desertas de habitações humanas, pequenas manadas de gado pastavam.

⁶ Texto retirado da Revista Vida Capichaba, edição nº 277, p. 34,36. Disponível no site da biblioteca Nacional.

O sol ia declinando, quando o mestre, apontando para um morro, ligeiramente azulado pela distancia, disse: – Ali é Araçatiba.

Respirei, satisfeito.

Ele compreendeu meu desejo de chegar.

– Não tenha pressa; lá só estaremos depois das cinco horas.

O rio tem tantas voltas!...

E era mesmo: o riozinho ziguezagueava cada vez mais, lavando os pés a um labirinto de montes, de pequena elevação, uniformes.

Eu não despregava a vista do tal morro de Araçatiba, que se diferenciava dos demais apenas por ostentar um cocoruto verde-escuro de coqueiros.

Umas vezes eu o via tão perto, que julgava ter o mestre pilheriado, quando dissera precisarmos do resto do dia para alcançá-lo; doutras, ele se ia distanciando, distanciando até se perder de vista.

O sol aparecia obedecer á vara de um magico caprichoso, dançando No céu, percorrendo-o em todas as direcções.

Bandos de japiras, em murmurinho, desciam dos montes, internando-se nas várzeas estreitas e sombrias.

– São os meninos que vêm da escola! Exclamava a velhóta com um suspiro de saudade, acompanhando com a vista a evolução ordenada das avezinhas.

Multidões de passarinhos verdes, em ensurdecadora algazarra, espantavam se, abanando as ingazeiras frutificadas, em cada sombra sericóras cantavam:

<Três potes, um côco... Três potes, um côco...>

E a tarde ia-se sem pressa, lânguida, fazendo borbotar da folhagem miríades de insectos zumbidores.

No firmamento muito limpo, uma estrela longinqua piscava uns olhinhos de garôta namoradeira.

Agora o morro de Araçatiba esta sempre a querer nos barrar o caminho.

Uma verêda, aberta num estreito brejal, levou-nos a um porto, onde vi, amarrados, algumas canôa do tipo da nossa.

A velha tirou de uma trouxa um pente e começou a alisar os cabelos.

Os tripulantes foram separando o que a cada um pertencia.

Umas casas de aparência pobre, dispersas na capoeira...

Porcos comendo milho no terreiro...

Era Araçatiba.

O texto apresenta-nos um diálogo entre um passageiro e um mestre canoeiro, durante o percurso rio Jucu acima até a chegada em Araçatiba. Neste diálogo o canoeiro vai descrevendo o percurso para este passageiro. Analisar este diálogo nos ajuda a compreender como era esta região, ainda na primeira metade do século XX. Todavia, para uma primeira análise ficaremos com o foco que o mestre canoeiro de Araçatiba faz ao morro homônimo, que se destacava naquela paisagem e servia como referência geográfica, era o ponto de chegada da comunidade quilombola de Araçatiba.

Devido a importância do morro de Araçatiba para a região, iniciamos nossa análise sobre a paisagem da região estudada, tomando como referência este morro (Figura 51). Este morro fica localizado no centro da fazenda homônima, ao redor dele se desenvolveram entre os séculos XVIII e XIX as principais atividades socioeconômicas da fazenda. Cabe ressaltar que é possível avistá-lo de diferentes pontos da antiga fazenda Araçatiba, inclusive de diferentes cidades da Grande Vitória.



Figura 51 – Imagem do atual Bairro Araçatiba. É possível ver algumas residências, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda e ao fundo o Morro Araçatiba. **Fonte:** Banco de Dados do LEENA/UFES, acervo do PET Cultura, fotografia de Rubens Teixeira (2012).

Na imagem acima é possível avistar parte da antiga sede da fazenda, onde atualmente se desenvolveu a comunidade quilombola de Araçatiba, algumas residências e a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda. Nas imediações de traz do morro estão as outras duas comunidades.

Na planície ao redor do morro estão presentes os principais rios da região, e é neste contexto espacial que se desenvolveram as três comunidades quilombolas, como veremos no documento a seguir. Trata-se da planta da fazenda Araçatiba, elaborada no ano de 1894 (Figura 52).

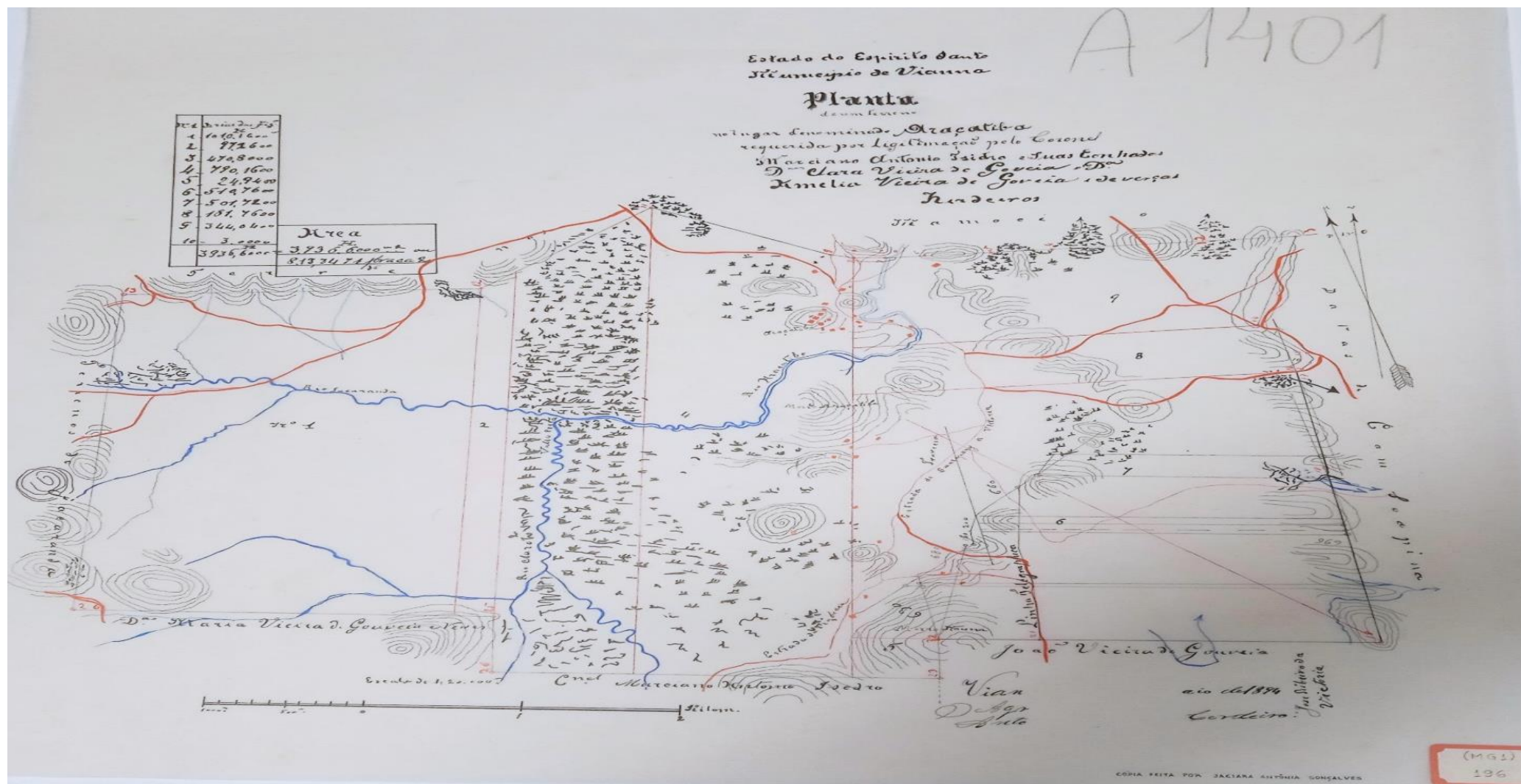


Figura 52 - Planta da fazenda Araçatiba – (maio de 1894). Nesta planta a propriedade já aparece dividida entre os herdeiros do Coronel Sebastião Vieira Machado. **Fonte:** Banco de Dados do LEENA/UFES, acervo PET Cultura.

A planta da fazenda Araçatiba foi criada no contexto da promulgação da lei de terras na província do Espírito Santo, lei que se efetivou no ano de 1892, fazendo com que as propriedades rurais tivessem que buscar uma regularização. Esta planta apresentada acima (Figura 52), foi feita a pedido dos herdeiros da fazenda. É possível observar no documento que a fazenda é bem menor, em relação ao início do século XIX, dado o processo de fragmentação ocorrido após a morte do coronel Sebastião Vieira Machado. A área de plantação, destacada em preto, estende-se na planície às margens dos rios que cortam a propriedade, nas proximidades da região de Jacarandá. Os principais eram: o rio Claro e o rio Jacarandá e quando os dois se encontravam formavam o rio Araçatiba, que passava dentro da sede da fazenda homônima. Como pode ser observado, os pontos em vermelho são construções, e estão localizadas em grande parte na sede da fazenda, local em que não havia uma significativa área de plantio.

As três comunidades quilombolas estudadas nesta pesquisa se desenvolveram dentro dos limites geográficos estabelecidos por esta planta. A comunidade de Araçatiba se desenvolveu, como dito anteriormente, a partir da doação de parte da fazenda para a Santa Nossa Senhora da Ajuda. Esta doação, segundo narrativas da comunidade, tinha como finalidade a permanência da comunidade afrodescendente na região. Já a comunidade quilombola de Jacarandá se originou a partir da doação de terras para os afrodescendentes que viviam na região no pós-abolição. E a comunidade quilombola de Mucambo se originou da compra de um terreno, dentro das imediações da fazenda Araçatiba, por uma mulher forra, que havia pertencido a escravidão dos herdeiros da família Vieira Machado.

A formação destas três comunidades quilombolas dialogam diretamente com os espaços de autonomia escrava construídos durante o período escravista. Porém, cada comunidade tem sua própria dinâmica. Se por um lado Araçatiba e Jacarandá são oriundas de doações de terras, por outro, a comunidade de Mucambo é originária de um processo de compra, realizado por uma forra. A seguir faremos uma breve caracterização da paisagem das três comunidades em estudo.

A paisagem de Araçatiba – Terras de Santo

A comunidade quilombola de Araçatiba fica na cidade de Viana, na ES-476, o acesso à comunidade pode ser feito pela BR-101, na altura do bairro Jucu. A comunidade fica aproximadamente 28 km da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. A comunidade quilombola de Araçatiba ainda não deu entrada no processo de certificação junto à Fundação Cultural Palmares. Esta comunidade quilombola se desenvolveu na sede da antiga fazenda homônima, no chamado morro da capela e foi oriunda de uma doação de terras que os herdeiros da fazenda fizeram à Santa Nossa Senhora da Ajuda, em 21 de abril de 1894 (Vertelo, 2017, p. 78).

Nas imagens abaixo (Figuras 53,54 e 55) é possível ter um panorama da comunidade quilombola de Araçatiba, cerca de treze anos após a doação, até meados do século XX.



Figura 53 - Foto da Igreja Nossa Senhora da Ajuda, em Araçatiba, sem autor (início do século XX). É possível notar a presença do casarão ainda erguido, ao lado da torre da igreja. **Fonte:** Fundo documental do IPHAN-ES.

Nesta imagem (Figura 53) da comunidade quilombola de Araçatiba, produzida na primeira década do século XX, é possível ter uma noção de como era a paisagem desta comunidade no começo de sua formação. Destacam-se as moradias simples

que foram construídas de forma espaçadas. Parece haver uma preocupação em não ocupar a frente da igreja de Nossa Senhora da Ajuda, que está no alto do morro. A igreja por sua vez tem a presença de algumas edificações menores ao lado esquerdo e uma edificação maior (antiga residência dos padres jesuítas) na lateral direita da igreja. É possível perceber alguns moradores, ao que parece em suas atividades diárias, além da presença de um moinho movido a tração animal, e próximo a este moinho parece estar em andamento a construção de uma choça.

Já na imagem abaixo, (Figura 54) é possível perceber algumas alterações. A edificação que ficava na lateral direita da igreja parece ter sido demolida, e o moinho já havia sido desativado naquele momento. No sopé do morro, onde ficava o moinho, podemos observar a construção de no mínimo três novas residências, indicando um crescimento da comunidade. Também chama a atenção os postes de madeira, que podem indicar a disponibilidade de energia elétrica na comunidade, e o automóvel no canto inferior da fotografia.



Figura 54 – Frente da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda no alto do morro da capela. Foto provavelmente de meados do século XX. **Fonte:** Acervo da biblioteca do IBGE.

Já nesta outra imagem abaixo (Figura 55) que também é de meados do século XX, fica perceptível que as construções estão em maior número na parte de baixo do



Figura 55 – Imagem do morro da capela, em destaque a presença de choça. Imagem retirada do relatório da Terranova Arqueologia (2022).

Da formação da comunidade quilombola de Araçatiba, final do século XIX, até meados do século XX, fica visível as transformações que foram ocorrendo. A paisagem é um reflexo destas mudanças. É possível pensarmos a relação entre os chamados espaços de autonomia escrava que foram forjados pelas pessoas escravizadas da fazenda Araçatiba, entre os séculos XVIII e XIX, com a formação da paisagem desta comunidade. Por ser um território tido como “Terras da Santa”, há uma perceptível preocupação em preservar a frente da igreja, a distribuição das residências evidencia esta nossa inferência.

Além disso, a fala da matriarca da comunidade, a senhora Emiliana Coutinho da Silva (conhecida como dona Nini), nascida em 1932, mostra-nos a relação que foi estabelecida entre a comunidade e Nossa Senhora da Ajuda.

[...] os descendentes de Sebastião Vieira Machado, eram vinte e um herdeiros. Então ele tinha muita terra e cada qual ficou com uma quantidade de terra. Eles resolveram doar vinte e um hectares [...]. Eles doaram essa terra, para que nós ficássemos morando aqui. Os descendentes, e zelando a igreja. Porque se ficasse por conta dos fazendeiros, talvez derrubaria até a igreja, e corriam com tudo mundo. É por isso, que nós moramos na terra de

Nossa Senhora da Ajuda. É um documento legal, que eles passaram no 1º Cartório de Vitória. Esse documento está na Arquidiocese. Então, tem o nome de todos os herdeiros que doaram a terra. Inclusive da mãe de meu padrinho, Maria Vieira de Gouveia Neves, a minha bisavó, é, avó de mamãe, bisavó! Emília Vieira de Gouveia, Lindolfo Viera Machado, é, tio do meu padrinho, Augusto Vieira Machado. Porque o Sebastião Vieira tinha muitos filhos. Então é por isso que nós moramos aqui e não saímos daqui, só depois de mortos (SILVA, Emiliana Coutinho, 2011. Entrevistador Marcos Aurélio dos Santos Vertelo – acervo PET Cultura UFES).

Além de nos apresentar o objetivo da doação das terras, que era a permanência da comunidade afrodescendente na região no pós-abolição, cabe ressaltar que dona Nini é uma mulher preta e que foi apadrinhada por um descendente do antigo senhor Sebastião Vieira Machado. Revelando-nos que os espaços e lugares físicos e simbólicos ainda estão em permanente disputa no presente.

Nini nos ajuda a compreender um pouco mais da paisagem da comunidade quilombola de Araçatiba afirmando que “[...] aqui tudo era mato. Não era nada calçado não. Era pasto, aquela pastagem na comunidade toda [...]”. Cabe ressaltar que a matriarca está descrevendo um cenário da primeira metade do século XX. Em relação ao comércio, Nini diz que:

[...] aqui tinha tudo, tinha uma lojinha ali em baixo, eles vendiam seda, vendiam renda, vendiam chapéu. Aqueles homens iam pra festa de chapéu de pelo. Nossa senhora se não tivesse chapéu de pelo não era gente. Terno de Casemiro, chapéu de pelo. A venda do seu Moreira, quando eu era criança tinha essa venda. E tinha mais duas vendas que vendia de tudo, carne seca, aquela carne seca [...] aquela gordura amarelinha, peixe, bacalhau. O bacalhau vinha numas barrquinhas assim [...] Era um bacalhau pequenininho, mas, molinho só você vendo. Meu padrinho era apaixonado por bacalhau. Eu não gosto de bacalhau até hoje, de tanto que eu comia quando era criança, não gosto não. Só entra bacalhau aqui na semana santa por que eles gostam, eu não gosto não, fora da semana santa eu não como [...] (SILVA, Emiliana Coutinho, 2011. Entrevistador Marcos Aurélio dos Santos Vertelo – acervo PET Cultura UFES).

O cenário descrito por dona Nini, aos poucos vai se transformando, como pode ser observado nas palavras de dona Emília, antiga benzedeira de uma comunidade vizinha à Araçatiba, e que no início da segunda metade do século XX, tinha o costume de frequentar as festas da comunidade quilombola de Araçatiba:

[...] para ir às festas de Araçatiba tinha que levar roupas na sacola para vestir na casa de alguém na comunidade, pois sujava tudo. As casas em Araçatiba pareciam choupana com coberturas de sapê, só tinha uma casa de dois andares, feita de estuque, que foi derrubada [...], [...] as festas eram bonitas e boas “trem bão”, ela dançava que só vendo, dançava forró e batida de tambor. Muita gente frequentava, enchia de gente de fora [...], [...] tinha o

coreto, que faziam festas nele, festa de São Benedito [...] (Ferreira, Emília Gomes, 2013. Grupo de Pesquisa PET Cultura – acervo PET Cultura UFES).

Destacamos na narrativa de dona Emília as moradias simples e a presença de uma casa de dois andares, que possivelmente era o antigo entreposto comercial da fazenda Araçatiba. Seu depoimento apresenta o caráter festivo da comunidade quilombola de Araçatiba, e o coreto enquanto este lugar de realização das festas.

Em relação a estas festas, dona Nini diz que:

Tinha quatro festas. Janeiro São Sebastião, a festa em maio de Nossa Senhora da Penha, a festa de setembro de Nossa Senhora da Ajuda, em dezembro a festa do menino Deus pra encerrar o ano. [...] A festa famosa é a festa de Nossa Senhora da Ajuda, Nossa Padroeira. Nossa Senhora da Ajuda é tudo pra nós. Então essas festas duravam uns dez dias. Porque começa com a novena, feita pelas famílias, cada um queria comprar mais foguetes do que o outro. Então aquela festa era tão animada [...] (SILVA, Emiliana Coutinho, 2011. Entrevistador Marcos Aurélio dos Santos Vertelo – acervo PET Cultura UFES).

A festa de Nossa Senhora da Ajuda foi descrita por dona Nini como a mais importante da comunidade. Cabe ressaltar que durante anos de pesquisas na região, outros moradores dos arredores desta comunidade quilombola, diziam frequentar a festa. Inclusive, moradores das comunidades quilombolas de Jacarandá e Mucambo dizem que já frequentaram esta festa.

Outra manifestação cultural da comunidade quilombola de Araçatiba é o congo⁷, segundo um dos mestres da banda de congo da comunidade, seu Alício “o congo chegou em Araçatiba por meio dos meus avós, pois quando nasci a banda já existia. E quando tinha 17 para 18 anos comecei a participar da banda”⁸.

Na atualidade a comunidade tem aproximadamente 500 moradores, segundo o Censo Demográfico de 2010. Mesmo estando situada em um contexto rural, alguns serviços urbanos estão disponíveis nesta comunidade, como: escola primária, posto de saúde, ruas pavimentadas e transporte público. Seus moradores, em sua maioria,

⁷ A expressão cultural do congo se organiza em forma de banda, chamada de bandas de congo, composta por homens, mulheres e crianças de várias faixas etárias, sendo estes: mestres, rainhas, dançarinas e tocadores. Cada grupo pode ser reconhecido ou diferenciado pelos seus símbolos e suas cores apresentados nos objetos simbólicos e nas indumentárias, como: instrumentos, estandartes, vestimentas, bandeiras e mastros. Ver mais em LOURENÇO, Karolline de Oliveira. Patrimônio Cultural e Território: Banda de Congo Mãe Petronilha de Araçatiba, Viana/ES; 2021. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Espírito Santo.

⁸ Entrevista concedida pelo senhor Alício, morador da comunidade quilombola de Araçatiba, um dos mestres da banda de congo mãe Petronilha. Entrevista realizada no dia 15 de dezembro de 2013. Fonte: Banco de Dados do LEENA/UFES, acervo do PET Cultura.

trabalham e estudam em cidades vizinhas. A imagem a seguir (Figura 56) nos ajuda a termos uma dimensão atual da comunidade quilombola de Araçatiba.



Figura 56 – Imagem aérea da comunidade quilombola de Araçatiba – 2019. **Fonte:** Foto de Adeysivon Siqueira. *Facebook da Prefeitura de Viana* (2019).

Na imagem acima (Figura 56) é possível termos uma dimensão do processo de urbanização pelo qual a comunidade passou, destacando a mudança no estilo das construções, ocorre uma implementação de uma malha viária e percebemos que a igreja de Nossa Senhora da Ajuda permanece como marco da paisagem.



Figura 57 - Visão da comunidade de Araçatiba (Morro de Araçatiba ao fundo e Igreja de Nossa Senhora da Ajuda). **Fonte:** Acervo pessoal (2021).

Nas últimas décadas a comunidade passou por mudanças significativas, porém as construções respeitaram, em certa medida, à frente da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, conforme imagem acima (Figura 57). Em certa medida, pois espaços e memórias estão em permanentes disputas. A seguir analisaremos a paisagem da comunidade quilombola de Jacarandá.

Paisagem de Jacarandá – Terras de herdeiro

A comunidade quilombola de Jacarandá fica na cidade de Guarapari, na ES-476, na estrada que liga a comunidade quilombola de Araçatiba à Baía Nova, aproximadamente 11 km da comunidade quilombola de Araçatiba. Além desta entrada, é possível acessar a comunidade pela BR-101, passando pela comunidade de Amarelos, na cidade de Guarapari. A comunidade quilombola de Jacarandá está em processo de organização para dar entrada na certificação junto à Fundação Cultural Palmares.

Segundo relato de seu Iosni Elias de Oliveira⁹ [em memória], seu Nini como era conhecido, a fazenda Jacarandá na segunda metade do século XIX pertencia a Manoel Vieira Machado, filho do já falecido Coronel Sebastião Vieira Machado. Ainda segundo seu Nini, Manoel Vieira deixou parte de suas terras para a comunidade afrodescendente que viviam na sua propriedade. Qual foi a motivação desta doação, não se sabe ao certo. Há indícios na memória da comunidade que o senhor Manoel havia tido filhos com algumas mulheres escravizadas da fazenda. Argumento reforçado pelo senhor Derci Falcão, numa entrevista realizada em 2013 “eu ouvi falar, pelos mais velhos, que o senhorzinho, Manoel Vieira, era dono da fazenda Jacarandá. Ele tinha filhos com algumas escravas, e deixou parte das terras da fazenda para eles”.

Tendo como ponto de partida o morro de Araçatiba, analisaremos a paisagem da comunidade quilombola de Jacarandá. Como pode ser observado na imagem a seguir (Figura 58).



Figura 58 - Visão panorâmica da comunidade quilombola de Jacarandá. É possível avistar ao fundo o Morro de Araçatiba, que servia de referência geográfica à época. E no canto inferior direito (Na beira da estrada) uma pequena construção – Trata-se de um bar. Na horizontal e no cento da imagem, é possível ver o traçado do rio Jacarandá. **Fonte:** Acervo pessoal (2021).

Na imagem acima (Figura 58) é possível perceber tratar-se de uma comunidade rural que se desenvolveu numa planície nas proximidades do morro de

⁹ Entrevista concedida por Iosni Elias de Oliveira, morador do bairro Indiviso, vizinho à Araçatiba. Entrevista realizada dia 15 de dezembro de 2012. Fonte: Banco de Dados do LEENA/UFES, acervo do PET Cultura.

Araçatiba. A comunidade é cortada pelo rio Jacarandá (Figura 58), é perceptível na cicatriz que atravessa a imagem na horizontal de uma ponta a outra.

Em relação à dimensão da fazenda Jacarandá, segundo relato do senhor Wilson José Vieira, no início do século XX, grande parte das terras pertenciam aos Vieiras.

Onde tem aquele butequinho lá, (lugar onde o entrevistado nasceu e foi criado), papai tinha uma tal de folha de partilha [...] A folha de partilha que papai tinha, eles dividiram em três irmãos, minha vó Olindina, Marilina e o finado Orzório, eles eram donos de 450 alqueires de terras, de Araçatiba pra cá eles eram donos de tudo [...] (Entrevista realizada em maio de 2014, acervo PET Cultura UFES grifos do autor).

É possível ter uma dimensão do tamanho desta propriedade analisando a imagem acima (Figura 58) no canto inferior direito da imagem encontra-se um bar, o “butequinho” mencionado pelo entrevistado, e ao fundo destaca-se o morro de Araçatiba, local onde as terras de sua família chegavam ao fim.

O entrevistado afirma que foi realizada o desmembramento das terras, e que grande parte das terras pertenciam aos Vieiras, e faz questão de afirmar que ainda hoje todos os Vieiras da comunidade tem um pedaço de terra. Porém, boa parte das terras foi vendida.



Figura 59 – Ponte sobre o rio Jacarandá. É possível avistar no alto e a direita o Morro de Araçatiba.
Fonte: Acervo pessoal (2021).

Ainda segundo o senhor Wilson José Vieira. Seus avôs eram canoeiros e desciam pelo rio Jacarandá (Figura 59) transportando mercadorias até Vitória.

[...] As pessoas por sua vez desciam a pé seguindo caminhos feitos na mata, e ao chegar na cidade de Vitória vendiam as mercadorias, e faziam compras. As compras eram colocadas nas canoas que subiam de Vitória em direção à comunidade quilombola de Jacarandá, e as pessoas subiam a pé [...] (Entrevista realizada em maio de 2014, acervo PET Cultura UFES).

Nosso entrevistado ainda afirma que parte destas terras de planície da imagem acima (Figura 59) era uma “várzea pura”, e as estradas e plantações eram feitas nos morros. Somente nos anos de 1960, foi realizada uma obra de dragagem na região que possibilitou um melhor aproveitamento do terreno da baixada. A obra de dragagem modificou o percurso do rio Jacarandá, que era todo sinuoso e ficou reto. Cabe ressaltar que com esta obra, o rio Jacarandá deixou de passar por dentro de Araçatiba. Pois, antes desta obra o rio Claro encontrava com o rio Jacarandá, formando o rio Araçatiba, como pode ser visto na planta que está no início deste terceiro capítulo.

Atualmente o rio Claro passa por dentro da comunidade quilombola de Araçatiba, já o rio Jacarandá passa por fora. É possível supor que ao separar o rio Jacarandá do rio Claro, as duas comunidades quilombolas foram prejudicadas. A comunidade de Jacarandá sofreu um processo de isolamento, em relação à comunidade quilombola de Araçatiba, que por sua vez teve seu porto e entreposto comercial afetados, pois a navegação no rio ficou inviável.

Mesmo com esta retificação que foi realizada no rio Jacarandá, com intuito de melhor aproveitar o terreno, cabe ressaltar que esta comunidade durante muitos anos tem sofrido bastante com as fortes chuvas que ocorrem na região, fazendo com que o rio Jacarandá transborde e alague seu entorno, inundando algumas residências, destruindo parte da produção agrícola, acarretando à queda da ponte que liga diferentes pontos da comunidade. Na imagem (Imagem 60) retirada de uma reportagem da Tv Guarapari e veiculada no dia 17 de dezembro de 2022, alguns moradores reclamam da ausência do poder público nestes contextos de tragédias. Em relação à queda da ponte, a moradora da comunidade Tatiana Leandro Lima Falcão, diz:

Isso aqui já caiu, não é a primeira vez que esta ponte cai, já caiu outras vezes, eles vieram fizeram essa daí, ah! Vamos mandar a de cimento [...] Até hoje não mandaram. Tá aí, agora caiu de novo [...]



Figura 60 - Na imagem alguns moradores da comunidade reclamam da queda da ponte, cabe ressaltar que nesta imagem a ponte já tinha passado por uma intervenção paliativa. **Fonte:** Retirado de uma reportagem da Tv Guarapari, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZFFZyjVtsOU>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Segundo os moradores esta situação afeta o cotidiano, tendo em vista que as crianças precisam faltar as aulas, o escoamento da produção agrícola da comunidade ficou prejudicado, as estradas ficaram intransitáveis e muitos quilombolas perderam seus bens. Esta situação evidencia que ainda no presente estas comunidades quilombolas precisam lutar por seus espaços.

Na entrada da comunidade quilombola de Jacarandá, encontramos duas colunas feitas de pedra (Figura 61), que segundo os moradores locais, trata-se das ruínas do antigo engenho da fazenda, conforme pode ser observado na imagem a seguir.



Figura 61 – Foto da coluna do antigo engenho - comunidade de Jacarandá. Próximo a coluna está o arqueólogo Henrique Valadares e ao lado o pesquisador Rubens Teixeira (em memória). **Fonte:** Banco de Dados do LEENA/UFES, acervo PET cultura, fotografia de Bruna Wandekoken (2014).

Em relação ao engenho de açúcar da fazenda Jacarandá, o senhor Wilson José Vieira diz que pertencia a um parente seu:

Eu só vejo o pessoal antigo falar [...] Dizem que aquilo lá era um engenho de açúcar [...] Acho que era do avô, ou bisavô da minha vó [...], a família dos Vieira tinha muita terra, muita terra [...] (Entrevista realizada em maio de 2014, acervo PET Cultura UFES).

Ainda em relação ao antigo engenho, na imagem abaixo (Figura 62), destaca-se a direita da residência, as duas colunas e na lateral esquerda, no alto do morro está a possível localização do antigo pelourinho, local indicado pelo seu Nini, numa entrevista realizada em 2012.



Figura 62 – Localização do antigo engenho da fazenda Jacarandá e a possível localização do antigo pelourinho. **Fonte:** Acervo pessoal (2021).

Na atualidade a comunidade quilombola de Jacarandá conta com aproximadamente 30 famílias, que vivem em sua maioria da agricultura de subsistência. Atualmente a comunidade tem uma linha de ônibus que liga até a cidade de Guarapari (Figura 63) porém é uma linha bem limitada, principalmente, em relação ao horário e em períodos de chuvas. Os estudantes da comunidade precisam se deslocar para outros bairros ou cidades se quiserem estudar. Há uma igreja católica na região e algumas igrejas evangélicas.



Figura 63 – Linha de ônibus que liga a comunidade quilombola de Jacarandá ao centro de Guarapari.
Fonte: Retirado de uma reportagem da Tv Guarapari, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZFFZyjVtsOU>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Na imagem acima fica perceptível a precariedade das estradas da comunidade quilombola de Jacarandá, ressaltamos que a imagem foi feita dias após as intensas chuvas que atingiram a região no final de 2022. Nas imagens abaixo (Figuras 64 e 65) é possível perceber que, atualmente na comunidade, cada casa tem sua própria rocinha.



Figura 64 – Principal rua do bairro Jacarandá. Localização do núcleo habitacional da comunidade.
Fonte: Acervo pessoal (2021).



Figura 65 – Uma residência da comunidade quilombola de Jacarandá e sua pequena propriedade rural.
Fonte: Acervo pessoal (2021).

As ruas da comunidade quilombola de Jacarandá não são pavimentadas, o sinal de internet é muito limitado. Lembro-me que em um dos dias em que foi realizado o trabalho de campo, dentro do bar da comunidade (chamado por um de nossos entrevistados de “butequinho”) não havia sinal de internet. Ao perguntar sobre o sinal de internet a um dos jovens da comunidade que estava no bar, fui alertado que só funciona internet em um determinado lado do bar.

As principais famílias da comunidade de Jacarandá são os Vieiras, Falcão, Coutinho e Reis. Há uma forte relação de parentescos entre os moradores da comunidade quilombola de Araçatiba com as comunidades quilombolas de Jacarandá e Mucambo.

Paisagem de Mucambo – Terras de preto

A comunidade quilombola de Mucambo (Figura 66) fica na cidade de Guarapari, na ES-388, aproximadamente 19 km da comunidade quilombola de Araçatiba. É possível acessar a comunidade pela BR-101, passando pela comunidade de Amarelos, na cidade de Guarapari. É possível chegar também vindo da direção da comunidade quilombola de Jacarandá. No dia 17 de outubro de 2022 a comunidade

foi certificada como comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares, passando a ser a segunda comunidade certificada do município de Guarapari.



Figura 66 - Entrada da comunidade de Mucambo. **Fonte:** Acervo pessoal (2021).

O nome Mucambo ou Mocambo etimologicamente pode se referir a um tipo de moradia mais popular, ou a um grupo de pessoas escravizadas fugidas. Conforme Gomes:

[...] mucambos (estruturas para erguer casas) teriam se transformado em quilombos (acampamentos), e tais expressões africanas ganharam traduções atlânticas entre o Brasil e a África desde o século XVI (Gomes, 2015, p. 11).

É possível, então, sugerir que a região de Mucambo tenha sido um local de circulação ou até permanência de pessoas escravizadas aquilombadas. Cabe ressaltar que nas imediações da comunidade quilombola de Mucambo existi uma estrada conhecida como Travessia (Figura 67), que segundo relatos de moradores da região, a Travessia servia como passagem de pessoas escravizadas fugidas que vinham do sul da província do Espírito Santo em direção à fazenda Araçatiba.

A estrada da Travessia, que os escravos atravessavam em direção a Araçatiba e outros passavam pela Travessia em direção a Beneventes, região sul do Espírito Santo. A Travessia é divisa com Mucambo (Vitória, Manoel Lima da (Mestre Duca), 2023. Acervo pessoal do pesquisador).



Figura 67 – Antiga estrada travessia. **Fonte:** Acervo pessoal (2021).

De acordo com o morador mais antigo da região, o senhor Manoel Lima da Vitória, conhecido como mestre Duca, sua bisavó, dona Verônica foi uma das fundadoras da comunidade de Mucambo, ela foi escravizada na fazenda Araçatiba. Em suas atividades enquanto pessoa escravizada, tomava conta das crianças das outras mulheres escravizadas, além de carregar água para as outras pessoas escravizadas. O mestre Duca mostrou a escritura da casa onde mora, que foi comprada por sua bisavó (Figura 68). A escritura de compra mostra que dona Verônica adquiriu dois alqueires de terras na região, no final do século XIX.

[...] Minha bisavó comprou dois alqueires de terra na região e veio morar aqui. As outras pessoas eu não sei ao certo como vieram parar aqui [...] Mas acho que algumas famílias ganharam terras depois da escravidão [...] Outros compraram [...] Meu pai não nasceu aqui, veio morar como minha bisavó quando tinha dois anos. Já eu nasci aqui [...] (Vitória, Manoel Lima da (Mestre Duca), 2023. Acervo pessoal do pesquisador).

No relato do mestre Duca, é perceptível a complexidade do processo de ocupação deste território quilombola, pois ao mesmo tempo em que sua bisavó está adquirindo uma quantia de terra na região, Duca levanta a possibilidade de as outras famílias terem acessado suas terras de outras formas. Cabe ressaltar que existe a possibilidade de a comunidade ter abrigado grupo de pessoas que viviam

aquilombados na região nos anos que antecederam a Lei Áurea, e que possivelmente tenham sido incorporados à comunidade de Mucambo no pós-abolição.

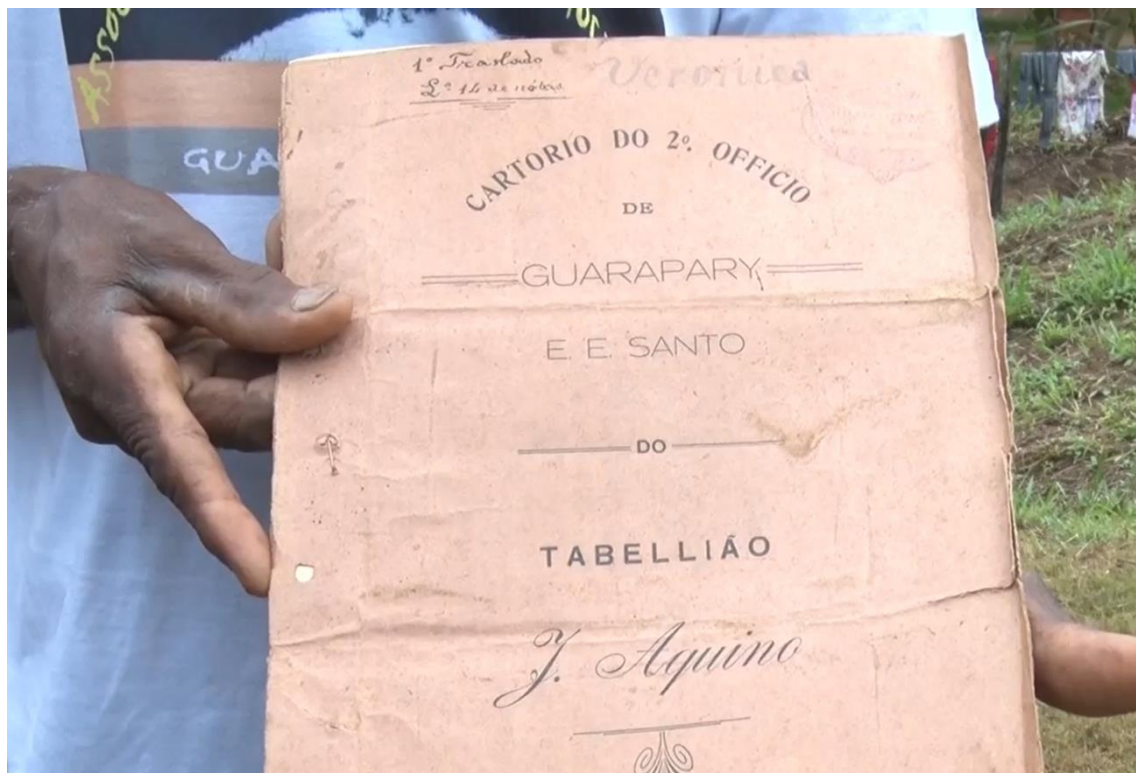


Figura 68 – Escritura das terras adquiridas por sua bisavó. **Fonte:** Acervo Tv Gurapari (2019).

A comunidade quilombola de Mucambo tem aproximadamente 30 famílias que vivem da agricultura familiar, e encontram dificuldades para comercializarem seus produtos, devido à distância da área urbana e a precariedades das estradas, conforme (Figura 69). Na comunidade é cultivado o café, banana, cacau e palmito, conforme Duca:

Alguns trabalham na própria propriedade deles, mas às vezes para complementar a renda são obrigados a trabalharem fora, em alguns dias. Aqui todo mundo tem uma rocinha, difícil aquele que não tem uma rocinha [...] Alguns produzem para a própria subsistência, outros vendem para os atravessadores, que compram aqui e levam, são poucos que levam direto (Vitória, Manoel Lima da (Mestre Duca), 2023. Acervo pessoal do pesquisador).



Figura 69 – A única estrada da comunidade. **Fonte:** Acervo Tv Gurapari (2019).

A comunidade não possui transporte público, os moradores em geral têm seus próprios meios de locomoção. As habitações em sua maioria são de alvenarias, e estão esparsadas entre si, as residências contam com energia elétrica (Figura 70). A comunidade não tem escolas, sendo assim os moradores precisam se deslocar até o bairro vizinho, não há saneamento básico. Recentemente chegou o sinal de internet na comunidade.

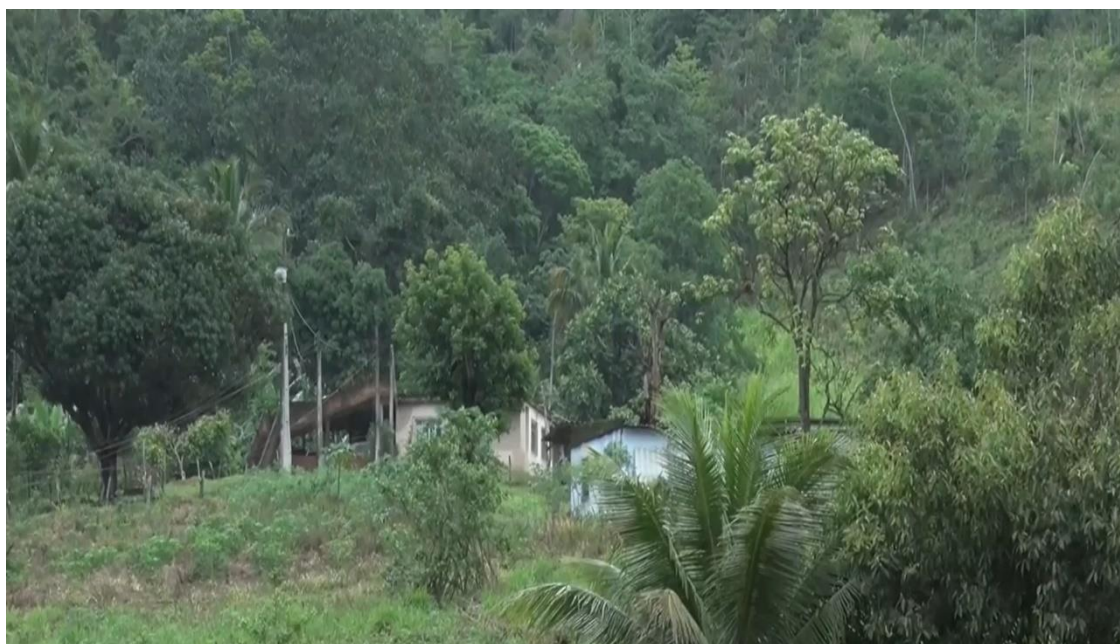


Figura 70 – Algumas residências da comunidade. **Fonte:** Acervo Tv Gurapari (2019).

A comunidade de Mucambo tem vivenciado um aumento populacional significativo nos últimos anos. De acordo com relato do mestre Duca,

Tá aumentando, pois os sobrinhos estão construindo aqui, tá entrando outras pessoas também, tá bem grande a comunidade agora. Tem alguns que saíram e deixaram suas propriedades aqui, e agora estão aposentando e voltando, tão construindo [...] (Vitória, Manoel Lima da (Mestre Duca), 2023. Acervo pessoal do pesquisador).

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pela comunidade quilombola de Mucambo, o mestre Duca faz questão de ressaltar o crescimento populacional que a comunidade tem vivido.

Um importante elemento da paisagem social e simbólica da comunidade do Mucambo é a tradição do congo (Figura 71), o mestre Duca é o responsável por organizar o grupo.



Figura 71 - Apresentação da banda de congo. **Fonte:** Acervo Tv Guarapari (2019).

O mestre Duca, ainda na sua infância teve contato com o congo, pois os festejos de congo aconteciam no quintal da casa de sua tia.

O local que a gente reunia era na casa da minha tia, inclusive minha irmã mora lá. A gente reunia no quintal da casa, era a única diversão que tinha era o congo e a Folia de Reis, meu avô também cantava, só que ninguém aprendeu, ninguém se dedicou. Tinha o cortejo, a gente cantava numa casa, cantava em outra (Vitória, Manoel Lima (Mestre Duca), 2023. Acervo pessoal do pesquisador).

Foi neste contexto que o mestre Duca teve seus primeiros contatos com o congo. O mestre da banda de congo na sua infância se chamava mestre Paulino. Antes do mestre Paulino falecer, ele passou os ensinamentos para o mestre Duca, que já era mestre da banda e é quem deu continuidade as atividades. A banda de congo se chama “Banda de congo de Mucambo”. Cabe ressaltar que o mestre Paulino era casado com uma pessoa da família do mestre Duca.

Além do congo, é muito presente na região o trabalho com artesanato. Um dos irmãos do mestre Duca, o Alfredo, é o responsável por confeccionar a casaca, instrumento musical presente na banda de congo, conforme imagem abaixo.



Figura 72 - Mestre Duca, o articulador cultural Regis e o mestre Domingos - Banda de Congo de Mucambo. **Fonte:** Acervo Regis (2021).

Sobre este instrumento:

A casaca tem como característica a cabeça esculpida no instrumento e é conhecida como o som de um reco-reco, citado por Lins (2009) como um

instrumento básico tocado e repicado pelos integrantes das bandas, homens e mulheres, que possui variações de tamanhos, cores e estilos (Lourenço, 2021, p. 39).

Em relação à produção das casacas o mestre Duca destaca que os instrumentos da banda de congo de Mucambo foram produzidos por seu irmão Alfredo. “Ele aprendeu sozinho, só de olhar”.

Em relação aos trabalhos artesanais, das três comunidades em estudo, Mucambo é a que tem tais práticas mais presentes. Mestre Duca relembrou que “minha vó fiava, moía o algodão, retirava as sementes e produzia o fio. Depois produzia artesanatos a partir dos fios”.

Outra prática da família do mestre Duca é o trabalho com cestaria. Em relação às cestarias os mais velhos já faziam “meu pai, seu Sergílio e meu avô materno, seu Elias dos Santos Reis [...] faziam tipiti, e outros objetos de palhas que eram muito comuns na comunidade”. A seguir podemos observar um pouco da produção dessas cestarias.



Figura 73 - Material de cestaria, na mão do articulador cultural Regis e mestre Duca. **Fonte:** Foto – Regis (2021).



Figura 74 - Material de cestaria, na mão do mestre Domingos. **Fonte:** Foto: Regis (2021).

Outra atividade manual que os moradores da comunidade tinham era a construção de casas de estuque:

[...] As casas eram de estuque o piso era barro, outras eram de assoalho de madeira e a cobertura era “talbinha”, aquelas que a cobertura não era de “talbinha” era de palha. Talbinha era aqueles pedacinhos de madeira que eles pocavam no machado, e botavam um prego e este prego segurava na ripa [...]. Nas paredes colocavam pau a pique, pegavam a haste da palha de coqueiro e amarrava de cipó nos pau a pique, e depois barreavam. Faziam aquele mutirão e barreavam (Vitória, Manoel Lima (Mestre Duca), 2023. Acervo pessoal do pesquisador).

O mestre Duca afirma que se tiver que fazer uma casa assim, ainda hoje, ele faz. Pois aprendeu na comunidade, uma vez que todas as casas eram assim e todos moradores na época sabiam fazer. “Essa era uma tradição que a gente tinha”.

4.2 LUGARES DE MEMÓRIAS AFRODIASPÓRICAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ARAÇATIBA, JACARANDÁ E MUCAMBO – UMA PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM CIRCUITO CULTURAL QUILOMBOLA

Durante os anos de pesquisa e o desenvolvimento desta dissertação foi perceptível que os espaços de autonomia escrava contribuíram na formação destas três comunidades. Todavia, ao analisar o contexto atual destes grupos, ficou evidente que estas comunidades quilombolas ainda vivem, no presente, uma permanente disputa pela memória e pelos espaços. Foi neste campo de disputa que se desenvolveu a proposta da criação de um circuito cultural quilombola na região estudada, em diálogo com diferentes atores sociais, como os moradores das próprias comunidades, o intenso diálogo com outros pesquisadores, principalmente, os que atuam no PET Cultura (2011 – 2015) e os pesquisadores do PROext (2014-2015).

Desde o ano de 2006 diferentes pesquisadores têm se dedicado a estudar a história dessas comunidades quilombolas, dando maior visibilidade tanto dentro do universo acadêmico, quanto ao público em geral. Neste aspecto o projeto do circuito cultural quilombola de Araçatiba, pretendia e pretende aproximar diferentes públicos dos resultados destas pesquisas, propondo a criação de um circuito quilombola, apontando diferentes pontos interpretativos, marcos históricos, que nos auxiliam a contar a história local.

Como já ressaltamos o circuito cultural quilombola era um anseio antigo de diferentes pesquisadores. Durante todos estes anos de pesquisa algumas atividades se constituíram como embriões deste projeto, destaco aqui minha participação no Encontro Nacional de História Oral, que ocorreu em julho de 2012. Nesta ocasião tive acesso pela primeira vez à coletânea produzida pelo projeto Passados Presentes¹⁰,

¹⁰ O projeto Passados Presentes foi elaborado a partir do Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil, - um trabalho coordenado por Hebe Mattos, Martha Abreu e Milton Guran, no Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF), com apoio do Projeto Rota do Escravo, da Unesco, em 2014. O inventário foi a base para a elaboração do banco de dados deste site. Ele contém informações sobre lugares de memória da escravidão no Brasil, acrescidas de verbetes sobre o patrimônio imaterial do estado do Rio de Janeiro, tais como rodas de capoeira, grupos de jongo e quilombos. Informações sobre outras regiões serão adicionadas à medida que pesquisas e parcerias forem sendo realizadas. A pesquisa gerou também o desenvolvimento do aplicativo para celular com quatro roteiros: a antiga “Pequena África”, na região portuária da cidade do Rio de Janeiro, no entorno do Cais do Valongo, principal porto negreiro das Américas e hoje candidato a Patrimônio da Humanidade pela UNESCO; o Parque das Ruínas de São José do Pinheiro (Pinheiral), o quilombo São José (Valença) e o quilombo do Bracuí (Angra dos Reis), em parceria com as comunidades quilombolas

do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) – Universidade Federal Fluminense. Lembro-me que ao retornar para Vitória, procurei os colegas pesquisadores do PET Cultura, além do tutor do programa, o professor José Cirilo, falando da possibilidade de criarmos algo semelhante ao projeto Passados Presentes, para a comunidade quilombola de Araçatiba, e nesse sentido a semente foi lançada. Quando estava no mestrado em História, no ano de 2016, outro passo foi dado nesta direção, porém de forma bem embrionária, foi quando ministrei no curso de História a disciplina “O Negro no Espírito Santo”, durante o estágio do mestrado em história, na UFES, conforme (Figura 75) abaixo. Todavia, neste momento não tínhamos ideia que nossa aula de campo se tornaria um circuito cultural.



Figura 75 – Aula de campo à comunidade quilombola de Araçatiba – Um dos pontos visitados as ruínas da antiga residência dos jesuítas. **Fonte:** Acervo pessoal (2016).

No ano de 2017 o circuito cultural quilombola Araçatiba ganhou forma e foi desenvolvido junto aos alunos do ensino fundamental II da EMEF¹¹ Orestes Souto Novaes, bairro Jucu, em Viana, quando estive como professor dessa unidade escolar (Figura 76). Nesta ocasião tivemos o total apoio da direção da escola e da

e jongueiras. Estas ações vêm estimulando iniciativas de economia sustentável entre os descendentes da última geração de africanos escravizados no Brasil.

¹¹ Escola Municipal de Ensino Fundamental da prefeitura de Viana, Espírito Santo.

equipe pedagógica e conseguimos apresentar o circuito para cinco turmas, com aproximadamente 100 estudantes.

O circuito cultural quilombola de Araçatiba tem como proposta apresentar os principais lugares de memória da comunidade quilombola de Araçatiba. A ideia principal era passar com os visitantes por esses lugares, e a partir do contato com cada lugar ir contando a história de Araçatiba, do período em que era uma fazenda jesuítica até a formação da comunidade quilombola. Esses lugares foram selecionados com os alunos da EMEF Orestes Souto Novaes, no ano de 2017, basicamente o percurso é o mesmo desde o início. O percurso do circuito está dividido em algumas paradas: ponte as margens do rio Jucu, estrada por onde as pessoas escravizadas aquilombadas circulavam, antigo engenho de açúcar, antigo entreposto comercial (sítio Araçatiba II), a árvore mulemba, o sítio cerâmico (sítio Araçatiba IV) e a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (sítio Araçatiba III). Cabe ressaltar que aos poucos foi surgindo a necessidade de se fazer um circuito mais específico, com um recorte afrodiaspórico.



Figura 76 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Visita as margens do rio Jucu, antiga rota de escoamento da produção da fazenda Araçatiba. **Fonte:** Acervo pessoal (2017).

Nesta ocasião levamos os estudantes em diferentes pontos da comunidade quilombola de Araçatiba (Figura 77), e apresentamos a história local. Cabe ressaltar que parte significativa dos alunos são moradores desta comunidade, o que enriqueceu nosso trabalho, pois o circuito foi ganhando forma nesta troca, por um lado levávamos os resultados das pesquisas para apresentarmos no circuito. Havia uma pasta que tinha as fotos antigas da comunidade que mostrávamos para os alunos, que olhavam surpresos, mas passada a surpresa, acrescentavam ao nosso circuito, informações sobre aqueles e outros locais da comunidade.

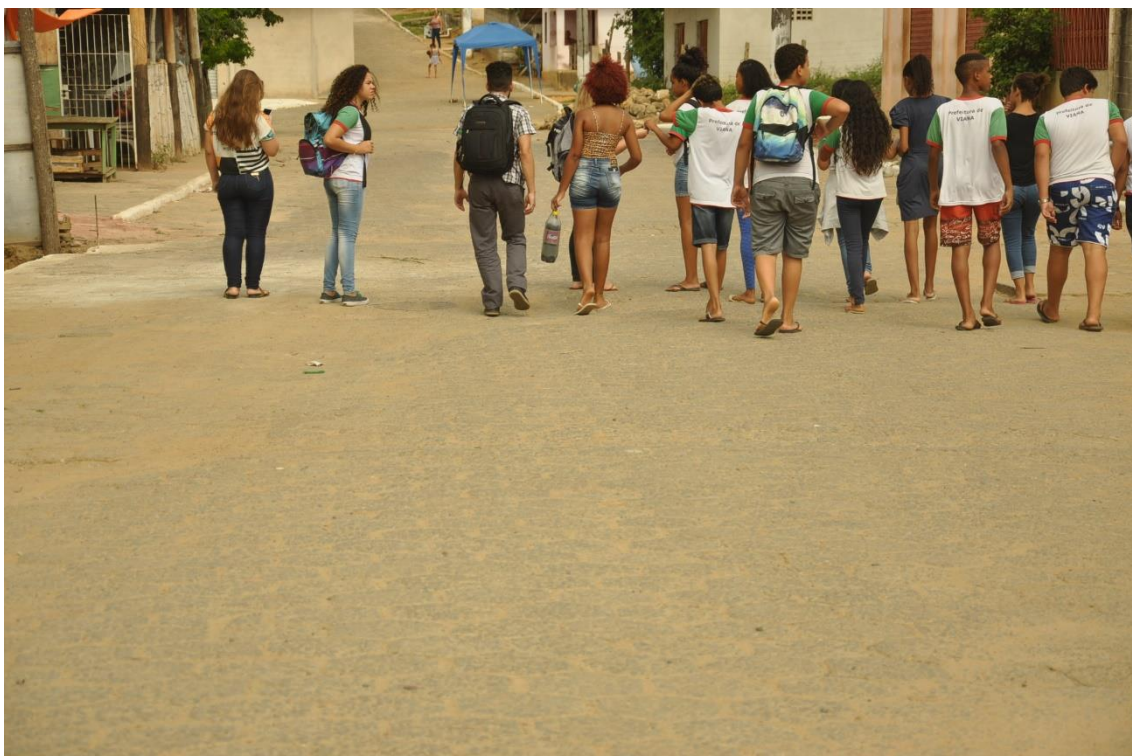


Figura 77 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Visita ao antigo entreposto comercial da fazenda Araçatiba. **Fonte:** Acervo pessoal (2017).

O projeto foi exitoso em 2018, e acabei sendo convidado para atuar como formador de professores do município de Viana, no Espírito Santo. Dentro do processo de formação de professores fizemos um trabalho voltado para o patrimônio material e imaterial local. Que finalizou com uma atividade de campo pelo circuito cultural quilombola Araçatiba, conforme imagem a seguir.



Figura 78 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Visita as margens do rio Jucu, antiga rota de escoamento da produção da fazenda Araçatiba. **Fonte:** Acervo pessoal (2018).

Nesta ocasião propomos aos professores da rede municipal, que as atividades de formação daquele ano culminassem com uma aula de campo. E realizamos o circuito cultural quilombola de Araçatiba. Cabe ressaltar que nesta ocasião, o circuito tinha como finalidade apresentar o potencial cultural da comunidade quilombola de Araçatiba, e propomos aos professores que não só fizessem o circuito, mas que também levassem suas turmas para fazê-lo.

Ainda em 2018 um grupo de pesquisadores da universidade de Minnesota, EUA, estiveram em Araçatiba e conheceram o circuito.



Figura 79 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Momento de formação que preparou os pesquisadores para o circuito. **Fonte:** Acervo pessoal (2018).



Figura 80 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Apresentação do entreposto comercial de Araçatiba. **Fonte:** Acervo pessoal (2018).



Figura 81 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Apresentação da antiga residência da família Vieira Machado. **Fonte:** Acervo pessoal (2018).



Figura 82 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Os pesquisadores são recepcionados pela banda de congo local “Mãe Petronilha”. **Fonte:** Acervo pessoal (2018).



Figura 83 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – O mestre Alício apresenta um dos instrumentos da banda de congo, a casaca, para um dos pesquisadores. **Fonte:** Acervo pessoal (2018).

Esta atividade desenvolvida junto a um grupo de professores (Figura 81) da Universidade de Minnesota, nos Estados Unidos, surgiu a partir de uma demanda da própria Secretaria de Educação do município de Viana. Pois, este grupo participava de um evento internacional na UFES, e ficaram sabendo da existência do circuito cultural quilombola de Araçatiba e fizeram contato com a Secretaria de Educação do município (Figura 84). A partir deste contato, organizamos um material educativo (conforme apresentado no Anexo – A) que foi distribuído para os pesquisadores no dia da realização do circuito.

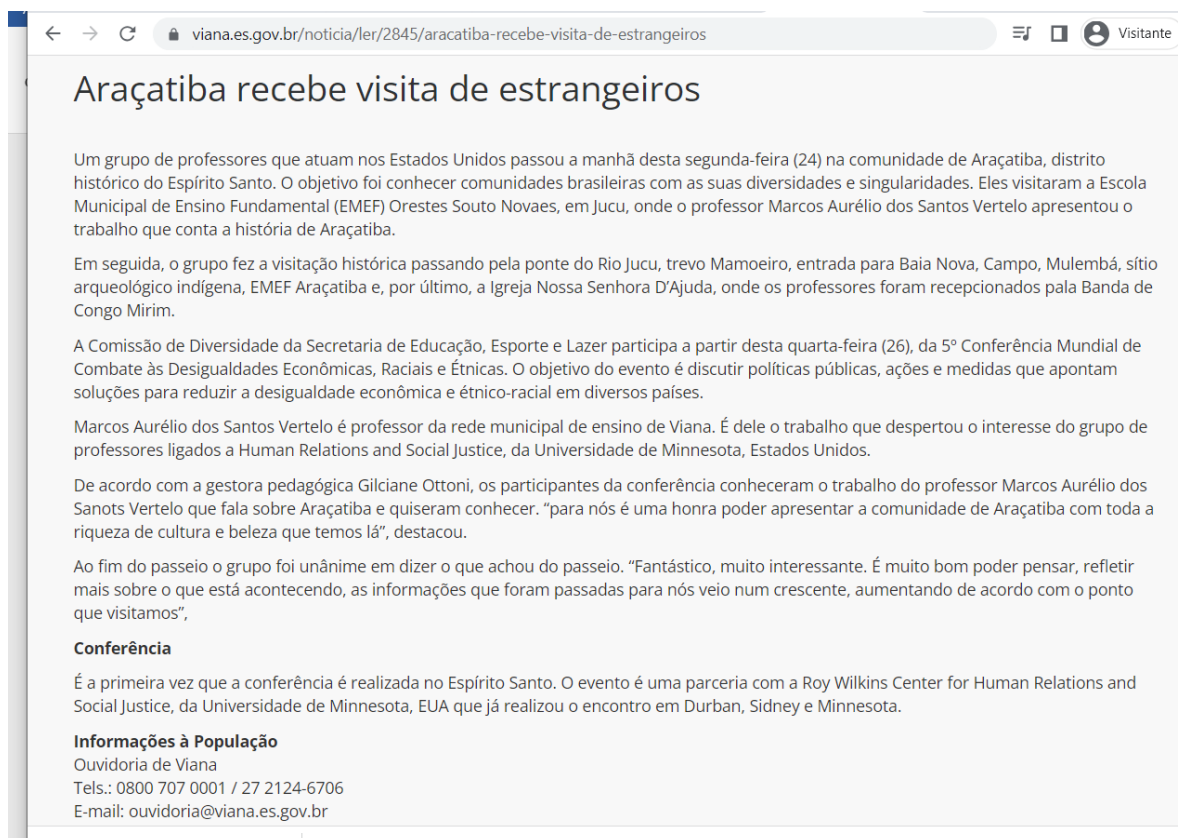


Figura 84 – Matéria falando da visita do grupo de professores estrangeiros à comunidade quilombola de Araçatiba. **Fonte:** Site da Prefeitura de Viana. Disponível em: <https://www.viana.es.gov.br/noticia/ler/2845/aracatiba-recebe-visita-de-estrangeiros>. Acesso em: 11 jul. (2023).

Durante o ano de 2019, o projeto ganhou maior visibilidade com a participação da escola que fica dentro da comunidade quilombola, a EMEF Araçatiba. Após um convite feito pelo então gerente de formação da Secretaria de Educação do Município de Viana, Josimar Monteiro Santos, pude apresentar o circuito aos professores desta unidade escolar (Figura 85), e, posteriormente, aos alunos. Esta instituição de ensino conta com aproximadamente 100 alunos, a maioria reside na própria comunidade. Cabe ressaltar que esta escola já desenvolve um belíssimo trabalho de Educação Patrimonial nesta comunidade.



Figura 85 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Apresentação do circuito cultural quilombola para as professoras e os professores da EMEF Araçatiba. **Fonte:** Acervo pessoal (2019).

Após o processo de formação dos professores da EMEF Araçatiba, tivemos a oportunidade de apresentarmos o circuito cultural quilombola Araçatiba, nos foi feito o convite para realizarmos o circuito com os alunos da escola (Figura 86), com intuito de prepararmos estes estudantes para serem condutores mirins (conforme matéria produzida pela prefeitura municipal de Viana - Anexo B).

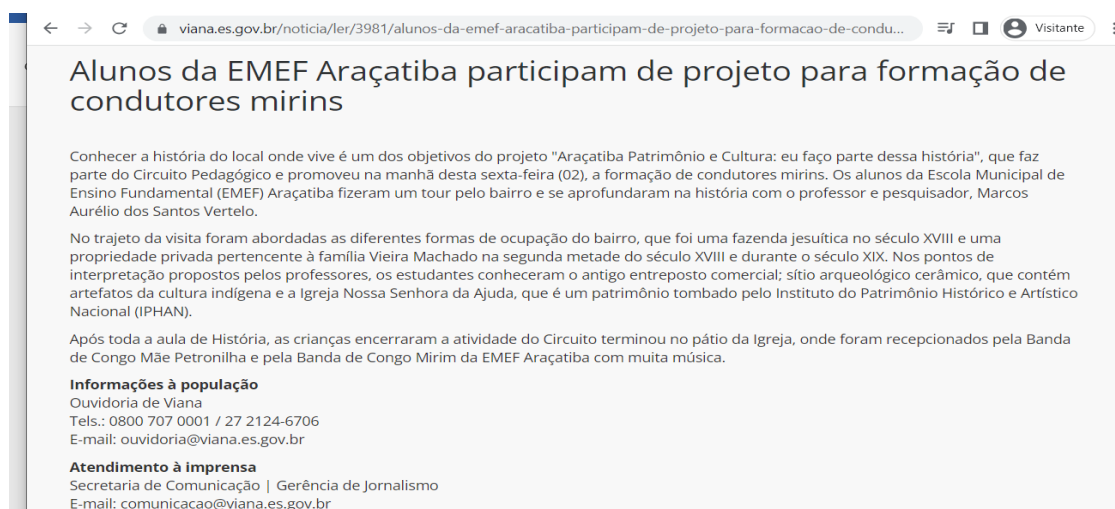


Figura 86 – Matéria falando da formação de condutores mirins para atuar no circuito cultural quilombola Araçatiba. **Fonte:** Site da Prefeitura de Viana. Disponível em: <https://www.viana.es.gov.br/noticia/ler/3981/alunos-da-emef-aracatiba-participam-de-projeto-para-formacao-de-condutores-mirins>. Acesso em: 11 jul. (2023).



Figura 87 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Apresentação do sítio arqueológico Araçatiba IV aos alunos da EMEF Araçatiba. **Fonte:** Acervo pessoal (2019).



Figura 88 - Circuito cultural quilombola Araçatiba – Apresentação da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda. **Fonte:** Acervo pessoal (2019).

Nessas formações apresentamos o circuito e o seu potencial pedagógico, enquanto um instrumento educativo para pensarmos a formação da identidade do

povo brasileiro. Sobretudo, mostrando o lugar da cultura afro-brasileira na construção da identidade nacional. Ressaltando a importância de espaços específicos que apresentem os processos de territorialização, ressignificação, apropriação e visibilidade da cultura negra no Brasil.

Após o processo formativo a EMEF Araçatiba, em especial a diretora da unidade escolar, Andrea Correa, juntamente ao corpo docente, entenderam a necessidade de se criar um grupo de guias mirins,

Foi assim que surgiu esta ideia de estar aproveitando as crianças, para que elas apresentassem a história da nossa comunidade. Aí as crianças foram sendo inseridas em suas histórias, como protagonistas, onde ela faz parte dessa comunidade [...] (Lube, Andrea Correa), 2023. Acervo pessoal do pesquisador).

Em relação à apropriação que a escola e os estudantes fizeram do circuito, cabe ressaltar que os sujeitos envolvidos imprimiram suas marcas no projeto, o que pode ser percebido na fala da diretora Andrea:

O resgate cultural e histórico da comunidade, onde os alunos e os professores fizeram uma caminhada, onde os alunos eles mesmos contam sete pontos, sete paradas da comunidade. A primeira parada é o percurso onde era o canal Marinho, e a origem do nome Araçatiba. Depois na segunda parada, é a chamada árvore que chora, que é a história da árvore do Mulemba. A terceira parada é o sítio arqueológico Araçatiba I, onde tem as cerâmicas indígenas. Depois a quarta parada é o sítio arqueológico Araçatiba II, entreposto comercial de Araçatiba. A quinta parada é o morro de Araçatiba, onde fala-se do refúgio de escravizados. A sexta parada é a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda de Araçatiba, que é um patrimônio cultural onde as crianças falam sobre a sigla SVM, e também falam do ano em que a igreja foi reformada. E a sétima parada é na frente da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda com o encerramento do congo. E aí todo esse guia, ele foi passo a passo, auxiliado, na verdade, criado pelos professores Josimar, que na época ele trabalhava na Secretaria de Educação de Viana, na SEMED e com o professor Marcos Aurélio, que aí Marcos Aurélio vinha pra cá, nós fazíamos uma roda de estudo, até a própria caminhada, após às 16 horas ele se disponibilizava, e a gente construiu junto este circuito pedagógico (Lube, Andrea Correa), 2023. Acervo pessoal do pesquisador).

Como dito anteriormente, o circuito foi pensado com diferentes atores sociais, é em sua natureza dinâmico, e na medida que é incorporado e ressignificado pela comunidade local, revela-nos sua força e sua importância nas disputas pelas memórias e pelos espaços no presente. A escola da comunidade quilombola de Araçatiba assumiu a dianteira do circuito cultural, conforme perceptível nas imagens abaixo.



Figura 89 – Projeto de guias mirins – Apresentação do sítio arqueológico Araçatiba IV. **Fonte:** Acervo da EMEF Araçatiba (2019).



Figura 90 – Projeto de guias mirins – Apresentação da lenda da criança que chora próxima ao mulemba. **Fonte:** Acervo da EMEF Araçatiba (2019).

O projeto de guias mirins tem sido desenvolvido com o protagonismo dos estudantes da EMEF Araçatiba, que em sua maioria mora na região. E conta com a orientação e o trabalho dos docentes e da direção desta escola. Alunos de diferentes regiões são recepcionados na comunidade quilombola de Araçatiba por estes guias.

Ao longo dessa experiência com a execução do circuito cultural quilombola de Araçatiba. Podemos perceber que na medida em que o circuito foi sendo desenvolvido, várias parcerias foram fortalecidas, principalmente, com a comunidade local, além dos parceiros externos como a Secretaria de Educação de Viana. O

objetivo maior foi alcançado, com a apropriação do circuito pela escola da comunidade quilombola de Araçatiba (conforme pode ser observado no material produzido pela própria escola - Anexo C). Sem contar que, o circuito criou uma demanda por aprofundarmos e ampliarmos mais os estudos na região, o que me levou a este mestrado em arqueologia. Por este motivo termino este capítulo apresentando esta experiência educativa de valorização patrimonial, pois a partir dela fui motivado a ingressar no programa de pós-graduação em Arqueologia da Univasf.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou discutir o contexto de formação do território quilombola, composto pelas comunidades de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo, que se desenvolveu entre o final do século XIX e o início do século XX, dentro dos limites da antiga fazenda Araçatiba, no Espírito Santo. Buscamos por meio de uma análise histórica, arqueológica e etnográfica, relacionar os chamados espaços de autonomia escrava, com a formação destas três comunidades estudadas nesta pesquisa.

É substancial ressaltar que a escravidão foi certamente um dos capítulos mais perversos da história da humanidade, haja vista que africanas e africanos foram retirados forçosamente de seus territórios e suas famílias, numa tentativa explícita de desumanizá-los. Durante séculos o rígido sistema escravista impunha as pessoas escravizadas suas regras, e aos que tentavam resistir ao sistema, eram duramente penalizados. Por outro lado, não se pode pensar que estas pessoas escravizadas, aceitavam de forma passiva as imposições do sistema escravista.

E é nesta direção que esta pesquisa buscou caminhar, mostrando as alternativas que estas pessoas escravizadas forjavam na busca por imprimir suas subjetividades, criando mecanismos na manutenção de suas ancestralidades, ora enfrentando diretamente o sistema, com revoltas, fugas e aquilombamentos, mas também é preciso perceber que a resistência perpassava por estratégias de acomodações, em muitos casos agiam nas entrelinhas das normas estabelecidas pelo sistema escravista, negociando espaços que eram religiosos, sociais e físicos.

Vale ressaltar as limitações que se colocaram durante o percurso desta pesquisa em questão. Em primeiro lugar, destacamos a escassez de fontes que abordem a região estudada, em outras palavras, as fontes históricas e arqueológicas. Somado a ausência de pesquisas acadêmicas sobre arqueologia afrodiáspórica em solo capixaba. Por fim, outro dificultador foi que esta pesquisa foi afetada, em certa medida, pelo contexto de pandemia da COVID-19 que o mundo atravessou, principalmente, entre 2020 e 2021, o que dificultou o acesso a estas comunidades quilombolas. Todavia, o desenvolvimento do trabalho foi possível devido um esforço coletivo, que contou com a participação destas comunidades e de vários pesquisadores, das mais variadas áreas do conhecimento, em especial contou com a existência de um considerável banco de dados, que foi construído durante mais de

dez anos de pesquisa por um grupo de pesquisadores extremamente comprometido com a temática afrodiaspórica. Pesquisadores que até a presente data atuam no território quilombola da antiga fazenda Araçatiba.

Feito esta necessária e justa ressalva, o texto produzido nesta dissertação foi o resultado possível desta combinação de fatores, e de forma alguma se pretendeu esgotar o tema sobre os chamados espaços de autonomia escrava na região estudada. Pelo contrário, foi um movimento no intuito de dar continuidade a uma abordagem já realizada na dissertação de história que defendi em 2017, e que teve como proposta apresentar estes espaços de autonomia escrava, utilizando as fontes históricas, focando exclusivamente na comunidade quilombola de Araçatiba. Desta feita, esta pesquisa visou discutir o potencial da incorporação do conceito “espaços de autonomia escrava” nos estudos arqueológicos afrodiaspóricos da região.

É *sine qua non* salientar que o objetivo principal desta pesquisa é problematizar o processo de formação destas comunidades, mostrando que os espaços de autonomia escrava contribuíram para a formação de uma territorialidade quilombola na região. Na construção desta narrativa, o texto foi dividido em três partes, a saber.

No primeiro capítulo as fontes históricas e arqueológicas nos possibilitaram compreender o contexto de formação da antiga fazenda Araçatiba, desde o período jesuítico, até o momento em que é administrada pela família Vieira Machado. Apresentando-nos sua dinâmica de produção e um pouco das relações sociais que se estabeleceram nesta unidade produtiva. O contexto arqueológico apresentado a partir das análises dos relatórios, auxiliou-nos na compreensão do potencial que a região tem para os estudos arqueológicos afrodiaspóricos. Apresentando que as pessoas escravizadas nesta propriedade negociavam os espaços, numa significativa mobilidade territorial, visto que iam demarcando lugares e imprimindo suas marcas. O que não significa ausência de conflitos, pois eles existiam, assim como os elementos de reprimi-los. Mas a busca pelos espaços de autonomia escrava é perceptível e permanente, mostrando que estas relações transitavam entre negociações e conflitos.

No capítulo dois, buscamos apresentar outros contextos de pesquisas, em especial da região Sudeste, discutindo as relações que se estabeleceram entre senhores e pessoas escravizadas de outras unidades produtivas. Reflexões que contribuíram para corroborar com a ideia da existência de espaços em que as pessoas escravizadas negociavam suas sociabilidades, seus projetos familiares, suas relações religiosas, assim como a mobilidade destas pessoas escravizadas dentro destas

unidades produtivas. Mostrou-nos, também, o potencial existente na pesquisa que dialogam com as fontes escritas e arqueológicas.

Por fim, o capítulo três foi realizado um estudo histórico e etnográfico apresentando o processo de formação das três comunidades aqui estudadas. Evidenciando como que a análise das transformações da paisagem nos auxilia na compreensão da composição deste território quilombola. Comunidades quilombolas que foram formadas entre o final do século XIX e início do século XX, oriundas de diferentes processos de apropriação das terras. Enquanto a comunidade quilombola de Araçatiba se originou de uma doação de terras para Nossa Senhora da Ajuda, que tinha como objetivo a permanência dos quilombolas na região. A comunidade quilombola de Jacarandá, por sua vez, foi formada a partir de uma doação das terras para os quilombolas no final do século XIX. E por fim, a comunidade de Mucambo se originou, em parte da compra de terras por uma pessoa que havia sido escravizada nas terras de Araçatiba, em parte, pois como já salientado neste trabalho, a formação desta comunidade incorporou outras formas de ocupação, inclusive a possibilidade de grupos aquilombados terem se incorporados nesta comunidade no pós-abolição.

O estudo da formação destas três comunidades quilombolas, possibilitou-nos compreender a relação entre os chamados espaços de autonomia escrava e a formação de uma paisagem e de uma memória que dialoga diretamente com as categorias que utilizamos nesta dissertação. As três comunidades têm nas suas origens uma forte relação com as terras de uso comum, o que contribuiu para a formação de uma territorialidade negra na região estudada. As narrativas e a paisagem nos dão indícios que há uma relação entre os quilombolas de cada comunidade com as subcategorias que usamos neste trabalho. Se por um lado nas terras da santa (Comunidade quilombola de Araçatiba), se produz uma paisagem e memórias ligadas ao universo do sagrado, evidenciado na proteção à igreja e na devoção à Nossa Senhora da Ajuda; por outro, a as terras de herdeiro (Comunidade quilombola de Jacarandá), produz uma paisagem e uma memória ligada ao trabalho rural. Evidenciado no cultivo dos moradores de suas próprias rocinhas e na presença de materialidades que permeiam o ambiente de produção (as ruínas do engenho). Por fim, nas terras de preto (Comunidade quilombola de Mucambo), a paisagem e a memória giram em torno da compra das terras e da ligação direta feita entre os quilombolas com a família de dona Verônica. Perceptível na atuação que o mestre Duca e sua família tem na região. Tendo em vista a centralização da produção material

e imaterial gira em torno desta família. Cabe ressaltar, que neste capítulo fica perceptível que os lugares e as memórias permanecem em constante disputa no presente.

Finalizando o terceiro capítulo, apresentamos o circuito cultural quilombola Araçatiba, que foi construído em diálogo com diferentes atores, tanto da comunidade, quanto externos, como outros pesquisadores. Como dito durante o desenvolvimento do capítulo, este circuito cultural passou por várias transformações, no nome e no percurso. No início tinha como finalidade apresentar toda a comunidade, sem um recorte étnico específico. Aos poucos o circuito foi ganhando um contorno mais afrodiaspórico, tendo como objetivo aproximar os visitantes destes espaços que foram levantados durante estes anos de pesquisas, e que aqui foram apresentados. Cabe ressaltar que o próximo passo será estender o circuito para as comunidades de Jacarandá e Mucambo. A princípio este circuito maior se chamará “*Circuito Cultural Travessia*”.

Esta pesquisa possibilitou-nos entendermos o quanto foi complexo a formação destas três comunidades, pois as relações entre senhores e as pessoas escravizadas perpassavam por conflitos e acomodações. E que é neste cenário que se constroem estas comunidades. Todavia, o que se buscou nesta pesquisa foi problematizar a contribuição dos chamados espaços de autonomia escrava na formação deste território. As pesquisas no território estudado permanecem acontecendo, os grupos sociais são dinâmicos, e certamente futuras pesquisas apontarão novos caminhos. Enquanto buscamos novas perguntas e respostas para estas e outras indagações levantadas e apontadas neste trabalho, vamos com as comunidades locais construir e fortalecer o Circuito Cultural Travessia, mapeando estes lugares da memória afrodiaspórica do território e possibilitando que outras pessoas possam conhecer e se apropriar destes espaços, que mesmo após o fim da escravidão ainda estão em permanente disputas.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Camilla. À sombra da clandestinidade: práticas religiosas e encontro cultural no tempo do tráfico ilegal de escravos. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 77–105, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11852>. Acesso em: 17 jan. 2022.
- AGOSTINI, C. Cultura material e a experiência africana no sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, p.39-47, jan. 2009.
- AGOSTINI, Camilla. Espaços estruturais e espaços liminares na ordem escravista: um estudo dos espaços construídos por africanos e afrodescendentes no complexo cafeeiro do século XIX. In: *Coleção Paisagens Culturais Vol 1. Materialização da paisagem através das manifestações sócio culturais*. Carlos G.Terra e Rubens de Andrade (org.). Rio de Janeiro: UFRJ, EBA, 2008. p. 39-47.
- AGOSTINI, Camilla. Painéis e paineleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX. *Revista Latino-americana de Arqueologia Histórica: UFMG, Belo Horizonte/Brasil*, v. 4, n. 2, p. 127-144, jul. 2010. Semestral.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O trato dos viventes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto**: terras tradicionalmente ocupadas. 2. ed. Manaus: Pgsca–ufam, 2008.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **A África brasileira**: população e territorialidade. Brasília: CIGA – CESPE, 2010.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites século XIX. Rio de Janeiro: Terra e Paz. 1987.
- BALESTRERO, Heribaldo Lopes. *A obra dos jesuítas no espírito Santo*. 2. ed. Viana: Jep Gráfica, 2012. 172 p. Primeira edição em 1979.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em Espaço Branco**. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- BANDEIRA, A. M. Aproximações entre a etnografia arqueológica e os modos de fazer na comunidade quilombola de Itamatatuiá, Alcântara – Maranhão. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 12, n. 1 [20], p. 30–46, 2018. DOI: 10.20396/rap.v12i1.8653106. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8653106>. Acesso em: 01 jan. 2021.

BRANDÃO, Rita Correia. (org.). **Araçatiba: terra de descendentes de escravos e patrimônio da santa.** Direção Executiva: Disirée Cipriano e Vinícius Bastos. Produção: Pró-Reitoria de Extensão –UFES. Roteiro: Janne Coutinho e Léa Garcia. Edição: Adriano Dida e Paulo Góes. 2007, p. 10.

CAMPOS, Adriana Pereira (Comp.). Escravidão, reprodução endógena e criouliização: o caso do Espírito Santo no Oitocentos. **Topoi**, Espírito Santo, p.84-96, 23 jul. 2011.

CAMPOS, Adriana Pereira. **Nas barras dos tribunais: Direito e escravidão no Espírito Santo do século XIX.** 2003. 277 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000085.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

CARLE, Cláudio. **A organização espacial dos assentamentos de ocupação tradicional de africanos e descendentes no Rio Grande do Sul, nos séculos XVIII e XIX.** 2005. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CARVALHO, José de Antonio. **O Colégio e as residências dos jesuítas o Espírito Santo.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1982.

CHARTIER, Roger. A história na era digital. CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CIRILO, Aparecido José. Espaço cultural quilombola: Mapeamento físico e cultural do território da fazenda de Araçatiba. Edital Proext - MEC/SEsu, 2015.

COMUNIDADE DE JACARANDÁ TEVE PONTE DE ACESSO DERRUBADA APÓS VÁRIOS DIAS DE CHUVA. Realização de Heloyse Faustino. Guarapari, Es.: Tv Guarapari, 2022. (3 min.), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/ZFFZyjVtsOU?si=CQaO0qzT9PWsTTnx>. Acesso em: 11 jun. 2023.

CONDE, Bruno Santos. **Depois dos jesuítas: a economia colonial do Espírito Santo (1750-1800).** 2011. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

COSTA, Alex Andrade. **Arranjos de sobrevivência: autonomia e mobilidade escrava no Recôncavo Sul da Bahia 1850-1888.** 2009. 195 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.

COSTA, Henrique Antônio Valadares. **Relatório Técnico de Diagnóstico Arqueológico não interventivo:** (levantamento de potencial arqueológico) em área de unidade de termelétrica Vila Velha i, ii e iii. Viana, ES: [S.N.], 2010.

COSTA, Henrique Antônio Valadares. **Relatório Arqueológico.** In: Projeto de restauração do conjunto arquitetônico e entorno da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda - Araçatiba, Viana,ES: Superintendência do IPHAN no ES: [S.N.], 2013.

COSTA, Henrique Antônio Valadares. **Relatório Técnico de Diagnóstico Arqueológico não interventivo:** (Levantamento de Potencial Arqueológico) em área da antiga fazenda jesuítica de Araçatiba, Viana,ES: [S.N.], 2014.

CUNHA, Maria José dos Santos. **Os Jesuítas no Espírito Santo 1549-1759: contactos, confrontos e encontros**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade de Évora, Évora, 2014.

CRIADO BOADO, Felipe. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. **CAPA: cadernos de arqueología e patrimônio**, n. 6, p. 1-82, 1999.

DAEMON, Basílio. **Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística**. 2. ed. Vitória: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010.

DUTRA, Thiara Bernardo. **Autoridades coloniais e o controle dos escravos: Capitania do Espírito Santo, 1781-1821**. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2016.

FAGUNDES, M.; PIUZANA, D. Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 205–220, 2010. Disponível em: <https://revistaumanizales.cinde.org.co/rlcsnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/51>. Acesso em: 29 feb. 2022.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GOMES, Flávio dos Santos. Outras cartografias da plantation: espaços, paisagens e cultura material no sudeste escravista. In: Camilla Agostini. (Org.). **Objetos da Escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. v. 1, p. 83-104.

GUIMARÃES, Carlos et al. O quilombo do Ambrósio: lenda, documentos e arqueologia. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v.16, n.1-2, p.161-174. 1990.

GUIMARÃES, Carlos; LANNA, Ana. Arqueologia de quilombos em Minas Gerais. **Pesquisas – Antropologia**, São Leopoldo, n. 31, p.147-164. 1980.

GUIMARÃES, Carlos Magno; CARDOSO, Juliana de Souza. Arqueologia do quilombo: arquitetura, alimentação e arte (Minas Gerais). In: MOURA, Clóvis (org.). **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001, p. 35-60.

LAGO, Rafaela Domingos. **Sob os olhos de Deus e dos homens: escravos e parentesco ritual na província do Espírito Santo (1831-1888)**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2013.

LIMA, T. A.; SENE, G. M.; SOUZA, M. A. T. de. Em busca do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, [S. l.], v. 24,

n. 1, p. 299-391, 2016. DOI: 10.1590/1982-02672016v24n0111. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/119850>. Acesso em: 28 fev. 2024.

LINO, Jaisson Teixeira. A ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM COMO ENFOQUE TEÓRICO PARA O ESTUDO ARQUEOLÓGICO DA GUERRA DO CONTESTADO. **Revista Tempos Acadêmicos**: Dossiê Arqueologia Histórica, Criciúma, n. 10, p.09-11, jan. 2012. Anual.

LITTLE, B. Povos com história: uma revisão da Arqueologia Histórica nos Estados Unidos. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 122-165, 2014. DOI: 10.31239/vtg.v8i2.10596. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11835>. Acesso em: 29 fev. 2022.

LOURENÇO, Karolline de Oliveira. **Patrimônio cultural e território**: banda de congo mãe petronilha de araçatiba, viana/es. 2021. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

MARQUES, Silvia Corrêa. Espaço de resistência e trocas culturais no meio rural brasileiro: apontamentos sobre o quilombo do Jaó. **Revista de Arqueologia**. v. 27, n. 1, p. 217-234, 2014. Disponível em: https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2019/03/aula-14.-silvia-marques_quilombo_2014.pdf. Acesso em: 26 dez. 2020.

MACHADO, Christiane Lopes. **Diagnóstico Arqueológico em Áreas da Comunidade de Linharinho** - Conceição da Barra, ES: [S.N.], 2008.

MACHADO, M. H. P. T. Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 143-160, 1988.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CATRO, Paula Almeida de (org.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: Eduepb, 2011. p. 49-83. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2021.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha; GURAN, Milton. **Inventário dos Lugares de Memória do tráfico atlântico de escravos e da história dos africanos escravizados no Brasil**. Niterói: PPGH/UFF, 2014.

MERLO, P. M. da S. **À sombra da escravidão**: negócios e família escrava (Vitória/ES, 1800-1830). 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

MERLO, Patrícia Maria da Silva. **O nó e o ninho**: estudo sobre a família escrava em Vitória, Espírito Santo, 1800-1871. 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MIRANDA, Maria Geralda de. O embondeiro e a mulemba: árvores e literatura. In: Revista Mulemba. Nº 1. On-line. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4671>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MORAES, Irislane Pereira de. **Do tempo dos pretos d'antes aos povos do Aproaga**: patrimônio arqueológico e territorialidade quilombola no vale do rio Capim (PA). 2012. 237 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2012.

MORAIS JUNIOR, Geraldo Pereira de; SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Identidades y Prácticas Alimentarias en la Comunidad Esclavizada del Colegio de los Jesuitas de Campos dos Goytacazes (Rio de Janeiro). **Revista de Arqueología Histórica Argentina y Latinoamericana**, Buenos Aires, v. 1, n. 13, p. 33-55, 2019.

MOURA, Clovis. **Rebeliões da Senzala**. 3. ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 29 fev. 2022.

NOVAES, Luciana de Castro N. **A borda do mar como um lugar cultural**: Arqueologia de praias e a dialética étnico-marítima do patrimônio imaterial no sítio da Preguiça, Salvador/Bahia. 2017. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2017.

NOVAES, Luciana de Castro N. **O Exu Submerso**: uma arqueologia da religião e da diáspora no Brasil. Paraná: Appris, 2019.

NUNES, Rafaela Domingos Lago. **Entre a escravidão e a liberdade em Vitória/ES (1871-1920)**. 2018. 240 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2018.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravagista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REVISTA VIDA CAPICHABA (ES). Hemeroteca Digital, 23 maio 1931. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=156590&pasta=ano%20193&pesq=Ara%C3%A7atiba&pagfis=9630>. Acesso em: 10 abr. 2022.

RIBEIRO, Geisa Lourenço. **Enlaces e desenlaces**: família escrava e reprodução endógena no Espírito Santo (1790-1871). 2012. 201 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

RIBEIRO, Geisa Lourenço. **“O glorioso ato de 13 de maio”**: escravidão e liberdade na comunidade remanescente de quilombo de Monte Alegre, Cachoeiro de Itapemirim-es (1885-2019). 2021. 329 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na Geographia Nacional**. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901. Disponível em: http://biblio.wdfiles.com/local--files/sampaio-1901-tupi/sampaio_1901_tupi.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022.

SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor: Identidade étnica. Religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Marcos. A vida escrava portas adentro: uma incursão às senzalas do Engenho de São Joaquim, Goiás, século XIX. **Maracanan**, Rio de Janeiro, v.7, p.83-109, 2011.

SOUZA, Marcos A., SYMANSKI, Luís. Slave communities and pottery variability in Western Brazil: the plantations of Chapada dos Guimarães. **International Journal of Historical Archaeology**, New York, n.13, p. 513-548, 2009.

STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 9, n. 39, p.115-137, jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31689/20209>. Acesso em: 01 set. 2021..

SUBTIL, J. ; TAGARRO, H. ; CIRILLO, A. J. . Araçatiba e suas territorialidades: de grande fazenda jesuítica a resquícios de Terra de Santo. In: XIV COLOQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA, 2014, GUIMARÃES, PT. A JANGADA DE PEDRA. GEOGRAFIAS ÍBERO-AFRO-AMERICANAS. GUIMARÃES: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GEÓGRAFOS, 2014. v. 1. p. 1344-1348.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. A arqueologia da diáspora africana nos Estados Unidos e no Brasil: problemáticas e modelos. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 49, p. 159-198, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912014000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jan. 2021.

SYMANSKI, Luís Cláudio P.; GOMES, Flávio. Arqueologia da escravidão em fazendas jesuíticas: primeiras notícias da pesquisa. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 1, p. 309-317, Dec. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702012000500016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jan. 2021.

SYMANSKI, P. L. C.; GOMES, Flávio; SUGUIMATSU, I. C. Práticas de descarte de refugio em uma plantation escravista: O caso da fazenda do Colégio dos jesuítas de Campos dos Goytacazes. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 93–122, 2015. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/418>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SYMANSKI, P. L. C.; GOMES, Flávio; SUGUIMATSU, I. C. O Domínio da Tática: práticas religiosas de origem africana nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 1 n. 2, p. 7-36, 2007.

SYMANSKI, P. L. C.; GOMES, Flávio; SUGUIMATSU, I. C. Cerâmicas, identidades escravas e crioulação nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **História Unisinos**, v. 14, n. 3, p. 294-310, 2010.

VERTELO, Marcos Aurélio dos Santos. **ARAÇATIBA**: Apropriação, transmissão e transição do poder simbólico num matriarcado; 2013; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

VERTELO, Marcos Aurélio dos Santos. **Comunidade de Araçatiba, Viana, ES**: Herança e devoção de afrodescendentes no pós-abolição. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

VISTA parcial da cidade: Igreja Nossa Senhora da Ajuda : Viana, ES. Igreja Nossa Senhora da Ajuda : Viana, ES. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=438841>. Acesso em: 15 jun. 2022.

WIED, Maximilian, Prinz von, 1782-1867. **Viagem ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989. p. 145-146.

ANEXO A - MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DO CIRCUITO ARAÇATIBA

INTRODUÇÃO

O presente texto paradigmático possui como objetivo apresentar aspectos constitutivos da história e cultura da identidade afro-brasileira da comunidade de Araçatiba. Pretende-se alcançar esse objetivo por meio da junção do patrimônio material e imaterial dessa comunidade. Esse texto possui como base a dissertação de Marcos Aurélio dos Santos Vertello que atualmente trabalha como professor e formador de História da prefeitura municipal de Viana. A dissertação foi defendida em 2017 e possui como título: "Comunidade de Araçatiba, Viana-ES: herança e devoção de afrodescendentes no pós-abolição".

BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE ARAÇATIBA.

A Comunidade de Araçatiba é oriunda da antiga fazenda jesuítica homônima, com enorme importância para o abastecimento da Capitania do Espírito Santo, durante o período colonial. Após a expulsão dos jesuítas do Brasil, esta fazenda passa para mãos de particulares, como o Coronel Sebastião Vieira Machado, que a mantém como importante produtora de açúcar e cachaça. Com o fim da escravidão parte dessas terras é doadas para a Santa Nossa Senhora da Ajuda. A comunidade afro-brasileira no pós-abolição construiu uma memória vinculando a doação das terras à permanência dos negros neste território. Segundo a tradição oral, a contrapartida era que eles permanecessem cuidando da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda.




CIRCUITO PEDAGÓGICO DE ARAÇATIBA

RIO JUCU

Além do açúcar produzido na fazenda, fabricava-se melado, mel do tanque e aguardente. Tais mercadorias eram escoadas por meio de importantes vias fluviais – no Jucu e Maruípe – e destinavam-se ao abastecimento da ilha de Vitória, sede da capitania. As produções de açúcar, aguardente e mel da fazenda passavam por um canal chamado de Camtoapina, construído pelos Jesuítas.

Através do canal os moradores de Araçatiba e do seu entorno, como os da fazenda Jacaranda, transportavam seus produtos em canoas feitas de tronco de árvores, até as margens da baía de Vitória na Vila Rubim. Trazendo de lá produtos diversos que abasteciam o comércio local. Não podemos afirmar até o presente momento que esta canoa servia para transporte de outros passageiros, além dos canoeiros.

IGREJA NOSSA SENHORA D'AJUDA

Passando ao prédio da Igreja, observa-se a imponência de uma construção jesuítica datada do século XVIII. Como a proposta da Companhia de Jesus era de doutrinar e catequizar os nativos, suas construções seguiam um parâmetro arquitetônico, que facilitava sua missão. A igreja estava na maioria das vezes localizada em frente a um espaço aberto, onde não se previa a construção de casais.

Este espaço possibilitava o acesso ao templo e ao mesmo tempo criava um momento de "sociabilidade". No catálogo de bens culturais tombados no Espírito Santo fala-se que a Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda foi tombada pelo IPHAN em 20 de março de 1950.

CAMPO (ENTREPOSTO COMERCIAL)

Havia nas margens do canal em Araçatiba um entreposto comercial, que servia como distribuidor de produtos vindos da capital e comercialização da produção regional. Este sobrado tinha outras funções, uma delas era de hospedaria. Em maio de 1944, hospedou-se lá o bispo de Vitória Dom Luiz, neste período este casarão era de propriedade dos Srs. Gaudêncio e Marcelino Subtil. No final do século XIX este entreposto foi palco de revoltas escravas.

Atualmente ainda é possível encontrar ruínas deste antigo entreposto. Segundo consta no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA, a ruína da antiga edificação é elaborada em alvenaria mista de pedras (pouco trabalhadas) e tijolos maciços em argamassa, apresenta ainda estruturas de embasamento, indicando dois pavimentos, sendo o primeiro suspenso meio metro da superfície, verifica-se ainda algum reboco e pinturas na base de coloração branca. Datando possivelmente de meados do século XIX.

ALAMBIQUE DA CACHAÇA ARAÇATIBA

No relato abaixo, o senhor Isnei Elias de Oliveira, morador do bairro do Indiviso, vizinho da comunidade de Araçatiba, localizada no município de Viana, fala no triângulo que separa a entrada da comunidade do caminho que vai em direção à Indiviso e Jacaranda, ficava o alambique:

[...] Naquele triângulo era o alambique da cachaça de Araçatiba. E quando eu era criança, tinha um alambique ali. [...] Há muitos anos, peguei muita cachaça ali [...] Tinha um alambique ali no Indiviso – Bairro do município de Viana, próximo a Araçatiba. Há anos [...] veio procurar o alambique ali onde estava a locomotiva que mudou para o alambique da cachaça Araçatiba. Diz que não sabia. Lembro muito da máquina, porque lá sempre estava lá na hora do almoço se escutava: Piu, deu a máquina e a locomotiva e a máquina tava lá na boca. Lembro demais, mas não sei para onde foi [...]

Vale ressaltar que Isnei nasceu em 1924 e, no seu relato, ele já em Araçatiba quando tinha aproximadamente treze anos. Logo é possível considerar que este alambique ainda estava em funcionamento nas décadas de 1930/1940.





SÍTIO ARQUEOLÓGICO CERÂMICO

Segundo o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA, o sítio cerâmico está a céu aberto com Indicações de contato entre populações filiadas a uma cultura indígena e ao antigo aldeamento jesuítico de Araçatiba devido à presença pontual de fragmentos de cerâmica europeias elaboradas em técnicas de engobramento e queima em forno de redução. Com a construção da estrada de acesso, encontra-se no presente parcialmente destruído e com perfil estratigráfico exposto em ambos os lados, apresentando alta densidade de material arqueológico em fragmentos cerâmicos.

CRÉDITOS:

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTES E LAZER – DIRETORIA EXECUTIVA PEDAGÓGICA
Comissão da Diversidade Sexual, de Gênero e Estudo em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (CEAFRI – Viana)

ANEXO B – MATÉRIA SOBRE O INÍCIO DO PROCESSO FORMATIVO DOS CONDUTORES MIRINS



ANEXO C – MATERIAL DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO GUIAS MIRINS – PRODUZIDO PELA EMEF ARAÇATIBA.



PREFEITURA MUNICIPAL DE VIANA
EMEF ARAÇATIBA

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS- 2019



INTRODUÇÃO

A EMEF Araçatiba vem através de suas práticas desenvolvendo projetos que buscam valorizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural, para entender e explicitar a realidade, colaborando para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva, levando o aluno a ser protagonista da sua própria história.



JUSTIFICATIVA



A ideia do projeto surgiu da necessidade de afirmação e resgate de identidade quilombola dos alunos inseridos na EMEF ARAÇATIBA. Sendo assim, a proposta da equipe pedagógica foi de se fazer um resgate cultural e histórico, partindo do contexto histórico da própria comunidade. As temáticas abordadas foram pesquisadas previamente pelo corpo docente, onde ficou definido de que forma se daria o resgate cultural e histórico da comunidade escolar dentro da aplicabilidade da lei 10.639/03. Após as pesquisas, a equipe pedagógica definiu que os estudos e as descobertas, estarão entrelaçados aos conteúdos das demais disciplinas curriculares, num trabalho interdisciplinar. O trabalho com as diferentes manifestações culturais de nosso município com alunos do período integral, se deve ao fato de que, a educação tem um compromisso com o resgate e a disseminação das raízes e da história de nosso povo. Assim os professores precisam incluir em suas atividades docentes atividades que possam enriquecer os conhecimentos dos alunos, resgatando sua cultura e sua identidade enquanto cidadão capaz de construir seu futuro, sem esquecer de seu passado e de suas raízes.



OBJETIVO GERAL:



Resgatar as origens das manifestações culturais local, valorizando e divulgando os fatos da história da comunidade de Araçatiba, num contexto educativo de ensino e aprendizagem.



Resgate cultural e histórico da comunidade.



A criança sendo inserida em sua história, como protagonista.





OBJETIVOS ESPECÍFICOS




Conhecer as origens das diversas formas de manifestação cultural, principalmente as apresentadas nos registros históricos.




Coletar relatos vivenciados e experiências das famílias dos educandos que fazem parte da cultura local.



Apresentar sugestões de como a cultura de nosso município pode ser trabalhada com crianças do Ensino Fundamental anos iniciais.



Valorizar e preservar o patrimônio histórico cultural local.




Projeto Guias Mirins.




Outra ação que se tornou realidade durante a implementação do projeto foi o “Guias mirins”, que após os estudos das pesquisas e relatos do resgate cultural e histórico da comunidade os alunos e os professores fizeram uma caminhada, onde os próprios alunos contavam a história de Araçatiba através de 7 paradas.







1ª Parada – PERCURSO ONDE ERA O CANAL MARINHO E ORIGEM DO NOME .



2ª Parada – ÁRVORE QUE CHORA “HISTÓRIA DO PÉ MULEMBÁ” .



3ª Parada – SITIO ARQUEOLÓGICO 1 “CERÂMICA INDÍGENAS” .



4ª Parada –SITIO ARQUEOLÓGICO 2 “ENTREPOSTO COMERCIAL DE ARAÇATIBA” .



5ª Parada – MORRO DE ARAÇATIBA “REFÚGIO DE ESCRAVOS”



6ª Parada – IGREJA NOSSA SENHORA DA AJUDA ARAÇATIBA
“PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL .



7ª Parada – IGREJA NOSSA SENHORA DA AJUDA ARAÇATIBA
“PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL .



PARA DAR CONTINUIDADE AO PROJETO E DEVIDO AO FLUXO ESCOLAR O PROJETO GUIAS MIRINS NO ANO DE 2021 FOI REFORMULADO SENDO ASSIM, ACRESCENTARAM-SE NOVAS PARADAS PARA OPORTUNIZAR A PARTICIPAÇÃO DE NOVOS INTEGRANTES NO PROJETO.

REFERENCIAL TEÓRICO

A maneira como enxergamos o mundo se modifica quando adquirimos o hábito da leitura, pois a leitura verdadeira é aquela que relê a realidade; que revela uma visão crítica sobre o mundo. A leitura do mundo não surge apenas com a prática de leitura de textos, a leitura do mundo como dizia Paulo Freire (1994) precede a leitura da palavra. Assim, antes mesmo de alguém ler uma palavra, já existe uma leitura de mundo que irá basear a leitura da palavra.

